

**Exercício 1**

(Unesp 2021) Assim como a língua de um povo, os genes são representados por um código de letras. No código genético, as letras referem-se às iniciais das bases nitrogenadas que, combinadas em uma sequência específica, compreendem um significado químico relativo a uma proteína. Analise a sequência de letras na oração a seguir.

A tua gata Cuca ataca a cacatua Cacau.

Nessa oração, as palavras formadas integralmente por letras que se referem a bases nitrogenadas encontradas no DNA pertencem às seguintes classes gramaticais:

- a) preposição, pronome e verbo.
- b) artigo, pronome e substantivo.
- c) artigo, substantivo e verbo.
- d) preposição, substantivo e adjetivo.
- e) artigo, adjetivo e verbo.

**Exercício 2**

(G1 - epcar (Cpcar) 2022)



O teor crítico da charge decorre da união de vários elementos, que se complementam no ato da leitura, levando o leitor à reflexão. Considerando-se isso, assinale V para as proposições verdadeiras e F para as falsas. A seguir, marque a sequência correta.

- ( ) O duplo sentido presente no termo “consumo”, que pode ser lido como substantivo ou como verbo, não tem relevância para a interpretação da charge.
- ( ) A pontuação na fala dos personagens – exclamação nos 2 primeiros quadrinhos e reticências no último – poderia ser substituída por ponto final, sem alteração do sentido global da charge.
- ( ) A informação visual permite estabelecer a diferença entre o que é nomeado como “orgânico” na primeira e na terceira cenas.

( ) No último quadrinho, a referência ao dado da ONU enfatiza a desigualdade do personagem deste quadrinho em relação aos anteriores.

- a) V, F, V, F
- b) F, V, F, V
- c) V, V, F, F
- d) F, F, V, V

**Exercício 3**

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Consumismo: impactos para o bolso e para o planeta**

Carlos Eduardo Costa

<sup>1</sup>Há vários anos, a sociedade moderna tem sido rotulada como a sociedade do consumo. A grande questão, na verdade, é que <sup>2</sup>temos assistido à consolidação de uma sociedade consumista. E esse é o grande problema.

<sup>3</sup>Em uma sociedade de consumo, <sup>4</sup>as pessoas adquirem produtos e serviços necessários para sua vida. Consumismo, ao contrário, é o ato de comprar produtos e serviços sem necessidade e consciência. É compulsivo e descontrolado. <sup>5</sup>Não basta se vestir, é preciso acompanhar todas as tendências da moda. Não é suficiente o conforto proporcionado por alguns produtos tecnológicos, é necessário possuir os últimos lançamentos. Numa sociedade consumista, o consumidor é permanentemente incentivado a adquirir novos produtos.

<sup>6</sup>E essa onda consumista traz graves consequências para a nossa sociedade. No plano individual, <sup>7</sup>um <sup>8</sup>grande número de pessoas se encontra em uma situação de endividamento extremo estimulado pelo desejo de consumo. (...).

<sup>9</sup>Já no plano coletivo, é o nosso planeta que sofre com o consumismo. <sup>10</sup>O meio ambiente é diretamente afetado, pois o consumo desenfreado e o desperdício, muitas vezes causado pela falta de conhecimento, requerem o uso de mais matérias-primas, e, consequentemente, também geram grande quantidade de resíduos. <sup>11</sup>Por causa disso, os ambientalistas acreditam que <sup>12</sup>o nosso planeta está gravemente doente, <sup>13</sup>e <sup>14</sup>alguns dos sintomas já são sentidos e estão piorando as condições de vida na Terra, como, por exemplo, o aquecimento global. (...)

(Disponível em:

<https://www.campograndenews.com.br/artigos/consumismo-impactos-para-o-bolso-e-para-o-planeta>. Acesso em 13/03/2021)

(G1 - epcar (Cpcar) 2022) Assinale a alternativa em que a alteração sugerida no trecho do texto atende à norma padrão da língua.

- a) "...temos assistido à consolidação de uma sociedade..." (ref. 2)  
☐ ...temos presenciado à consolidação de uma sociedade...
- b) "...um grande número de pessoas se encontra em..." (ref. 7) ☐  
...um grande número de pessoas se encontram em...
- c) "Já no plano coletivo, é o nosso planeta que sofre..." (ref. 9) ☐  
Embora, no plano coletivo, é o planeta que sofre...
- d) "E essa onda consumista traz graves consequências..." (ref. 6)  
☐ E esta onda consumista traz graves consequências...

#### Exercício 4

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**'A única coisa que não pode ser comprada é o saber',  
diz Nuccio Ordine**

por Leonardo Cazes

RIO - Na abertura dos seus cursos na Universidade da Calábria, na Itália, <sup>1</sup>o filósofo Nuccio Ordine sempre pergunta aos seus alunos: <sup>2</sup>"por que vocês vieram para a universidade?". A provocação de Ordine parte da sua constatação de que as instituições de ensino se tornaram meras fábricas que despejam jovens diplomados no mercado de trabalho, <sup>3</sup>e não lugares aonde se vai para compreender o mundo e a si mesmo.

Contra uma visão utilitarista dos saberes, o filósofo escreveu o manifesto "A utilidade do inútil" (...), best-seller na Europa que chega agora ao Brasil.

**Como convencer as pessoas da utilidade do que é considerado inútil?**

É preciso olhar o mundo em que vivemos, onde a lógica do dinheiro domina tudo. A única coisa que não pode ser comprada é o saber. Não é possível se tornar um homem culto com um cheque em branco. Criamos um mundo onde as pessoas pensam apenas no seu próprio egoísmo. Perdeu-se de vista o sentido da solidariedade humana. <sup>4</sup>Um mundo que nos obriga a viver na dor é um mundo possível? Eu não acredito. <sup>5</sup>Os saberes, como a música, a literatura, a filosofia, a arte, nos ensinam a importância da gratuidade. Devemos fazer coisas que não buscam o lucro. A dignidade humana não é a conta que temos no banco. A dignidade humana é a nossa capacidade de abraçar os grandes valores, a solidariedade, o amor pela justiça, o bem-estar. <sup>6</sup>Como convencer as pessoas disso? Meu argumento é que estamos numa rota autodestrutiva.

**No livro, o senhor mostra que a discussão sobre o utilitarismo e o poder do dinheiro existe há séculos. O que há de diferente hoje?**

Desde o período clássico, vários autores refletiram sobre o perigo do dinheiro. Mas, hoje, nós temos uma radicalização na busca pelo lucro que se tornou uma forma de autodestruição do

próprio capitalismo. É a ânsia de ganhar mais e mais que vai destruir o capitalismo.

(O Globo, Segundo Caderno, p. 06 – 27/02/2016.)

(G1 - epcar (Cpcar) 2022) Assinale a alternativa em que a substituição sugerida atende à norma padrão e ao sentido do texto.

- a) "...e não lugares aonde se vai para compreender..." (ref. 3) ☐ ...  
e não lugares em que se vai para compreender...
- b) "Como convencer as pessoas disso?" (ref. 6) ☐ Como  
convencer-lhes disso?
- c) "Os saberes, como a música, a literatura, a filosofia, a arte, nos ensinam..." (ref. 5) ☐ Os saberes, de acordo com a música, a literatura, a filosofia, nos ensinam...
- d) "...o filósofo Nuccio Ordine sempre pergunta aos seus alunos..." (ref. 1) ☐ ...o filósofo Nuccio Ordine sempre lhes pergunta...

#### Exercício 5

(Fmc 2021)



A palavra "viralizar" é

- a) um verbo impessoal de 1ª conjugação.
- b) uma analogia para "espalhar "fake news".
- c) um sinônimo de "se dar ao contágio de uma doença".
- d) um neologismo formado por sufixação.
- e) um estrangeirismo derivado da língua inglesa.

#### Exercício 6

(Acafe 2021) Sobre a flexão de número (singular e plural), assinale a alternativa **correta**.

a) Os nomes em –ão fazem o plural de diversas maneiras: *órgão* > *órgãos*, *limão* > *limões*, *alemão* > *alemães*.

b) O plural dos adjetivos *luso-brasileiro*, *verde-claro* e *médico-hospitalar* é, respectivamente, *lusos-brasileiros*, *verdes-claros* e *médicos-hospitalares*.

c) Os substantivos *réptil*, *ardil*, *pôster* e *giz* flexionam-se no plural, respectivamente, nas seguintes formas: *réptis*, *ardiis*, *pôsters* e *gizes*.

d) Para fazer o plural de todos os nomes terminados em -l, basta acrescentar -es: mal > males, cônsul > cônsules etc.

## Exercício 7

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Um caso de burro

*Machado de Assis*

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não

há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

“Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburio ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade.”

“Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordida o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburio ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.”

“A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburio e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim...”

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contento da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim

passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. *Requiescat in pace.*

(Efomm 2021) Assinale a opção em que a classe gramatical da palavra sublinhada é diferente das demais.

- a) “Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando.”
- b) “Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos.”
- c) “Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tálburi ou o apito do bonde, para sair logo.”
- d) “[...] não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer.”
- e) “Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?”

### Exercício 8

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### A ciência e a tecnologia como estratégia de desenvolvimento

Um dos principais motores do avanço da ciência é a curiosidade humana, descompromissada de resultados concretos e livre de qualquer tipo de tutela ou orientação. A produção científica movida apenas por essa curiosidade tem sido capaz de abrir novas fronteiras do conhecimento, de nos tornar mais sábios e de, no longo prazo, gerar valor e mais qualidade de vida para o ser humano.

Por meio dos seus métodos e instrumentos, a ciência nos permite analisar o mundo ao redor e ver além do que os olhos podem enxergar. O empreendimento científico e tecnológico do ser humano ao longo de sua história é o principal responsável por tudo que a humanidade construiu até aqui, desde o domínio do fogo até a moderna ciência da informação, passando pela domesticação dos animais, pelo surgimento da agricultura e da indústria modernas e, é claro, pela espetacular melhora da qualidade de vida de toda a humanidade no último século.

Apesar dos seus feitos extraordinários, a ciência enfrenta uma crise de legitimação social no mundo todo. Existe uma descrença do cidadão comum no conhecimento técnico e científico e, mais do que isso, um certo orgulho da própria ignorância sobre vários temas complexos. Vários fenômenos sociais recentes, como o movimento antivacinação ou mesmo a desconfiança sobre o aquecimento global, apesar de todas as evidências científicas em contrário, são exemplos dessa descrença.

A relação entre ciência, tecnologia e sociedade é de extrema complexidade, sem dúvida alguma. Ela passa por uma série de questões, tais como de que forma a ciência e as novas tecnologias afetam a qualidade de vida das pessoas e como fazer com que seus efeitos sejam os melhores possíveis? Como ampliar o acesso da população aos benefícios gerados pelo conhecimento científico e tecnológico? Em que medida o progresso científico e tecnológico contribui para mitigar ou aprofundar as

desigualdades socioeconômicas? Essas são questões cruciais para a ciência e a tecnologia nos dias de hoje.

Disponível em: <[www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/116-a-ciencia-e-a-tecnologiacomo-estrategia-de-desenvolvimento](http://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/116-a-ciencia-e-a-tecnologiacomo-estrategia-de-desenvolvimento)>. Acesso em: 24 ago. 2020.

Adaptado.

(Fmp 2021) No texto, o referente do termo ou expressão em destaque está corretamente explicitado entre colchetes em:

- a) “A produção científica movida simplesmente por essa curiosidade tem sido capaz de abrir novas fronteiras do conhecimento” (parágrafo 1) [tutela]
- b) “O empreendimento científico e tecnológico do ser humano ao longo de sua história” (parágrafo 2) [empreendimento]
- c) “Existe uma descrença do cidadão comum no conhecimento técnico e científico e, mais do que isso, um certo orgulho da própria ignorância” (parágrafo 3) [conhecimento]
- d) “Por meio dos seus métodos e instrumentos, a ciência nos permite analisar o mundo ao redor e ver além do que os olhos podem enxergar.” (parágrafo 2) [ciência]
- e) “Apesar dos seus feitos extraordinários, a ciência enfrenta uma crise de legitimação social no mundo todo.” (parágrafo 3) [crise]

### Exercício 9

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o trecho do conto-prefácio “Hipotrérico”, que integra o livro *Tutameia*, de João Guimarães Rosa.

Há o hipotrérico. O termo é novo, de impesquisada origem e ainda sem definição que lhe apanhe em todas as pétalas o significado. Sabe-se, só, que vem do bom português. Para a prática, tome-se *hipotrérico* querendo dizer: antipodático, senagraçante imprizado; ou, talvez, vice-dito: indivíduo pedante, importuno agudo, falto de respeito para com a opinião alheia. Sob mais que, tratando-se de palavra inventada, e, como adiante se verá, embirrando o hipotrérico em não tolerar neologismos, começa ele por se negar nominalmente a própria existência.

Somos todos, neste ponto, um tento ou cento hipotréricos? Salvo o excepto, um neologismo contunde, confunde, quase ofende. Perspica-nos a inércia que soneja em cada canto do espírito, e que se refestela com os bons hábitos estadados. Se é que um não se assuste: saia todo-o-mundo a empinar vocábulos seus, e aonde é que se vai dar com a língua tida e herdada? Assenta-nos bem à modéstia achar que o novo não valerá o velho; ajusta-se à melhor prudência relegar o progresso no passado. [...]

Já outro, contudo, respeitável, é o caso – enfim – de “hipotrérico”, motivo e base desta fábula diversa, e que vem do bom português. O bom português, homem-de-bem e muitíssimo inteligente, mas que, quando ou quando, neologizava, segundo suas necessidades íntimas.

Ora, pois, numa roda, dizia ele, de algum sicrano, terceiro, ausente:

– *E ele é muito hiputrérico...*

Ao que, o indesejável maçante, não se contendo, emitiu o veto:

– *Olhe, meu amigo, essa palavra não existe.*

Parou o bom português, a olhá-lo, seu tanto perplexo:

– *Como?!... Ora... Pois se eu a estou a dizer?*

– *É. Mas não existe.*

Aí, o bom português, ainda meio enfiado, mas no tom já feliz de descoberta, e apontando para o outro, peremptório:

– *O senhor também é hiputrérico...*

E ficou havendo.

(Tutameia, 1979.)

(Unesp 2021) Retoma um termo mencionado anteriormente no texto a palavra sublinhada em:

a) “Ao que, o indesejável maçante, não se contendo, emitiu o veto:” (6º parágrafo)

b) “– O senhor também é hiputrérico...” (12º parágrafo)

c) “Para a prática, tome-se *hipotrérico* querendo dizer:” (1º parágrafo)

d) “– *Como?!... Ora... Pois se eu a estou a dizer?*” (9º parágrafo)

e) “Parou o bom português, a olhá-lo, seu tanto perplexo:” (8º parágrafo)

### Exercício 10

(Unesp 2021) “Aí, o bom português, ainda meio enfiado, mas no tom já feliz de descoberta, e apontando para o outro, peremptório:

– *O senhor também é hiputrérico...*” (11º e 12º parágrafos)

Considerando o contexto, o termo sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

a) debochado.

b) contrariado.

c) distraído.

d) atrapalhado.

e) admirado.

### Exercício 11

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a crônica “Inconfiáveis cupins”, de Moacyr Scliar, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Havia um homem que odiava Van Gogh. Pintor desconhecido, pobre, atribuía todas suas frustrações ao artista holandês.

Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador.

Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh, onde quer que estivessem. Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Seu plano era de uma simplicidade diabólica. Não faria como outros destruidores de telas que entram num museu armados de facas e atiram-se às obras, tentando destruí-las; tais insanos não apenas não conseguem seu intento, como acabam na cadeia. Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.

Deu-lhe muito trabalho, aquilo. Em primeiro lugar, era necessário treinar os cupins para que atacassem as telas de Van Gogh. Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana. Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada. Dessa forma, os insetos aprenderam a diferenciar tais obras de outras.

Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh. Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.

Conseguiu introduzir os cupins no museu e ficou à espera do que aconteceria. Sua decepção, contudo, foi enorme. Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar. E por isso foram detectados.

O homem ficou furioso. Nem nos cupins se pode confiar, foi a sua desconsolada conclusão. É verdade que alguns insetos foram encontrados próximos a telas de Van Gogh. Mas isso não lhe serviu de consolo. Suspeitava que os sádicos cupins estivessem querendo apenas debochar dele. Cupins e Van Gogh, era tudo a mesma coisa.

(O imaginário cotidiano, 2002.)

(Unifesp 2020) Expressam ideia de negação e ideia de repetição, respectivamente, os prefixos das palavras

a) “deformados” e “repulsivo”.

b) “insuspeitados” e “repulsivo”.

c) “deformados” e “recobertas”.

d) “repulsivo” e “recobertas”.

e) “insuspeitados” e “deformados”.

### Exercício 12

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto a seguir é um trecho de um slam transcrito a partir da performance de sua autora, Midria, em um programa de televisão da TV Cultura. Leia-o e responda.

Eu tenho um problema: meu ascendente é em Áries.

E eu tenho outro problema: é que eu sou a menina que nasceu sem cor.

Pra alguns eu sou "preta", para outras eu sou Preta, para muitos e muitos eu sou parda.

(...) Eu sou a menina que nasceu sem cor porque eu nasci num país sem memória, com amnésia, que apaga da história todos os seus símbolos de resistência negra, que embranquece a sua população e trajetória a cada brecha, (...) E eu tenho outro problema... pô, eu não sei dar cambalhota e não importa que pra alguns eu seja a menina que nasceu sem cor, que falte melanina pra minha pele ser retinta, que os meus traços não sejam tão marcados. O colorismo é uma política de embranquecimento do Estado que por muito tempo fez com que eu odiasse meus traços genéticos do meu pai herdados. Me odiasse, me mutilasse, meu cabelo alisasse. Meninas pretas não brincam com bonecas pretas, mas faço questão de botar no meu texto que pretas e pretos estão se armando, se amando, porque me chamam por aí de parda, morena, moreninha, mestiça, mulata, café com leite, marrom bombom... Por muito tempo eu fui a menina que nasceu sem cor, até que um dia gritaram-me: NEGRA. E eu respondi.

(MIDRIA, 2018)

(G1 - cotuca 2020) Analise o processo de formação da palavra “embranquecimento”, avaliando se há prefixos e/ou sufixos adicionados a um ou mais radicais. Outra palavra formada por esse mesmo processo é:

- a) Folhagem
- b) Dança
- c) Impaciente
- d) Desfazer
- e) Camponês

### Exercício 13

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à(s) questão(ões) abaixo.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo. É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das

grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, Dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

(Unesp 2017) As palavras do texto cujos prefixos traduzem ideia de negação são

- a) “desvirtua” e “transforma”.
- b) “evite” e “isolamento”.
- c) “desfigura” e “ameaça”.
- d) “desconhecido” e “insegurança”.
- e) “subverte” e “dilacera”.

### Exercício 14

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do conto “A igreja do Diabo”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder à(s) questão(ões) a seguir:

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a <sup>1</sup>cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

– Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu <sup>2</sup>desdouro, fazei dele um troféu e um <sup>3</sup>lábano, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as



multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avariza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma <sup>4</sup>esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu”... [...] Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da <sup>5</sup>venalidade. Um <sup>6</sup>casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(*Contos: uma antologia*, 1998.)

<sup>1</sup>cogula: espécie de túnica larga, sem mangas, usada por certos religiosos.

<sup>2</sup>desdouro: descrédito, desonra.

<sup>3</sup>lábano: estandarte, bandeira.

<sup>4</sup>esgalgado: comprido e estreito.

<sup>5</sup>venalidade: condição ou qualidade do que pode ser vendido.

<sup>6</sup>casuísta: pessoa que pratica o casuísmo (argumento fundamentado em raciocínio enganador ou falso).

(Unifesp 2017) As palavras do texto cujos prefixos traduzem, respectivamente, ideia de repetição e ideia de negação são

- a) “reabilitadas” (4º parágrafo) e “infinitas” (4º parágrafo).
- b) “desmentir” (1º parágrafo) e “indiferentes” (3º parágrafo).
- c) “deslavada” (3º parágrafo) e “preconceito” (6º parágrafo).
- d) “extraordinária” (1º parágrafo) e “desdouro” (2º parágrafo).
- e) “reboava” (1º parágrafo) e “perversas” (5º parágrafo).

### Exercício 15

(Espcex (Aman) 2016) Responda, na sequência, os vocábulos cujos prefixos ou sufixos correspondem aos seguintes significados:

QUASE; ATRAVÉS; EM TORNO DE; FORA; SIMULTANEIDADE

- a) hemisfério; trasladar; justapor; epiderme; parasita
- b) semicírculo; metamorfose; retrocesso; ultrapassar; circunavegação
- c) penumbra; diálogo; periscópio; exogamia; sintaxe
- d) visconde; ultrapassar; unifamiliar; programa; multinacional
- e) pressupor; posteridade; companhia; abdicar; ambivalente

### Exercício 16

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder a(s) questão(ões).

Você conseguiria ficar 99 dias sem o *Facebook*?

Uma organização não governamental holandesa está propondo um desafio que muitos poderão considerar impossível:

<sup>1</sup>ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no *Facebook*. O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.

O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio *Facebook*. A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário.

Ironicamente, para poder participar, o usuário deve trocar a foto do perfil no *Facebook* e postar um contador na rede social.

Os pesquisadores irão avaliar o grau de satisfação e felicidade dos participantes no 33º dia, no 66º e no último dia da abstinência.

Os responsáveis apontam que os usuários do *Facebook* gastam em média 17 minutos por dia na rede social. Em 99 dias sem acesso, a soma média seria equivalente a mais de 28 horas,

<sup>2</sup>que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”.

(<http://codigofonte.uol.com.br>. Adaptado.)

(Unifesp 2015) Considere o enunciado a seguir:

[...] ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no *Facebook*. (ref. 1)

[...] que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”. (ref. 2)

Analisando-se o emprego e a estrutura das palavras “olhadinha” e “emocionalmente”, é correto afirmar que os sufixos nelas presentes indicam, respectivamente, sentido de

a) morosidade e intensidade.

b) modo e consequência.

c) rapidez e modo.

d) intensidade e causa.

e) afeto e tempo.

### Exercício 17

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### A volta do caderno rabugento

Não sei se vocês se lembram de quando lhes falei, acho que no ano passado, num caderninho rabugento que eu mantenho. Aliás, é um caderninho para anotações diversas, mas as únicas que consigo entender algum tempo depois são as rabugentas, pois as outras se convertem em hieróglifos indecifráveis (...), assim que fecho o caderno. Claro, é o reacionarismo próprio da idade, pois, afinal, as línguas são vivas e, se não mudassem, ainda estaríamos falando latim. Mas, por outro lado, se alguém não resistir, a confusão acaba por instalar-se e, tenho certeza, a língua se empobrece, perde recursos expressivos, torna-se cada vez menos precisa.

Quer dizer, isso acho eu, que não sou filólogo nem nada e vivo estudando nas gramáticas, para não passar vexame. Não se trata de impor a norma culta a qualquer custo, até porque, na minha opinião, está correto o enunciado que, observadas as circunstâncias do discurso, comunica com eficácia. Não é necessário seguir receituários abstrusos sobre colocação de pronomes e fazer ginásticas verbais para empregar regras semicabísticas, que só têm como efeito emperrar o discurso. Mas há regras que nem precisam ser formuladas ou lembradas, porque são parte das exigências de clareza e precisão - e essas deviam ser observadas. Não anoto, nem tenho qualificações para isto, com a finalidade de apontar o “erro de português”, mas a má ou inadequada linguagem.

E devo confessar que fico com medo de que certas práticas deixem de ser modismo e virem novas regras, bem ao gosto dos decorebas. É o que acontece com o, com perdão da má palavra, anacolutismo que grassa entre os falantes brasileiros do português. Vejam bem, nada contra o anacoluto, que tem nome

de origem grega e tudo, e pode ser uma figura de sintaxe de uso legítimo. O anacoluto ocorre, se não me trai mais uma vez a vil memória, quando um elemento da oração fica meio pendurado, sem função sintática. Há um anacoluto, por exemplo, na frase “A democracia, ela é a nossa opção”. Para que é esse “ela” aí?

Está certo que, para dar ênfase ou ritmo à fala, isso seja feito uma vez ou outra, mas como prática universal é meio enervante. De alguns anos para cá, só se fala assim, basta assistir aos noticiários e programas de entrevistas. Quase nenhum entrevistado consegue enunciar uma frase direta, na terceira pessoa - sujeito, predicado, objeto - sem dobrar esse sujeito anacoluticamente (perdão outra vez). Só se diz “o policiamento, ele tem como objetivo”, “a prevenção da dengue, ela deve começar”, “a criança, ela não pode” e assim por diante. O escritor, ele teme seriamente que daqui a pouco isso, ele vire regra. (...)

Finalmente, para não perder o costume, faço mais um réquiem para o finado “cujo”. Tenho a certeza de que, entre os muito jovens, a palavra é desconhecida e não deverá ter mais uso, dentro de talvez uma década. A gente até se acostuma a ouvir falar em espécies em extinção, mas, não sei por que, palavras em extinção me comovem mais, vai ver que é porque vivo delas. E não é consolo imaginar que o cujo e eu vamos nos defuntabilizar juntos.

(João Ubaldo Ribeiro, *O Estado de São Paulo*, 18/07/2010)

(Insper 2011) No processo de formação das palavras, os sufixos desempenham importante papel na produção dos efeitos de sentido. Identifique, dentre as palavras extraídas do texto, aquela em que o sufixo **não** tem sentido pejorativo.

a) reacionarismo

b) modismo

c) decorebas

d) anacolutismo

e) defuntabilizar

### Exercício 18

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Darwin passou quatro meses no Brasil, em 1832, durante a sua <sup>2</sup>célebre viagem a bordo do Beagle. Voltou impressionado com o que viu: “<sup>5</sup>Delícia é um termo <sup>17</sup>insuficiente para <sup>19</sup>expressar as emoções sentidas por <sup>28</sup>um naturalista a <sup>8</sup>sós com a natureza em uma floresta brasileira”, escreveu. O Brasil, <sup>11</sup>porém, aparece de forma menos <sup>21</sup>idílica em <sup>27</sup>seus escritos: “Espero nunca mais voltar a um <sup>12</sup>país escravagista. O estado da enorme população escrava deve preocupar todos os que chegam ao Brasil. Os senhores de escravos querem ver o negro romo outra espécie, mas temos todos a mesma origem.”

Em vez do gorjeio do <sup>6</sup>sabiá, o que Darwin guardou nos ouvidos foi <sup>30</sup>um som <sup>3</sup>terrível que <sup>29</sup>o acompanhou por toda a vida: “<sup>13</sup>Até hoje, se eu ouço um grito, <sup>39</sup>lembro-me, com



<sup>22</sup>dolorosa e clara memória, <sup>43</sup>de quando passei numa casa em Pernambuco e ouvi urros <sup>14</sup>terríveis. Logo entendi que era algum pobre escravo que estava sendo torturado,"

Segundo o <sup>4</sup>biólogo Adrian Desmond, "a viagem do Beagle, para Darwin, foi <sup>40</sup>menos <sup>41</sup>importante pelos <sup>15</sup>espécimes coletados do que pela <sup>16</sup>experiência de <sup>25</sup>testemunhar os horrores da <sup>23</sup>escravidão no Brasil. <sup>47</sup>De certa forma, ele escolheu focar na <sup>20</sup>descendência comum do homem justamente para mostrar que <sup>32</sup>todas as raças eram iguais e, <sup>31</sup>desse modo, enfim, <sup>44</sup>objetar <sup>36</sup>àqueles que <sup>18</sup>insistiam em dizer que os negros pertenciam a uma espécie diferente e inferior à dos brancos". <sup>1</sup>Desmond acaba de lançar um estudo que mostra a paixão abolicionista <sup>35</sup>do cientista, <sup>26</sup>revelada por <sup>33</sup>seus <sup>7</sup>diários e cartas <sup>42</sup>pessoais. "A extensão de <sup>34</sup>seu interesse no combate à ciência de cunho racista <sup>9</sup>é surpreendente, e pudemos detectar um ímpeto moral por <sup>10</sup>trás de seu trabalho sobre a evolução humana - urna crença na 'irmandade racial' que <sup>38</sup>tinha <sup>37</sup>origem em <sup>45</sup>seu ódio <sup>46</sup>ao <sup>24</sup>escravismo e que o levou a pensar numa descendência comum."

Adaptado de: HAAG, C. *O elo perdido tropical*. Pesquisa FAPESP, n. 159, p. 80 - 85, maio 2009.

(Ufrgs 2010) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações a seguir sobre elementos de formação de palavras do texto.

- ( ) As palavras **insuficiente** (ref. 17) e **insistiam** (ref. 18) apresentam o mesmo prefixo em sua formação.
- ( ) A comparação da palavra **exprimir** (ref. 19) com **imprimir** e da palavra **descendência** (ref. 20) com **ascendência** permite que se postule um radical comum para cada um dos pares.
- ( ) As palavras **idílica** (ref. 21) e **dolorosa** (ref. 22) apresentam sufixos que formam adjetivos a partir de substantivos.
- ( ) O emprego de diferentes sufixos para o mesmo radical em **escravidão** (ref. 23) e **escravismo** (ref. 24) serve, no texto, para expressar, respectivamente, a ideia de "situação resultante de uma ação" e *de* "movimento socioideológico".

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) F – V – V – V.
- b) V – F – V – F.
- c) V – V – F – F.
- d) F – V – F – V.
- e) F – F – V – V.

### Exercício 19

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho inicial do conto "A doida", de Carlos Drummond de Andrade, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro que pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horroroso, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãos, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a <sup>1</sup>lapidar a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrenhados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebetando-se. Os dois nunca mais se veriam. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos <sup>2</sup>racontos antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativeiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passaram a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de <sup>3</sup>irrisão.

Vinte anos de uma tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave, uma coisa

aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

(*Contos de aprendiz*, 2012.)

<sup>1</sup>lapidar: apedrejar.

<sup>2</sup>raconto: relato, narrativa.

<sup>3</sup>irrisão: zombaria.

(Unifesp 2019) Derivação regressiva: formação de palavras novas pela redução de uma palavra já existente. A redução se faz mediante supressão de elementos terminais (sufixos, desinências).

(Celso Pedro Luft. *Gramática resumida*, 2004.)

Constitui exemplo de palavra formada pelo processo de derivação regressiva o termo sublinhado em:

a) “Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto” (4º parágrafo)

b) “E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca.” (3º parágrafo)º

c) “Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho.” (2º parágrafo)

d) “A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado.” (1º parágrafo)

e) “O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave” (5º parágrafo)

## Exercício 20

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### O Brasil entre a norma culta e a norma curta

Boa parte de nossa elite letrada do século XIX desejava ardentemente viver numa sociedade branca e europeia. Tinha, portanto, de virar as costas para o país real, figurá-lo diferente do que era. <sup>1</sup>Não à toa essa elite defendeu o que se costumava chamar <sup>2</sup>“higienização da raça”, ou seja, <sup>3</sup>a implementação de políticas que resultassem no <sup>4</sup>“embranquecimento” do país. Em matéria de língua, essa elite vivia complexas contradições. Duas realidades eram evidentes para todos<sup>5</sup>: <sup>6</sup>o português de cá tinha diferenças em relação ao português europeu; <sup>7</sup>e aqui dentro o “nosso” português diferia do português do “vulgo”. Na construção do novo país, <sup>8</sup>como resolver esse duplo eixo de diferenças?

<sup>9</sup>Quando se acirrou, no século XIX, a questão da norma culta, nossas diferenças foram logo interpretadas como deturpações da língua. Não adiantou José de Alencar, no seu esforço para abrigar a norma escrita, apelar para os clássicos, a fim de mostrar a antiguidade de fatos da língua do Brasil. <sup>10</sup>O que prevaleceu foi a imagem de que somos uma sociedade que fala e escreve mal a língua portuguesa. E tudo o que – no português culto brasileiro – não coincidia com certa norma lusitana passou a ser listado por <sup>11</sup>gramaticadores pseudopuristas como erro. Nessa guerra, venceram os conservadores, definindo certa norma lusitana do romantismo como modelo para nossa escrita. <sup>12</sup>Como eram claras, inevitáveis e persistentes as diferenças da norma culta brasileira em relação a esse padrão artificialmente fixado, foi preciso construir uma norma “curta”, um discurso categórico, uma contínua <sup>13</sup>desqualificação do falante brasileiro.

Nem o desenvolvimento dos estudos filológicos e linguísticos, nem a rebelião literária de 1922, nem a crítica da norma curta por nossos melhores filólogos, nada disso conseguiu romper a força do imaginário construído no século XIX. Ainda se diz que os brasileiros falam errado, não sabem falar português, tratam mal sua língua e assim por diante.

Não é difícil mostrar com fatos e argumentos lógico-rationais que essas certezas não existem. Mas o imaginário resiste aos fatos, aos argumentos lógico-rationais. Fica, então, a pergunta que não quer calar<sup>14</sup>: <sup>15</sup>como enfrentar poderosos imaginários?

FARACO, C. A. *O Brasil entre a norma culta e a norma curta*. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Org.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011, p. 259-275. [Adaptado].

Obs.: A noção de “norma culta” equivale à noção de “variedade padrão”, termo utilizado no Edital 06/Coperve/2017 e no Programa das Disciplinas.

(Ufsc 2018) Considerando o texto, é correto afirmar que:

01) em “Não à toa essa elite defendeu [...]” (ref. 1), a expressão sublinhada pode ser substituída no texto por “ao acaso”, sem prejuízo de significado.

02) em “[...] a implementação de políticas que resultassem [...]” (ref. 3), o vocábulo sublinhado funciona como pronome relativo,

estabelecendo relação entre orações e retomando um antecedente.

04) em “o português de cá tinha diferenças [...] e aqui dentro o ‘nosso’ português diferia [...]” (ref. 6 e 7), os advérbios de lugar sublinhados referem-se a espaços geográficos distintos: Brasil e Portugal, respectivamente.

08) as perguntas (ref. 8 e 15) são usadas como recursos expressivos, sendo respondidas pelo próprio autor ao longo do texto.

16) o sinal de dois-pontos (ref. 14) é usado, nas duas ocorrências, para introduzir informações que esclarecem o conteúdo apresentado anteriormente em cada uma delas.

32) as palavras “higienização” (ref. 2), “embranquecimento” (ref. 4), “gramatiquinhos” (linha 11) e “desqualificação” (ref. 13) são formadas pelo mesmo processo: são nomes abstratos derivados de verbos pelo acréscimo de sufixos.

### Exercício 21

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o soneto de Luís de Camões.

Posto me tem fortuna<sup>1</sup> em tal estado,  
E tanto a seus pés me tem rendido!  
Não tenho que perder já, de perdido;  
Não tenho que mudar já, de mudado.

Todo o bem para mim é acabado;  
Daqui dou o viver já por vivido;  
Que, aonde o mal é tão conhecido,  
Também o viver mais será escusado.

Se me basta querer, a morte quero,  
Que bem outra esperança não convém;  
E curarei um mal com outro mal.

E, pois do bem tão pouco bem espero,  
Já que o mal este só remédio tem,  
Não me culpem em querer remédio tal.

(Luís de Camões. *Lírica*, 1991.)

<sup>1</sup>fortuna: destino.

(FmJ 2021) As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de “derivação imprópria”.

(Celso Cunha. *Gramática essencial*, 2013. Adaptado.)

Observa-se um exemplo de derivação imprópria no verso:

a) “E tanto a seus pés me tem rendido!” (1ª estrofe)

b) “Não tenho que perder já, de perdido;” (1ª estrofe)

c) “Não me culpem em querer remédio tal.” (4ª estrofe)

d) “Se me basta querer, a morte quero,” (3ª estrofe)

e) “Também o viver mais será escusado.” (2ª estrofe)

### Exercício 22

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema “Ausência”, de Carlos Drummond de Andrade.

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,  
que rio e danço e invento exclamações alegres,  
porque a ausência, essa ausência assimilada,  
ninguém a rouba mais de mim.

(Corpo, 2015.)

(Unesp 2021) As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de “derivação imprópria”.

(Celso Cunha. *Gramática do português contemporâneo*, 2013. Adaptado.)

No contexto do poema “Ausência”, observa-se um exemplo de derivação imprópria no verso

a) “Hoje não a lastimo.”

b) “A ausência é um estar em mim.”

c) “que rio e danço e invento exclamações alegres,”

d) “ninguém a rouba mais de mim.”

e) “Por muito tempo achei que a ausência é falta.”

### Exercício 23

(Espcex (Aman) 2019) Assinale a opção que identifica corretamente o processo de formação das palavras abaixo:

a) qualidade – sufixação; saneamento – sufixação.

b) igualdade – sufixação; discriminação – parassíntese.

c) avanços – derivação imprópria; acesso – derivação regressiva.

d) acessível – prefixação; felizmente – sufixação.

e) planejamento – sufixação; combate – derivação regressiva.

## Exercício 24

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Analise a charge para responder à(s) questão(ões).



<<https://tinyurl.com/yaougao9>> Acesso em: 12.10.2018. Original colorido.

(G1 - cps 2019) O título da charge “democracinhas” é um neologismo composto pelo mesmo processo de formação presente no termo

- a) *desanuviar*, derivação sufixal.
- b) *inativo*, derivação parassintética.
- c) *girassol*, composição por hibridismo.
- d) *fidalgo*, composição por aglutinação.
- e) *televisão*, derivação prefixal e sufixal.

## Exercício 25

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Ayoluwa, a alegria do nosso povo

Quando a menina Ayoluwa, a alegria do nosso povo, nasceu, foi em boa hora para todos. Há muito que em nossa vida tudo pitimbava. Os nossos dias passavam como um café <sup>1</sup>sambango, ralo, frio e sem gosto. Cada dia era sem quê nem porquê. E nós ali amolecidos, sem sustância alguma para aprumar nosso corpo. Repito: tudo era uma pitimba só. Escassez de tudo. Até a natureza minguava e nos confundia. Ora aparecia um sol <sup>2</sup>desensolarado e que mais se assemelhava a uma bola murcha, lá na nascente. Um frio interior nos possuía então, e nós mal enfrentávamos o dia sob a nula ação da estrela <sup>3</sup>desfeita. Ora gotejava uma chuva de <sup>4</sup>pinguinhos tão ralos e escassos que mal molhava as pontas de nossos dedos. E então deu de faltar tudo: mãos para o trabalho, alimentos, água, matéria para os nossos pensamentos e sonhos, palavras para as nossas bocas, cantos para as nossas vozes, movimento, dança, desejos para os nossos corpos.

Os mais velhos, acumulados de tanto sofrimento, olhavam para trás e do passado nada reconheciam no presente. Suas lutas, seu fazer e saber, tudo parecia ter se perdido no tempo. O que fizeram, então? Deram de clamar pela morte. E a todo instante eles partiam. E, com a tristeza da falta de lugar em um mundo em que eles não se <sup>6</sup>reconheciam e nem reconheciam mais, muitos se foram. Dentre eles, me lembro de vô Moyo, o que trazia boa saúde, de tio Masud, o afortunado, o velho Abede, o homem abençoado, e outros e outros. Todos estavam <sup>7</sup>enfraquecidos e esquecidos da força que traziam no significado de seus próprios nomes. As velhas mulheres também. Elas, que sempre inventavam formas de inventar e vencer a dor, não acreditavam mais na eficácia delas próprias. Como os homens, deslembavam a potência que se achava resguardada partir de suas denominações. E pediam veementemente à vida que esquecesse delas e que as deixasse partir. Foi com esse estado de ânimo que muitas delas empreenderam a derradeira viagem: vovó Amina, a pacífica, tia Sele, a mulher forte como um elefante, mãe Asantewaa, a mulher de guerra, a guerreira, e ainda Malika, a rainha. Com a ida de nossos mais velhos ficamos mais desamparados ainda. E o que dizer para os nossos jovens, a não ser as nossas tristezas?

E até eles, os moços, começaram a se encafiar dentro deles mesmos, a se tornarem infelizes. Puseram-se a matar uns aos outros, e a tentarem contra a própria vida, bebendo líquidos maléficos ou aspirando um tipo de areia fininha que em poucos dias acumulava e endurecia dentro de seus pulmões. Ou então se deixavam morrer aos poucos, cada dia um pouquinho, descrentes que pudesse existir outra vida senão aquela, para viverem. As mães, dias e noites, choravam no centro do povoado. A visão dos corpos jovens dilacerados era a paisagem maior e corriqueira diante de nossos olhos.

O milagre da vida deixou de acontecer também, nenhuma criança nascia e, sem a chegada dos pequenos, tudo piorou. As velhas parteiras do povoado, cansadas de esperar por novos nascimentos, sem função, haviam desistido igualmente de viver. Tinham percebido na escassez dos partos, que suas mãos não tinham mais a serventia de aparar a vida. Nenhuma família mais festejava a esperança que renascia no surgimento da prole. As crianças foram esquecidas, ficando longe do coração dos grandes. E os pequenos, os que já existiam, como Mandisa, a doce, Kizzl, a que veio para ficar, Zola, a produtiva, Nyame, o criador, Lutalo, o guerreiro, Bwerani, o bem-vindo, e os bem novinhos, alguns sem palavras ainda na boca, só faziam chorar. Pranto em vão, já que os pais, entregues às suas próprias tristezas, desprezavam as de seus rebentos. O nosso povoado infértil morria à míngua e mais e mais a nossa vida passou a desesperançar ...

À noite, quando reuníamos em volta de uma fogueira mais de cinzas do que de fogo, a combustão maior vinha de nossos lamentos. E em uma dessas noites de macambúzia fala, de um estado tal de banzo, como se a dor nunca mais fosse se apartar de nós, uma mulher, a mais jovem da desfalcada roda, trouxe uma boa fala. Bamidele, a esperança, anunciou que ia ter um filho. A partir daquele momento, não houve quem não fosse fecundado pela esperança, dom que Bamidele trazia no sentido de seu nome. Toda a comunidade, mulheres, homens, os poucos velhos que ainda persistiam vivos, alguns mais jovens que escolheram não morrer, os pequeninhos que ainda não tinham sido

contaminados totalmente pela tristeza, todos se engravidaram da criança nossa, do ser que ia chegar. E antes, muito antes de sabermos, a vida dele já estava escrita na linha circular de nosso tempo. Lá estava mais uma nossa descendência sendo lançada à vida pelas mãos de nossos ancestrais.

Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida... Mas sempre inventamos a nossa sobrevivência. Entre nós, ainda estava a experiente Omolara, a que havia nascido no tempo certo. Parteira que repetia com sucesso a história de seu próprio nascimento, Omolara havia se recusado a se deixar morrer.

E no momento exato em que a vida milagrou no ventre de Bamidele, Omolara, aquela que tinha o dom de fazer vir as pessoas ao mundo, a conhecedora de todo ritual de nascimento, acolheu a criança de Bamidele. Uma menina que buscava caminho em meio à correnteza das águas íntimas de sua mãe. E todas nós sentimos, no instante em que Ayoluwa nascia, todas nós sentimos algo se contorcer em nossos ventres, os homens também. Ninguém se assustou. Sabíamos que estávamos parindo em nós mesmo uma nova vida. E foi bonito o primeiro choro daquela que veio para trazer alegria para o nosso povo. O seu inicial grito, comprovando que nascia viva, acordou todos nós. E partir daí tudo mudou. <sup>8</sup>Tomamos novamente a vida com as nossas mãos.

Ayoluwa, alegria de nosso povo, continua entre nós, ela veio não com a promessa da salvação, mas também não veio para morrer na cruz. Não digo que esse mundo desconsertado já se consertou. Mas Ayoluwa, alegria do nosso povo, e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentado o pão nosso de cada dia. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução.

(G1 - ifce 2019) Há no conto lido várias palavras criadas por meio do processo de formação denominado *derivação*.

Considerando as palavras dos itens a seguir, a única formada pelo processo de derivação parassintética é

- a) *reconheciam* (ref. 6).
- b) *desensolarado* (ref. 2).
- c) *desfeita* (ref. 3).
- d) *enfraquecidos* (ref. 7).
- e) *pinguitos* (ref. 4).

## Exercício 26

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



([https://www.google.com.br/search?q=tirinhas+mafalda+%22ate+quando+vos+ser+os+frangos+da+literatura&btn=isch&imgil=YVkpNJp5rbrxYqM%253A%253B0QxexEiCap-HM%2538http%25253A](https://www.google.com.br/search?q=tirinhas+mafalda+%22ate+quando+vos+ser+os+frangos+da+literatura&btn=isch&imgil=YVkpNJp5rbrxYqM%253A%253B0QxexEiCap-HM%2538http%25253A. Acesso em: 27 abr 2017). Acesso em: 27 abr 2017).

(G1 - epcar (Cpcar) 2018) Sobre a tirinha da Mafalda, assinale a alternativa que apresenta uma análise INCORRETA.

- a) O segundo quadrinho apresenta uma quebra de expectativa em relação ao que expressa o adjetivo presente no primeiro.
- b) O uso do pronome demonstrativo “este”, no primeiro quadrinho, justifica-se por se referir a algo que ainda vai ser apresentado no próximo quadrinho.
- c) O vocábulo “droga”, terceiro quadrinho, passou pelo processo de derivação imprópria e, no contexto, apresenta-se como interjeição.
- d) Se substituirmos o pronome “nós”, no sexto quadrinho, por “as crianças”, o verbo poderá ser flexionado na primeira pessoa do plural.

## Exercício 27

(G1 - ifsp 2017) Leia abaixo o trecho da música de Arnaldo Antunes para responder à questão.

## Envelhecer

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer  
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça  
aparecer

Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra  
valer

Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

Não quero morrer pois quero ver

Como será que deve ser envelhecer

Eu quero é viver pra ver qual é

E dizer venha pra o que vai acontecer

Eu quero que o tapete voe

No meio da sala de estar

Eu quero que a panela de pressão pressione

E que a pia comece a pingar

Eu quero que a sirene soe

E me faça levantar do sofá

Eu quero pôr Rita Pavone

No *ringtone* do meu celular

Eu quero estar no meio do ciclone

Pra poder aproveitar

E quando eu esquecer meu próprio nome



Que me chamem de velho gagá  
Pois ser eternamente adolescente nada é mais *démodé*  
Com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer.  
Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender [...]

Arnaldo Antunes (trecho)

A partir de uma palavra muitas outras se formam, acrescentando elementos que alteram o sentido primitivo ou acrescentam um novo sentido. A letra da música de Arnaldo Antunes apresenta diversas formações de palavras. O título da música, por exemplo, apresenta derivação parassintética. Assinale a alternativa que apresenta um exemplo de derivação sufixal.

- a) “A barba vai descendo e os cabelos vão caindo [...]”.
- b) “[...] o tempo vai dizendo que agora é pra valer [...]”.
- c) “pois ser eternamente adolescente nada é mais *démodé* [...]”.
- d) “Eu quero que a panela de pressão pressione [...]”.
- e) “Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender [...]”.

## Exercício 28

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões) a seguir.

### CELULAR ROUBADO? COMO BLOQUEAR O IMEI DE SEU APARELHO NA OPERADORA.

1. Seu celular foi roubado? Aprenda a fazer o bloqueio do IMEI do aparelho junto à operadora. Isso desestimula o roubo de *smartphones*, já que seu celular não se conectará mais a nenhuma operadora, tornando o crime inútil: na maioria dos casos, o ladrão rouba o aparelho para revendê-lo posteriormente.
2. Para descobrir o IMEI do seu aparelho, digite *\*#06#* no telefone, como se você fosse efetuar uma ligação – o código, com 15 dígitos, será imediatamente exibido na tela. Caso você não tenha mais acesso ao celular, procure o IMEI na embalagem do produto, que estará próximo a um código de barras.

MD379LL/A iPhone 4S, Black, 32GB

Designed by Apple in California,  
Assembled in China Model A1387

(1P) Part No. MD379LL/A

(s) Serial No. 000XXXXXXXXX0

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X

( ) XXXXX0000000000000000000X



3. Se você não tem mais o aparelho e nem a caixa, ainda há salvação para os usuários de *Android*. Acesse o *Google Dashboard* e expanda o menu *Android*. Uma lista de todos os aparelhos atrelados ao seu *Google Play* serão exibidos, acompanhados dos respectivos códigos IMEI. Então, para bloquear o IMEI de um celular por roubo ou furto, entre em contato com a sua operadora.

*Celular roubado? Como bloquear o IMEI de seu aparelho na operadora.*

Disponível em: <<https://tecnoblog.net/189729/celular-roubado-como-bloquear-imei-operadora/>>.  
Acesso: 09 nov. 2016. (Adaptado).

(G1 - ifpe 2017) No que tange à análise dos elementos mórficos, bem como dos processos de estrutura e formação de vocábulos que integram o texto “Celular roubado? Como bloquear o IMEI de seu aparelho na operadora”, assinale a única alternativa CORRETA.

- a) O prefixo “des”, do verbo “desestimular”, da qual provém a forma “desestimula”, no primeiro parágrafo, serve para reforçar a ideia de aumento no número de roubos de smartphones.
- b) Ao processo de formação que se dá pela seleção das iniciais das palavras de uma expressão, a exemplo do que ocorre em “IMEI”, dá-se o nome de abreviação.
- c) O processo de formação do vocábulo “acesso”, no último período do segundo parágrafo, é classificado como “derivação imprópria”.
- d) As palavras “roubo” e “furto”, ambas no último parágrafo, além de próximas semanticamente, são formadas pelo mesmo processo, no caso, a derivação regressiva.
- e) A palavra “smartphone”, por ter todos os seus elementos mórficos oriundos da língua inglesa, deve ser classificada como um hibridismo.

## Exercício 29

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto e responda à(s) questão(ões) a seguir.

A internet é uma ferramenta muito utilizada por crianças, jovens e adultos, trazendo atrativos como jogos, *Facebook*, *Twitter* e *Whatsapp*. A pergunta que se levanta é a seguinte: será que isso ajuda no desenvolvimento e no crescimento do ser humano?

A funcionária pública Nicole, de 25 anos, por exemplo, diz que se considera uma pessoa “viciada”, pois a primeira coisa que faz ao chegar ao trabalho antes de começar a sua rotina é ligar o computador para ter contato com as redes sociais *Facebook* e *Twitter*.

Ela diz que, no trabalho, acessa diariamente a internet. Nicole conta que as redes sociais promovem a conectividade entre as pessoas de forma prática, com a exibição das atualizações de uma forma dinâmica e inteligente.

Já a professora Fernanda, de 60 anos, diz que tem um pouco de dificuldade ao explicar a matéria para seus alunos, pois muitos deles só querem saber de “facebookar” no celular.

A psicóloga Miriam, de 45 anos, acredita que, com o avanço da tecnologia, as pessoas obtiveram vantagens com relação a

pesquisas na internet. Ela ressalta que é preciso ter cuidado, pois o *Facebook*, *Twitter* e *Whatsapp* devem ser considerados um lazer e não um vício. “Tudo que passa do limite normal é perigoso, pode se transformar em vício. Todo vício é uma doença, independentemente da idade”, diz a psicóloga.

A especialista conclui que, para controlar o vício, é preciso ser moderado. Caso tenha perdido esse controle, suas ações já se tornaram um vício. Nesse caso, é fundamental procurar ajuda profissional.

<<https://tinyurl.com/gw57v7l>> Acesso em: 10.02.2017.  
Adaptado.

(G1 - cps 2017) A formação e surgimento de palavras no português acontecem por meio de vários processos.

As palavras “facebookar” e “desenvolvimento”, presentes no texto, exemplificam dois desses processos: o neologismo e a derivação sufixal.

I. Facebookar - Neologismo

II. Desenvolvimento - Derivação sufixal

Esses dois processos acontecem quando

I	II
a) há a junção de dois ou mais radicais.	há anexação de sufixo na palavra de origem.
b) há anexação de sufixo na palavra de origem.	há a criação de novas palavras.
c) há a criação de novas palavras.	a palavra é constituída por radicais de diferentes línguas.
d) a palavra é constituída por radicais de diferentes línguas.	as palavras imitam um som, como ruídos e gritos.
e) há a criação de novas palavras.	há anexação de sufixo na palavra de origem.

### Exercício 30

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### CAMPANHA DE DOAÇÃO DE SANGUE APORTA NO CIN DA UFPE

O Programa de Educação Tutorial (PET) de Informática promove, na próxima quarta-feira, uma campanha de doação de sangue no Centro de Informática (CIn) da Universidade Federal de Pernambuco. A ação foi articulada em parceria com o Hemope. Para doar, basta portar a carteira de identidade ou Carteira Nacional de Habilitação (CNH) e comparecer ao Centro de 8h30 às 12h ou de 13h30 às 17h. É importante lembrar que crachás não poderão ser utilizados como documento de identificação. O posto de doação estará localizado no Bloco A do CIn. Para doar, é necessário ter entre 18 e 60 anos, ter peso superior a 50 kg e não ter feito tatuagens ou *piercings* recentemente. É necessário também estar descansado e bem alimentado, não ingerir bebida alcoólica nas 12 horas que antecedem a doação e estar em boas condições de saúde.

Há a oportunidade de ajudar na realização da campanha além da doação, participando como voluntário. Os interessados devem

enviar um email para [petcomputacao-l@cin.ufpe.br](mailto:petcomputacao-l@cin.ufpe.br) informando o seu nome e a melhor forma de contato.

*Diário de Pernambuco* (versão *on-line*). Disponível em:  
<<[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2017/03/15/interna\\_vidaurbana.694183/campanha-de-doacao-de-sangue-aporta-no-cin-da-ufpe.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2017/03/15/interna_vidaurbana.694183/campanha-de-doacao-de-sangue-aporta-no-cin-da-ufpe.shtml)>>. Acesso: 08 maio 2017.

(G1 - ifpe 2017) Palavras podem ser formadas por diversos processos, sendo os mais comuns o de composição e o de derivação. Há outros, no entanto, que são menos usuais, mas que também contribuem para a criação de novos vocábulos na língua portuguesa: é o caso das palavras originadas a partir de siglas. Expressões como “CIn”, “PET” e “Hemope”, presentes no texto, são exemplos de casos em que as palavras que compõem a sigla tornam-se secundárias e a própria sigla caracteriza um vocábulo.

Assinale a alternativa que apresenta outras palavras formadas por siglagem.

a) Sudene, Shampoo.

b) Kombi, Cep.

c) Sus, Pendrive.

d) Fashion, Pis.

e) Upa, Funai.

### Exercício 31

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O comissário Mattos passou a maior parte do dia <sup>1</sup>procurando obter informações sobre Anastácio, o Cegueta, e sobre o presidiário Bolão. Quem acabou lhe dando a informação fidedigna que queria foi um repórter de *O Radical*, que recebia dinheiro do bicheiro Ilídio, dono dos pontos próximos da sede do jornal, no centro.

<sup>2</sup>“Levo um arame desse puto porque o jornal não me paga e minha mulher, você sabe, está internada tuberculosa em Belo Horizonte.”

<sup>3</sup>“Eu sei, eu sei.”

<sup>4</sup>“Mattos, <sup>5</sup>você não recebe o levado, eu sei, mas é uma das poucas exceções, <sup>6</sup>está todo mundo na gaveta dos bicheiros. Tem político, juiz, gente que se eu dissesse o nome você não acreditaria. Daria uma reportagem do caralho. O diabo é que ninguém publicaria. Nem eu sou maluco de botar isso no papel.”

<sup>7</sup>“Esse Cegueta trabalha para o Ilídio? Você tem certeza?”

“Sem a menor dúvida. <sup>8</sup>O Bolão também.”

Antes de se despedir, Mattos ouviu pacientemente, enquanto seu estômago ardia, o repórter contar suas vicissitudes e sofrimentos.

Fonseca, Rubem. *Agosto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p. 237.



(Udesc 2015) Analise as proposições em relação à obra *Agosto*, Rubens Fonseca, e ao trecho retirado da mesma.

I. “O Bolão também” (ref. 8) com a palavra destacada, em relação à formação de palavras, ocorre derivação imprópria, o que ocorre também com a palavra destacada em “Esse Cegueta trabalha” (ref. 7).

II. A narrativa fonsequiana mescla história real e ficção, pois retrata personagens participantes dos episódios políticos do período getulista (agosto 1954) como se fossem protagonistas do romance.

III. O comissário Mattos tem como pista do assassinato do empresário Gomes Aguiar um anel de ouro, pelos negros, um sabonete e um lenço.

IV. Da leitura da obra, infere-se que o autor procurou ressaltar, na sua narrativa, o suborno como prática cotidiana tanto do povo quanto no meio político (poder), a corrupção e o protecionismo, enfim o momento caótico vivenciado do país.

V. A leitura da obra leva o leitor a inferir que úlcera, dores de estômago, azia do comissário Mattos eram a somatização da repulsa que ele sentia pela podridão do sistema que o circundava.

Assinale a alternativa **correta**.

a) Somente as afirmativas II, IV e V são verdadeiras.

b) Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.

c) Somente as afirmativas I, II, IV e V são verdadeiras.

d) Somente as afirmativas I, III e V são verdadeiras.

e) Todas as afirmativas são verdadeiras

### Exercício 32

(Ufsm 2014) **Guia verde politicamente incorreto**

Nem ecochatos nem ecocéticos. Não existem verdades absolutas na sustentabilidade. Há sempre alguma sujeira escondida debaixo do tapete - e soluções em lugares que ninguém esperava.

HORTA, Maurício. “Guia verde politicamente incorreto”. *Superinteressante*, dez. 2011, p. 57.

Considerando eco como um radical grego que significa casa, habitat, as palavras “ecochatos” e “ecocéticos” são formadas por \_\_\_\_\_. A primeira representa o grupo dos \_\_\_\_\_ e a outra, o grupo dos \_\_\_\_\_ no que se refere a atividades sustentáveis.

Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas.

a) composição – enfadonhos – descrentes

b) derivação prefixal – insistentes – desconfiados

c) aglutinação – desgostosos – descrentes

d) neologismo – aborrecidos – preocupados

e) derivação parassintética – insistentes – críticos.

### Exercício 33

(Espcex (Aman) 2014) Ao se alistar, não imaginava que o combate pudesse se realizar em tão curto prazo, embora o ribombar dos canhões já se fizesse ouvir ao longe.

Quanto ao processo de formação das palavras sublinhadas, é correto afirmar que sejam, respectivamente, casos de

a) prefixação, sufixação, prefixação, aglutinação e onomatopeia.

b) parassíntese, derivação regressiva, sufixação, aglutinação e onomatopeia.

c) parassíntese, prefixação, prefixação, sufixação e derivação imprópria.

d) derivação regressiva, derivação imprópria, sufixação, justaposição e onomatopeia.

e) parassíntese, aglutinação, derivação regressiva, justaposição e onomatopeia.

### Exercício 34

(Insper 2013) ***Paralimpíadas é a mãe***

*Certamente eu descobriria no Google, mas me deu preguiça de pesquisar e, além disso, não tem importância saber quem inventou essa palavra grotesca, que agora a gente ouve nos noticiários de televisão e lê nos jornais. O surpreendente não é a invenção, pois sempre houve besteiras desse tipo, bastando lembrar os que se empenharam em não jogarmos futebol, mas ludopédio ou podobálio. O impressionante é a quase universalidade da adoção dessa palavra (ainda não vi se ela colou em Portugal, mas tenho dúvidas; os portugueses são bem mais ciosos de nossa língua do que nós), cujo uso parece ter sido objeto de um decreto imperial e faz pensar em por que não classificamos isso imediatamente como uma aberração deseducadora, desnecessária e inaceitável, além de subserviente a ditames saídos não se sabe de que cabeça desmiolada ou que interesse obscuro. Imagino que temos autonomia para isso e, se não temos, deveríamos ter, pois jornal, telejornal e radiojornal implicam deveres sérios em relação à língua. Sua escrita e sua fala são imitadas e tidas como padrão e essa responsabilidade não pode ser encarada de forma leviana. Que cretinice é essa? Que quer dizer essa palavra, cuja formação não tem nada a ver com nossa língua? Faz muitos e muitos anos, o então ministro do Trabalho, Antônio Magri, usou a palavra "imexível" e foi gozado a torto e a direito, até porque ele não era bem um intelectual e era visto como um alvo fácil. Mas, no neologismo que talvez tenha criado, aplicou perfeitamente as regras de derivação da língua e o vocábulo resultante não está nada "errado", tanto assim que hoje é encontrado em dicionários e tem uso corrente. Já o vi empregado muitas vezes, sem alusão ao ex-ministro. Infutucável, inesculhambável e impaquerável, por exemplo, são palavras que não se acham no dicionário, mas*

*qualquer falante da língua as entende, pois estão dentro do espírito da língua, exprimem bem o que se pretende com seu uso e constituem derivações perfeitamente legítimas.*

*Por que será que aceitamos sem discutir uma excrescência como "paralimpíada"?*

*(João Ubaldo Ribeiro, O Estado de S. Paulo, 23/09/2012)*

O que motivou a indignação do autor com a palavra “paralimpíadas” foi o(a):

a) imposição da palavra, formada por um mecanismo que dispensa elementos conhecidos da língua.

b) aceitação irrestrita do termo por parte da mídia, especialmente pela televisão.

c) fato de que, ao contrário do neologismo “imexível”, a palavra não foi incorporada aos dicionários.

d) tentativa de resgatar palavras arcaicas tal como se fossem decretos imperiais.

e) recusa à adoção do neologismo pelos portugueses, cuja atitude revela-se conservadora.

### Exercício 35

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Futebol de rua

*Luís Fernando Veríssimo*

Pelada é o futebol de campinho, de terreno baldio. **(I) Mas** existe um tipo de futebol ainda mais rudimentar do que a pelada. É o futebol de rua. Perto do futebol de rua qualquer pelada é luxo e qualquer terreno baldio é o Maracanã em jogo noturno. **(II) Se** você é homem, brasileiro e criado em cidade, sabe do que eu estou falando. **(III) Futebol de rua é tão humilde que** chama pelada de senhora. Não sei se alguém, algum dia, por farra ou nostalgia, botou num papel as regras do futebol de rua. Elas seriam mais ou menos assim:

DA BOLA – A bola pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve. No desespero, usa-se qualquer coisa que role, como uma pedra, uma lata vazia ou a merendeira do seu irmão menor, que sairá correndo para se queixar em casa. (...)

DAS GOLEIRAS – As goleiras podem ser feitas com, literalmente, o que estiver à mão. Tijolos, paralelepípedos, camisas emboladas, os livros da escola, a merendeira do seu irmão menor, e até o seu irmão menor, apesar dos seus protestos. **(IV) Quando** o jogo é importante, recomenda-se o uso de latas de lixo. Cheias, para aguentarem o impacto. (...)

DO CAMPO – O campo pode ser só até o fio da calçada, calçada e rua, calçada, rua e a calçada do outro lado e – nos clássicos – o quarteirão inteiro. O mais comum é jogar-se só no meio da rua.

DA DURAÇÃO DO JOGO – **(V) Até** a mãe chamar **ou** escurecer, o que vier primeiro. Nos jogos noturnos, até alguém da vizinhança ameaçar chamar a polícia.

DO JUIZ – Não tem juiz.  
(...)

DAS SUBSTITUIÇÕES – Só são permitidas substituições:

- a) No caso de um jogador ser carregado para casa pela orelha para fazer a lição.
- b) Em caso de atropelamento.

DO INTERVALO PARA DESCANSO – Você deve estar brincando.

DA TÁTICA – Joga-se o futebol de rua mais ou menos como o Futebol de Verdade (que é como, na rua, com reverência, chamam a pelada), mas com algumas importantes variações. O goleiro só é intocável dentro da sua casa, para onde fugiu gritando por socorro. É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi. Se a bola dobrar a esquina é córner\*.

DAS PENALIDADES – A única falta prevista nas regras do futebol de rua é atirar um adversário dentro do bueiro. É considerada atitude antiesportiva e punida com tiro indireto.

DA JUSTIÇA ESPORTIVA – Os casos de litígio serão resolvidos no tapa.

\*córner = escanteio

(Publicado em *Para Gostar de Ler*. v.7. SP: Ática, 1981)

(G1 - ifpe 2012) Os enunciados abaixo analisam os processos de formação de palavras retiradas do texto. Leia-os e marque a alternativa **correta**.

- a) “Futebol de rua” é uma palavra composta por justaposição.
- b) “Embolada” e “merendeira” são termos formados por derivação sufixal.
- c) “Intocável” é uma palavra formada por derivação prefixal e sufixal.
- d) “Penalidades” é uma palavra formada por composição dos radicais “pena” mais “idades”.
- e) “Antiesportiva” e “indireto” são palavras formadas por derivação prefixal.

### Exercício 36

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto I

#### O silêncio incomoda

<sup>1</sup>Como trabalho em casa, assisto a um grande número de jogos e programas esportivos, alguns porque gosto e outros para me manter atualizado, vejo ainda muitos noticiários gerais, filmes,

programas culturais (são pouquíssimos) e também, por curiosidade, muitas coisas ruins. Estou viciado em televisão.

Não suporto mais ver <sup>25</sup> tantas tragédias, crimes, violências, falcaturas e tantas politicagens para a realização da Copa de 2014.

Estou sem paciência <sup>20</sup> para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil, consequência do estilo de jogar, da tolerância com a violência e do ambiente bélico em <sup>14</sup> que <sup>9</sup> se transformou o futebol, dentro e fora do campo.

Na transmissão das partidas, <sup>30</sup> fala-se e grita-se demais. Não há um único instante de silêncio, nenhuma pausa. O barulho é cada dia maior no futebol, nas ruas, nos bares, nos restaurantes e em quase todos os ambientes. O silêncio incomoda as pessoas.

É óbvio <sup>15</sup> que informações e estatísticas são importantíssimas.

Mas exageram. <sup>2</sup> Fala-se <sup>26</sup> muito, mesmo com a bola rolando.

Impressiona-me <sup>18</sup> como <sup>10</sup> se formam conceitos, dão opiniões, baseados em estatísticas <sup>13</sup> que têm pouca ou nenhuma importância.

Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a <sup>6</sup> “grande notícia”, <sup>21</sup> que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro a marcar dois gols contra a Escócia em uma mesma partida.

<sup>22</sup> Parece haver uma disputa para saber <sup>19</sup> quem dá mais informações e estatísticas, e outra, entre os narradores, <sup>3</sup> para saber quem grita gol mais <sup>23</sup> alto e <sup>24</sup> prolongado. <sup>11</sup> Se dizem <sup>16</sup> que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?

<sup>21</sup> Outra discussão <sup>27</sup> chata, durante e após as partidas, é <sup>8</sup> se um jogador teve a intenção de colocar a mão na bola e de fazer pênalti, e se outro teve a intenção de atingir o adversário. Com raríssimas exceções, <sup>4</sup> ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador.

<sup>7</sup> O que ocorre, com frequência, é <sup>5</sup> o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro. O impulso está à frente da consciência. Não sou também tão ingênuo para achar <sup>17</sup> que todas as faltas violentas são involuntárias.

Não dá para o árbitro saber <sup>12</sup> se a falta foi intencional ou não. Ele precisa julgar o fato, e não a intenção. Eles precisam ter também bom senso, o que é raro no ser humano, para saber a gravidade das faltas. <sup>29</sup> Muitas parecem <sup>28</sup> iguais, mas não são. Ter critério não é unificar as diferenças.

(Tostão, *Folha de S.Paulo*, caderno D, “esporte”, p. 11, 10/04/2011.)

## Texto II O ídolo

Em um belo dia, a deusa dos ventos beija o pé do homem, o maltratado, desprezado pé, e, desse beijo, nasce o ídolo do futebol. <sup>7</sup> Nasce em berço de palha e barraco de lata e vem ao mundo abraçado a uma bola.

<sup>1</sup> Desde que aprende a andar, sabe jogar. Quando criança, alegre os descampados e os baldios, joga e joga e joga nos ermos dos subúrbios até que a noite cai e ninguém mais consegue ver a bola, e, quando jovem, voa e faz voar nos estádios. Suas artes de

malabarista convocam multidões, domingo após domingo, de vitória em vitória, de ovação em ovação.

<sup>4</sup> A bola <sup>13</sup> o procura, <sup>14</sup> o reconhece, precisa dele. No peito de <sup>18</sup> seu pé, ela descansa e se embala. <sup>6</sup> Ele <sup>19</sup> lhe dá brilho e <sup>20</sup> a faz falar, e neste diálogo entre os dois, milhões de mudos conversam.

<sup>11</sup> Os Zé Ninguém, os condenados a serem para sempre ninguém, podem sentir-se alguém por um momento, por obra e graça desses passes devolvidos num toque, <sup>16</sup> essas fintas que desenham os zês na grama, <sup>17</sup> esses golaços de calcanhar ou de bicicleta: quando ele joga o time tem doze jogadores.

— Doze? Tem quinze! Vinte!

<sup>10</sup> A bola ri, radiante, no ar. Ele a amortece, a adormece, diz galanteios, dança com ela, e vendo essas coisas nunca vistas, seus adoradores sentem piedade por seus netos ainda não nascidos, que não estão vendo <sup>15</sup> o que acontece.

<sup>22</sup> Mas o ídolo é ídolo apenas por um momento, humana eternidade, coisa de nada; e quando chega a hora do azar para o pé de ouro, a estrela conclui sua viagem do resplendor à escuridão. <sup>3</sup> Esse corpo está com mais remendos que roupa de palhaço, o acrobata virou paralítico, o artista é uma besta:

— Com a ferradura, não!

<sup>8</sup> A fonte da felicidade pública se transforma no <sup>12</sup> para-raios do rancor público:

— Múmia!

Às vezes, o ídolo não cai inteiro. <sup>5</sup> E, às vezes, <sup>2</sup> quando <sup>9</sup> se quebra, a multidão <sup>21</sup> o devora aos pedaços.

(Eduardo Galeano. *Futebol, ao sol e à sombra*.)

## Texto III Sermão da Planície (para não ser escutado)

Bem-aventurados os que não entendem nem aspiram a entender de futebol, pois deles é o reino da tranquilidade.

Bem-aventurados os que, por entenderem de futebol, não se expõem ao risco de assistir às partidas, pois não voltam com decepção ou enfarte.

(...)

Bem-aventurados os que não escalam, pois não terão suas mães agravadas, seu sexo contestado e <sup>3</sup> sua integridade física ameaçada, ao saírem do estádio.

<sup>4</sup> Bem-aventurados os que não são escalados, pois escapam das vaías, projéteis, contusões, fraturas, e mesmo da <sup>5</sup> glória precária de um dia.

<sup>2</sup> Bem-aventurados os que não são cronistas esportivos, pois não carecem de explicar o inexplicável e racionalizar a loucura.

(...)

Bem-aventurados os surdos, pois não os atinge o estrondar das bombas da vitória, que fabricam os surdos, nem o <sup>1</sup> matraquear dos locutores, carentes de exorcismo.

(...)

Bem-aventurados os que, depois de escutar esse sermão, aplicarem todo o ardor infantil no peito maduro para desejar a vitória do selecionado brasileiro nesta e em todas as futuras Copas do Mundo, como faz o velho sermoneiro desencantado,

mas torcedor assim mesmo, pois para o diabo vá a razão quando o futebol invade o coração.

(Carlos Drummond de Andrade. *Jornal do Brasil*, 18/06/1974.)

(Epcar (Afa) 2012) Leia o trecho abaixo.

“Os Zé Ninguém, os condenados a serem para sempre ninguém, podem sentir-se alguém por um momento, por obra e graça desses passes devolvidos num toque, essas fintas que desenham os zês na grama...” (ref. 11, texto II)

De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:

a) em *Zé Ninguém*, há uma derivação imprópria, já que foi utilizado um pronome indefinido como substantivo próprio.

b) em “A fonte da felicidade pública se transforma no *para-raios do rancor público*”, (ref. 12, texto II), a expressão grifada é predicativo do sujeito.

c) o substantivo destacado em “... esses *golaços* de calcanhar ou de bicicleta...” foi formado a partir de sufixação.

d) caso antes da locução “... podem sentir-se alguém...”, houvesse uma palavra negativa, o pronome *se* teria que, obrigatoriamente, vir antes do verbo *poder*.

### Exercício 37

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

João Gilberto Noll nasceu em Porto Alegre, no ano de 1946. Além de contista e romancista, fez incursões pela literatura infantil. Ganhou cinco prêmios Jaboti. João Gilberto Noll faz uma literatura caracterizada pela dissolução. Seus romances são concisos e apresentam enredos episódicos sustentados pela causalidade. Essa técnica difere da técnica narrativa que estabelece o elo entre o real e o ficcional. Os personagens de Noll são seres não localizados e alijados da experiência; muito embora lançados numa sucessão frenética de acontecimentos e passando por um sem número de lugares, o que vivem não se converte em saber, em consciência de ser e de estar no mundo.

#### Duelo antes da noite

<sup>1</sup>No caminho a menina pegou uma pedra e atirou-a longe, o mais que pôde. <sup>2</sup>O menino puxava a sua mão e reclamava da vagareza da menina. <sup>3</sup>Deviam chegar até a baixa noite a Encantado, e o menino sabia que ele era responsável pela menina e deveria manter uma disciplina. Que garota chata, ele pensou. Se eu fosse Deus, não teria criado as garotas, seria tudo homem igual a Deus. <sup>4</sup>A menina sentia-se puxada, reclamada, e por isso emitia uns sons de ódio: graças a Deus que eu não preciso dormir no mesmo quarto que você, graças a Deus que eu não vou morar nunca mais com você. Vamos e não resmungue, exclamou o menino. <sup>5</sup>E o sol já não estava sumindo? Isso nenhum dos dois perguntava porque estavam absortos na raiva de cada um. A estrada era de terra e

por ela poucos passavam. Nem o menino nem a menina notavam que o sol começava a se pôr e que os verdes dos matos se enchiam cada vez mais de sombras. Quando chegassem a Encantado o menino poria ela no Opala do prefeito e ela nunca mais apareceria. Ele não gosta de mim, pensou a menina cheia de gana. Ele deve estar pensando: o mundo deveria ser feito só de homens, as meninas são umas chatas. <sup>6</sup>O menino cuspiu na areia seca. A menina pisou sobre a saliva dele e fez assim com o pé para apagar cuspe.

<sup>7</sup>Até que ficou evidente a noite. <sup>8</sup>E o menino disse a gente não vai parar até chegar em Encantado, <sup>9</sup>agora eu proíbo que você olhe pros lados, que se atrase. <sup>10</sup>A menina não queria chorar e prendia-se por dentro porque deixar arrebentar uma lágrima numa hora dessas é mostrar muita fraqueza, é mostrar-se muito menina. E na curva da estrada começaram a aparecer muitos caminhões apinhados de soldados e a menina não se conteve de curiosidade. <sup>11</sup>Para onde vão esses soldados? – ela balbuciou. <sup>12</sup>O menino respondeu ríspido. Agora é hora apenas de caminhar, de não fazer perguntas, caminha! A menina pensou eu vou parar, fingir que torci o pé, eu vou parar. E parou. O menino sacudiu-a pelos ombros até deixá-la numa vertigem escura. Depois que a sua visão voltou a adquirir o lugar de tudo, ela explodiu chamando-o de covarde. Os soldados continuavam a passar em caminhões paquidérmicos. E ela não chorava, apenas um único soluço seco. <sup>13</sup>O menino gritou então que ela era uma chata, que ele a deixaria sozinha na estrada que estava de saco cheio de cuidar de um traste igual a ela, que se ela não soubesse o que significa traste, que pode ter certeza que é um negócio muito ruim. A menina fez uma careta e tremeu de fúria. Você é o culpado de tudo isso, a menina gritou. Você é o único culpado de tudo isso. Os soldados continuavam a passar.

Começou a cair o frio e a menina tiritou balançando os cabelos molhados, mas o menino dizia se você parar eu te deixo na beira da estrada, no meio do caminho, você não é nada minha, não é minha irmã, não é minha vizinha, não é nada.

E Encantado era ainda a alguns lerdos quilômetros. A menina sentiu que seria bom se o encantado chegasse logo para se ver livre do menino. Entraria no Opala e não olharia uma única vez pra trás para se despedir daquele chato.

Encantado apareceu e tudo foi como o combinado. Doze e meia da noite e o Opala esperava a menina parado na frente da igreja. Os dois se aproximaram do Opala tão devagarinho que nem pareciam crianças. O motorista bigodudo abriu a porta traseira e falou: pode entrar, senhorita. Senhorita... o menino repetia para ele mesmo. A menina se sentou no banco traseiro. Quando o carro começou a andar, ela falou bem baixinho: eu acho que vou virar a cabeça e olhar pra ele com uma cara de nojo, vou sim, vou olhar. E olhou. Mas o menino sorria. E a menina não resistiu e sorriu também. E os dois sentiram o mesmo nó no peito.

NOLL, João Gilberto. In: *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 690-692. (Texto adaptado).

Segundo Massaud Moisés, o conto é, do ponto de vista dramático, *univalente*: contém um só drama, uma só história, um só conflito (oposição, luta entre duas forças ou personagens), uma só ação.

As outras características (limitação do espaço e do tempo; quantidade reduzida de personagens; unidade de tom ou de emoção provocada no leitor, concisão de linguagem) decorrem da unidade dramática.

Com base nessas informações, resolva a(s) questão(ões) a seguir.

(Uece 2016) O Dicionário Houaiss Eletrônico apresenta duas acepções para o substantivo “duelo”: 1. Luta previamente ajustada entre duas pessoas, em campo aberto, na presença de testemunhas, com armas iguais escolhidas pelo ofendido, e que tem por objetivo o desagravo da honra de um dos combatentes. 2. Derivação: sentido figurado. Qualquer oposição conflituosa de ideias, forças, pessoas etc.

O substantivo “Duelo”, no título do conto, NÃO guarda das acepções dicionarizadas o seguinte elemento de significação:

a) duas pessoas.

b) luta.

c) desagravo da honra de um dos combatentes.

d) oposição conflituosa de ideias.

### Exercício 38

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder a(s) questão(ões), leia o texto a seguir.

#### A lenda da mandioca (lenda dos índios Tupi)

Nasceu uma indiazinha linda, e a mãe e o pai tupis espantaram-se:

– Como é <sup>7</sup>branquinha <sup>1</sup>esta criança!

E era mesmo. Perto dos outros curumins da taba, parecia um raiozinho de lua. Chamaram-na Mani. Mani era <sup>2</sup>linda, <sup>8</sup>silenciosa e <sup>3</sup>quieta. Comia <sup>4</sup>pouco e pouco bebia. Os pais preocupavam-se.

– Vá brincar, Mani, dizia o pai.

– Coma um <sup>5</sup>pouco mais, dizia a mãe.

Mas a menina continuava quieta, cheia de sonhos na cabecinha. Mani parecia esconder um mistério. Uma bela manhã, não se levantou da rede. O pajé foi chamado. Deu ervas e bebidas a menina. Mas não atinava com o que tinha Mani. Toda a tribo andava triste. Mas, deitada em sua rede, Mani sorria, sem doença e sem dor.

E sorrindo, Mani morreu. Os pais a enterraram dentro da própria oca. E regavam sua cova todos os dias, como era costume entre os índios Tupis. Regavam com lágrimas de saudade. Um dia perceberam que do túmulo de Mani rompia uma plantinha verde e viçosa.

– Que planta será esta? Perguntaram, admirados. Ninguém a conhecia.

– É melhor deixá-la crescer, resolveram os índios.

E continuaram a regar o <sup>9</sup>broto mimoso. A planta desconhecida crescia depressa. <sup>6</sup>Poucas luas se passaram, e ela

estava altinha, com um caule forte, que até fazia a terra se rachar em torno.

– A terra parece fendida, comentou a mãe de Mani.

– Vamos cavar?

E foi o que fizeram. Cavaram pouco e, à flor da terra, viram umas raízes grossas e morenas, quase da cor dos curumins, nome que dão aos meninos índios. Mas, sob a casquinha marrom, lá estava a polpa branquinha, quase da cor de Mani. Da oca de terra de Mani surgia uma nova planta!

– Vamos chamá-la <sup>10</sup>Mani-oca, resolveram os índios.

– E, para não deixar que se perca, vamos transformar a planta em alimento!

Assim fizeram! Depois, fincando outros ramos no chão, fizeram a primeira plantação de mandioca. Até hoje entre os índios do Norte e Centro do Brasil é este um alimento muito importante. E, em todo Brasil, quem não gosta da plantinha misteriosa que surgiu na casa de Mani?

Fonte: GIACOMO, Maria T. C. de. *Lendas brasileiras*, n. 7, 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1977. (adaptado)

(Ufsm 2015) Assinale V na(s) afirmativa(s) verdadeira(s) e F na(s) falsa(s).

( ) O texto se estrutura em estágios típicos da narrativa, dentre os quais está a complicação, iniciada no momento em que Mani não se levantou da rede.

( ) No estágio de orientação da narrativa, a personagem principal é representada por meio de um nome próprio e adjetivos que descrevem sua aparência, como “linda” (ref. 2) e “branquinha” (ref. 7), e seu comportamento, como “silenciosa” (ref. 8) e “quieta” (ref. 3).

( ) Palavras como “broto” (ref. 9) e “branquinha” (ref. 7) contribuem para estabelecer semelhanças entre a planta então desconhecida e Mani, ao mesmo tempo em que o emprego dos sufixos indicadores de diminutivo corroboram a representação de delicadeza e sensibilidade.

( ) Ao nomearem a nova planta de “Mani-oca” (ref. 10), os índios utilizaram o processo de formação de palavras por derivação prefixal.

A sequência correta é

a) V – F – F – F.

b) V – V – V – F.

c) F – V – V – V.

d) V – F – F – V.

e) F – F – V – F.

### Exercício 39

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Quando as órbitas se cruzam

<sup>7</sup>Em astronomia, quando as órbitas de duas estrelas se entrecruzam por causa da interação gravitacional, tem-se um sistema binário. Historicamente, ocorrem situações análogas quando uma era é moldada pela relação e rivalidade de dois grandes astros orbitando: Albert Einstein e Niels Bohr na física no século XX, por exemplo, ou Thomas Jefferson e Alexander Hamilton na condução inicial do governo americano. Nos primeiros trinta anos da era do computador pessoal, a partir do final dos anos 1970, o sistema estelar binário definidor foi composto por dois indivíduos de grande energia, que largaram os estudos na universidade, ambos nascidos em 1955.

Bill Gates e Steve Jobs, apesar das ambições semelhantes no ponto de convergência da tecnologia e dos negócios, <sup>5</sup>tinham origens bastante diferentes e personalidades radicalmente distintas.

À diferença de Jobs, Gates entendia de programação e tinha uma mente mais prática, mais disciplinada e com grande capacidade de raciocínio analítico. Jobs era mais intuitivo, romântico, e dotado de mais instinto para tornar a tecnologia usável, o design agradável e as interfaces amigáveis. Com sua mania de perfeição, era extremamente exigente, além de administrar com carisma e intensidade indiscriminada. <sup>3</sup>Gates era mais metódico; as reuniões para exame dos produtos tinham horário rígido, e ele chegava ao cerne das questões com uma habilidade ímpar. Jobs encarava as pessoas com uma intensidade cáustica e ardente; Gates às vezes não conseguia fazer contato visual, mas era essencialmente bondoso.

<sup>4</sup>“Cada qual se achava mais inteligente do que o outro, mas Steve em geral tratava Bill como alguém levemente inferior, sobretudo em questões de gosto e estilo”, diz Andy Hertzfeld. “Bill menosprezava Steve porque ele não sabia de fato programar.”

Desde o começo da relação, <sup>6</sup>Gates ficou fascinado por Jobs e com uma ligeira inveja de seu efeito hipnótico sobre as pessoas. Mas também o considerava “essencialmente esquisito” e “estranhamente falho como ser humano”, e se sentia desconcertado com a grosseria de Jobs e sua tendência a funcionar “ora no modo de dizer que você era um merda, ora no de tentar seduzi-lo”. Jobs, por sua vez, via em Gates uma estreiteza enervante.

<sup>2</sup>Suas diferenças de temperamento e personalidade <sup>1</sup>iriam levá-los para lados opostos da linha fundamental de divisão na era digital. Jobs era um perfeccionista que adorava estar no controle e se comprazia com sua índole intransigente de artista; ele e a Apple se tornaram exemplos de uma estratégia digital que integrava solidamente o hardware, o software e o conteúdo numa unidade indissociável. Gates era um analista inteligente, calculista e pragmático dos negócios e da tecnologia; dispunha-se a licenciar o software e o sistema operacional da Microsoft para um grande número de fabricantes.

Depois de trinta anos, Gates desenvolveu um respeito relutante por Jobs. “De fato, ele nunca entendeu muito de tecnologia, mas tinha um instinto espantoso para saber o que funciona”, disse. Mas Jobs nunca retribuiu valorizando devidamente os pontos fortes de Gates. “Basicamente Bill é pouco imaginativo e nunca

inventou nada, e é por isso que acho que ele se sente mais à vontade agora na filantropia do que na tecnologia”, disse Jobs, com pouca justiça. “Ele só pilhava despudoradamente as ideias dos outros.”

(ISAACSON, Walter. *Steve Jobs: a biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 189-191. Adaptado)



(Epcar (Afa) 2013) Assinale a opção correta quanto à análise das palavras abaixo, em destaque, retiradas do texto

- Os termos indissociável e intransigente são formadas somente pelo processo de derivação prefixal.
- As palavras ímpar e saída seguem a regra de acentuação gráfica das vogais i e u tônicas dos hiatos.
- Na frase, “... tinham... personalidades radicalmente distintas.” (ref. 5), o termo distintas é sinônimo de notáveis.
- Nas palavras destacadas em “... Gates ficou fascinado por Jobs e com uma ligeira inveja de seu efeito hipnótico...” (ref. 6), há, respectivamente, dígrafo, dígrafo e encontro consonantal.

#### Exercício 40

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o fragmento a seguir.

[...] a capoeira, a guardiã do jogo, da <sup>7</sup>brincadeira, do <sup>1</sup>faz de conta que <sup>8</sup>luta, mas joga com <sup>3</sup>o outro, que simula um <sup>9</sup>golpe e tira <sup>4</sup>o outro para dançar e que tem uma vinculação <sup>5</sup>étnica e racial com o percurso e o lugar da <sup>2</sup>negritude em nosso país, acabou, em algumas <sup>6</sup>escolas, ensinada sob o <sup>10</sup>controle da <sup>11</sup>esportivização, com regras e pontuações.

Fonte: *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Volume 1, 2008, p.231.

(Ufsm 2012) Qual alternativa apresenta uma análise correta sobre o conteúdo ou a organização linguística do fragmento?

- a) Na linha 1, no contexto em que são usados, os substantivos *jogo*, *brincadeira* e *faz de conta* se opõem para evidenciar os contrastes da capoeira como prática escolar.
- b) Os processos de formação de *faz de conta* (ref. 1) e *negritude* (ref. 2) são, respectivamente, derivação e composição.
- c) As duas ocorrências de *o outro* (ref. 3 e 4) servem para fazer referência a um espectador qualquer de um jogo de capoeira, indeterminando essa referência.
- d) Sem prejuízo da adequação gramatical, o adjetivo composto **étnico-racial** poderia substituir a sequência dos dois adjetivos empregados na referência 5.
- e) O pronome indefinido que acompanha *escolas* (ref. 6) evidencia que a crítica feita estende-se às escolas brasileiras em geral.

#### Exercício 41

(G1 - ifsp 2017) As alternativas abaixo apresentam trechos adaptados. De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa e com relação à pontuação e à ortografia, assinale a alternativa correta.

- a) Ler um livro deveria ser uma conversação entre você e o autor, presumidamente. Ele sabe mais sobre o tema do que você... Caso contrário você provavelmente, não deveria se importar com o livro dele. Mais compreensão é uma estrada de mão-dupla; o aprendiz tem que se questionar e questionar o professor, uma vez que ele entende o que o professor está dizendo; marcar um livro é literalmente uma expressão de suas diferenças ou concordâncias com o autor. É o respeito mais alto que você pode prestá-lo.
- b) Qualquer coisa que você aprende se torna sua riqueza, uma riqueza que não pode ser tomada de você. Seja se você aprende em um prédio chamado escola ou na escola da vida, aprender algo novo é um prazer sem fim e um tesouro valioso. E nem todas as coisas que você aprende são ensinadas a você mas muitas coisas que aprende, você percebe ter ensinado a si mesmo.
- c) A leitura depois de certa idade distrai excessivamente o espírito humano das suas reflexões criadoras. Todo homem que lê demais e usa o cérebro de menos adquire a preguiça de pensar.
- d) Faça sua própria bíblia, selecione e colhete todas as palavras e sentenças que em toda sua leitura, tiveram um impacto tão grande quanto a explosão de uma trombeta de Shakespeare.
- e) Eu leio um livro muito cuidadosamente escrevendo, nas margens tudo quanto é tipo de nota. Depois de algumas semanas, eu volto ao livro, trasfiro meus rabiscos, em cartões de nota, cada cartão representando um tema, importante no livro.

#### Exercício 42

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

‘A única coisa que não pode ser comprada é o saber’,

diz Nuccio Ordine

por Leonardo Cazes

RIO - Na abertura dos seus cursos na Universidade da Calábria, na Itália, <sup>1</sup>o filósofo Nuccio Ordine sempre pergunta aos seus alunos: <sup>2</sup>“por que vocês vieram para a universidade?”. A provocação de Ordine parte da sua constatação de que as instituições de ensino se tornaram meras fábricas que despejam jovens diplomados no mercado de trabalho, <sup>3</sup>e não lugares aonde se vai para compreender o mundo e a si mesmo.

Contra uma visão utilitarista dos saberes, o filósofo escreveu o manifesto “A utilidade do inútil” (...), best-seller na Europa que chega agora ao Brasil.

#### Como convencer as pessoas da utilidade do que é considerado inútil?

É preciso olhar o mundo em que vivemos, onde a lógica do dinheiro domina tudo. A única coisa que não pode ser comprada é o saber. Não é possível se tornar um homem culto com um cheque em branco. Criamos um mundo onde as pessoas pensam apenas no seu próprio egoísmo. Perdeu-se de vista o sentido da solidariedade humana. <sup>4</sup>Um mundo que nos obriga a viver na dor é um mundo possível? Eu não acredito. <sup>5</sup>Os saberes, como a música, a literatura, a filosofia, a arte, nos ensinam a importância da gratuidade. Devemos fazer coisas que não buscam o lucro. A dignidade humana não é a conta que temos no banco. A dignidade humana é a nossa capacidade de abraçar os grandes valores, a solidariedade, o amor pela justiça, o bem-estar. <sup>6</sup>Como convencer as pessoas disso? Meu argumento é que estamos numa rota autodestrutiva.

#### No livro, o senhor mostra que a discussão sobre o utilitarismo e o poder do dinheiro existe há séculos. O que há de diferente hoje?

Desde o período clássico, vários autores refletiram sobre o perigo do dinheiro. Mas, hoje, nós temos uma radicalização na busca pelo lucro que se tornou uma forma de autodestruição do próprio capitalismo. É a ânsia de ganhar mais e mais que vai destruir o capitalismo.

(*O Globo*, Segundo Caderno, p. 06 – 27/02/2016.)

(G1 - epcar (Cpcar) 2022) Sobre o título do manifesto escrito por Nuccio Ordine – “A utilidade do inútil” –, é correto afirmar que

- a) apresenta, na construção do sentido, a figura de linguagem paradoxo.
- b) o processo de formação de ambos os substantivos é a composição.
- c) o termo “do inútil” é regido pelo substantivo “utilidade” e funciona como seu adjunto adnominal.
- d) a preposição “de” estabelece entre os dois substantivos uma relação de procedência.

#### Exercício 43



## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o fragmento, abaixo, extraído do poema “Quilombos”, do poeta baiano José Carlos Limeira.

“Te vejo meu povo feliz  
Teu sonho querendo sentir  
Se Palmares ainda vivesse  
Pra Palmares teria que ir

Você já pensou se Domingos Jorge Velho e sua malta  
Não houvessem tido tanta sorte?

Já pensou naquele país da Serra da Barriga?  
Sei que talvez não,  
É difícil imaginar uma terra (...)  
Onde não fosse possível ver  
<sup>1</sup>Criancinhas  
De dez, oito, seis anos  
Voltando às quatro da manhã  
Depois de vender chicletes e o último resquício de dignidade  
Nos cruzamentos da cidade.  
(...)  
Por menos que conte a história  
Não te esqueço meu povo  
<sup>2</sup>Se Palmares não vive mais  
Faremos Palmares de novo.”

LIMEIRA, José Carlos; SEMOG, Éle. Atabaques. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 1983.

(G1 - ifba 2017) Do ponto de vista morfológico, na estrutura da palavra “Criancinhas” (ref. 1) apresenta-se:

- a) uma desinência verbal que indica quantidade.
- b) um prefixo que tem sentido de medida.
- c) um sufixo de valor diminutivo.
- d) um sufixo que forma substantivo por meio do verbo.
- e) uma composição por aglutinação.

### Exercício 44

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

<sup>1</sup>Hoje os conhecimentos se estruturam de modo <sup>3</sup>fragmentado, <sup>4</sup>separado, <sup>5</sup>compartimentado nas disciplinas. <sup>8</sup>Essa situação impede uma visão global, uma visão fundamental e uma visão complexa. <sup>13</sup>“Complexidade” vem da palavra latina *complexus*, que significa a compreensão dos elementos no seu conjunto. As disciplinas costumam excluir tudo o que se encontra fora do <sup>9</sup>seu campo de especialização. A literatura, no entanto, é uma

área que se situa na inclusão de todas as dimensões humanas.

Nada do humano <sup>10</sup>lhe é estranho, <sup>6</sup>estrangeiro.

A literatura e o teatro são desenvolvidos como meios de expressão, meios de conhecimento, meios de compreensão da <sup>14</sup>complexidade humana. Assim, podemos ver o primeiro modo de inclusão da literatura: a inclusão da <sup>15</sup>complexidade humana. E vamos ver ainda outras inclusões: a inclusão da personalidade humana, a inclusão da subjetividade humana, e, também, muito importante, a inclusão; do estrangeiro, do marginalizado, do infeliz, de todos que ignoramos e desprezamos na vida cotidiana. A inclusão da <sup>16</sup>complexidade humana é necessária porque recebemos uma visão mutilada do humano. <sup>11</sup>Essa visão, a de *homo sapiens*, é uma <sup>17</sup>definição do homem pela razão; de *homo faber*<sup>20</sup>, do homem como trabalhador; de *homo economicus*<sup>21</sup>, movido por lucros econômicos. Em resumo, trata-se de uma visão prosaica, mutilada, <sup>12</sup>que esquece o principal<sup>22</sup>: a relação do *sapiens/demens*, da razão com a demência, com a loucura. Na literatura, encontra-se a inclusão dos problemas humanos mais terríveis, coisas <sup>18</sup>insuportáveis que nela se tornam suportáveis. Harold Bloom escreve: <sup>24</sup>“Todas as <sup>25</sup>grandes obras revelam a universalidade humana através de destinos singulares, de situações singulares, de épocas singulares”. É essa a razão por que as <sup>19</sup>obras-primas atravessam <sup>7</sup>séculos, sociedades e nações.

<sup>2</sup>Agora chegamos à parte mais humana da inclusão: a inclusão do outro para a compreensão humana. A compreensão nos torna mais generosos com relação ao outro<sup>23</sup>, e o criminoso não é unicamente mais visto como criminoso, <sup>26</sup>como o Raskolnikov de Dostoiévsky, como o Padrinho de Coppola. A literatura, o teatro e o cinema são os melhores meios de compreensão e de inclusão do outro. Mas a compreensão se torna provisória, esquecemo-nos depois da leitura, da peça e do filme. Então essa compreensão é que deveria ser introduzida e desenvolvida em nossa vida pessoal e social, porque serviria para melhorar as relações humanas, para melhorar a vida social.

Adaptado de: MORIN, Edgar. A inclusão: verdade da literatura. In: RÖSING, Tânia et al. *Edgar Morin: religando fronteiras*. Passo Fundo: UPF, 2004. p.13-18

(Ufrgs 2015) Na coluna da esquerda, estão palavras retiradas do texto; na coluna da direita, descrições relacionadas à formação de palavras.

Associe corretamente a coluna da esquerda com a da direita.

- |   |   |
|---|---|
| ( ) <b>complexidade</b> (refs. 13, 14, 15 e 16) | 1. Constituída por composição através de justaposição.  |
| ( ) <b>definição</b> (ref. 17)                  | 2. Constituída por prefixo com sentido de negação e sufixo formador de adjetivos a partir de verbos |
| ( ) <b>insuportáveis</b> (ref. 18)              | 3. Constituída por sufixo formador de substantivo a partir de adjetivo.                             |
| ( ) <b>obras-primas</b> (ref. 19)               | 4. Constituída por sufixo formador de substantivo a partir  |

de verbo.  
5. Constituída por aglutinação, tendo em vista a mudança silábica de um dos elementos do vocábulo.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 4 - 3 - 2 - 1.
- b) 3 - 4 - 2 - 5.
- c) 4 - 3 - 1 - 5.
- d) 3 - 4 - 2 - 1.
- e) 3 - 2 - 1 - 5.

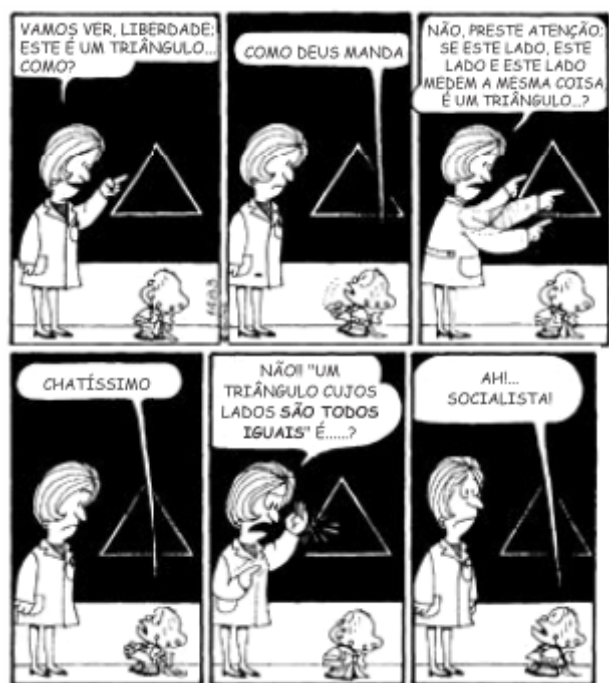
#### Exercício 45

(G1 - ifce 2019) As palavras “aguardente” e “pontapé” formaram-se, respectivamente, por

- a) parassíntese e aglutinação.
- b) aglutinação e sufixação.
- c) justaposição e prefixação.
- d) parassíntese e justaposição.
- e) aglutinação e justaposição.

#### Exercício 46

(Ufsm 2006)



Liberdade - Quino.

Observe o texto com alguns processos de formação de palavras

A. Derivação:

- 1. prefixal
- 2. sufixal

B. Composição:

- 1. justaposição
- 2. aglutinação

As palavras "chatíssimo" e "socialista" correspondem, respectivamente, às seguintes combinações:

- a) A1, B1.
- b) A2, A2.
- c) B1, B2.
- d) A2, B2.
- e) B1, A1.

#### Exercício 47

(G1 2006) Escreva a seguir se as palavras foram formadas por aglutinação ou justaposição:

- 1 - malmequer:
- 2 - pernilongo:
- 3 - embora:
- 4 - girassol:
- 5 - aguardente:

#### Exercício 48

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Minha amiga me pergunta: por que você fala sempre nas coisas que acontecem a primeira vez e, sobretudo, as comparar com a primeira vez que você viu o mar? Me lembro dessa cena: um adolescente chegando ao Rio e o irmão lhe prevenindo: “Amanhã vou te apresentar o mar.” Isto soava assim: amanhã vou te levar ao outro lado do mundo, amanhã te ofereço a Lua. Amanhã você já não será o mesmo homem.

E a cena continuou: resguardado pelo irmão mais velho, que se assentou no banco do calçadão, o adolescente, ousado e indefeso, caminha na areia para o primeiro encontro com o mar. Ele não pisava na areia. Era um oásis a caminhar. Ele não estava mais em Minas, mas andava num campo de tulipas na Holanda. O mar a primeira vez não é um rito que deixe um homem impune. Algo nele vai-se aprofundar.

E o irmão lá atrás, respeitoso, era a sentinela, o sacerdote que deixa o iniciante no limiar do sagrado, sabendo que dali para a frente o outro terá que, sozinho, enfrentar o dragão. E o dragão lá vinha soltando pelas narinas as ondas verdes de verão. E o pequeno cavaleiro, destemido e intimidado, tomou de uma espada ou pedaço de pau qualquer para enfrentar a hidra que ondeava mil cabeças, e convertendo a arma em caneta ou lápis começou a escrever na areia um texto que não terminará jamais. Que é assim o ato de escrever: mais que um modo de se postar diante do mar, é uma forma de domar as vagas do presente convertendo-o num cristal passado.

Não, não enchi a garrafinha de água salgada para mostrar aos vizinhos tímidos retidos nas montanhas, e fiz mal, porque muitos

morreram sem jamais terem visto o mar que eu lhes trazia. Mas levei as conchas, é verdade, que na mesa interior marulhavam lembranças de um luminoso encontro de amor com o mar. Certa vez, adolescente ainda nas montanhas, li urna crônica onde um leitor de Goiás pedia à cronista que lhe explicasse, enfim, o que era o mar. Fiquei perplexo. Não sabia que o mar fosse algo que se explicasse. Nem me lembro da descrição. Me lembro apenas da pergunta. Evidentemente eu não estava pronto para a resposta. A resposta era o mar. E o mar eu conheci, quando pela primeira vez aprendi que a vida não é a arte de responder, mas a possibilidade de perguntar.

Os cariocas vão achar estranho, mas eu devo lhes revelar: o carioca, com esse modo natural de ir à praia, desvaloriza o mar. Ele vai ao mar com a sem-cerimônia que o mineiro vai ao quintal. E o mar é mais que horta e quintal. É quando atrás do verde-azul do instante o desejo se alucina num cardume de flores no jardim. O mar é isso: é quando os vagalhões da noite se arrebatam na aurora do sim.

Ver o mar a primeira vez, lhes digo, é quando Guimarães Rosa pela vez primeira, por nós, viu o sertão. Ver o mar a primeira vez é quase abrir o primeiro consultório, fazer a primeira operação. Ver o mar a primeira vez é comprar pela primeira vez uma casa nas montanhas: que surpresas ondearão entre a lareira e a mesa de vinhos e queijos!

O mar é o mestre da primeira vez e não para de ondear suas lições. Nenhuma onda é a mesma onda. Nenhum peixe o mesmo peixe. Nenhuma tarde a mesma tarde. O mar é um morrer sucessivo e um viver permanente. Ele se desfolha em ondas e não para de brotar. A contemplá-lo ao mesmo tempo sou jovem e envelheço.

O mar é recomeço.

(SANT'ANNA, Affonso Romano de. O mar, a primeira vez.

In:\_\_\_\_\_. *Fizemos bem em resistir*: crônicas selecionadas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.50-52. Texto adaptado.)

(Esc. Naval 2014) Em que opção o comentário sobre as palavras sublinhadas está correto?

a) “E o irmão lá atrás, respeitoso, [...]” (3º parágrafo) - o sufixo “-oso” forma o adjetivo sublinhado a partir de um substantivo.

b) “Não, não enchi a garrafinha de água salgada para [...]” (4º parágrafo) - em “garrafinha”, o sufixo de diminutivo tem valor pejorativo.

c) “[...] o carioca, com esse modo natural de ir à praia, desvaloriza o mar.” (6º parágrafo) - o prefixo “des-” denota repetição em “desvalorizar”.

d) “Ele vai ao mar com a sem-cerimônia que o mineiro vai ao quintal.” (6º parágrafo) - “sem-cerimônia” é um neologismo formado por aglutinação.

e) “[...] que surpresas ondearão entre a lareira e a mesa de vinhos e queijos!” (7º parágrafo) - o verbo sublinhado é formado por

prefixação.

## Exercício 49

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

– Mas que ossos tão <sup>1</sup>miudinhos! São de criança?  
– Ele disse que eram de adulto. De um anão.  
– De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, <sup>2</sup>é raro à beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí – admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos <sup>3</sup>um pequeno crânio de uma <sup>3</sup>brancura de cal. – Tão perfeito, todos os <sup>4</sup>dentinhas!  
– Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui do lado, <sup>5</sup>só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente, extra. <sup>6</sup>Telefone, também. <sup>7</sup>Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha coma garrafa térmica, fechem bem a garrafa – recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. <sup>8</sup>Soltou uma bafarada final: – <sup>9</sup>Não deixem a porta aberta senão meu gato foge.  
Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho de seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada.  
Esvaziei a mala, dependurei a blusa <sup>10</sup>amarrotada num cabide que enfiar num vão da veneziana, prendi na parede, com durex, uma gravura de Grassmann e <sup>11</sup>sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, <sup>12</sup>desatarraxar <sup>13</sup>a lâmpada <sup>14</sup>fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. <sup>15</sup>O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do <sup>16</sup>caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra <sup>17</sup>e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam os ovos numa caixa.  
– Um anão. <sup>18</sup>Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim de semana começo a montar ele.

TELLES, Lygia Fagundes. *Melhores contos* / Lygia Fagundes Telles, seleção de Eduardo Portella. – [13 ed.] – São Paulo: Global, 2015, p.123.

(Udesc 2019) Analise as proposições em relação à obra *Melhores contos*, de Lygia Fagundes Telles, ao conto “As formigas”, ao trecho apresentado anteriormente, e assinale (V) para verdadeira e (F) para falsa.

( ) As palavras “brancura” (ref. 3) “Telefone” (ref. 6), “amarrotada” (ref. 10), “dessatarraxar” (ref. 12), quanto ao processo de formação das palavras, são, respectivamente, constituídas por sufixação, hibridismo, parassíntese e prefixação e sufixação.

( ) A leitura do conto leva o leitor a inferir que entre as duas protagonistas universitárias há contraponto, a que faz medicina é lógica, racional e decidida; enquanto a que cursa Direito é medrosa, insegura, imaginativa. Enquanto uma é a razão a outra é emoção, intuição.

( ) A narrativa retrata a figura de um anão, inconsistente pela imagem não definida, que perpassa o conto com uma presença sem corpo – fantasmagórica, materializando-se no desfecho do conto.

( ) Da leitura do conto, pressupõe-se que o sócio também representa um personagem, uma vez que lhe são atribuídas, simbolicamente, algumas ações: pensa, guarda lembranças e decide.

( ) Da leitura da obra, infere-se que em alguns contos, tal como ocorre em “As formigas”, há um vaivém entre a representação do mundo real e a do ficcional, assim a autora vai construindo as suas narrativas, em que o fantástico e o sobrenatural parecem dialogar com a materialidade.

Assinale a alternativa **correta**, de cima para baixo.

- a) V – V – V – V – V
- b) V – F – F – V – V
- c) F – F – V – V – F
- d) F – V – F – V – V
- e) F – V – F – V – F

### Exercício 50

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

#### Cena 1

<sup>1</sup>Em uma madrugada <sup>2</sup>chuvosa, um trabalhador residente em São Paulo <sup>3</sup>acorda, ao <sup>4</sup>amanhecer, às cinco <sup>5</sup>horas, toma

<sup>6</sup>rapidamente o café da manhã, dirige-se até o carro, acessa a rua, e, como de costume, faz o mesmo trajeto até o trabalho. <sup>7</sup>Mas, em um desses inúmeros dias, ouve pelo rádio que <sup>8</sup>uma das avenidas de sua habitual rota está totalmente congestionada. A partir dessa informação e <sup>9</sup>enquanto dirige, o trabalhador inicia um processo mental analítico para escolher uma rota alternativa que o faça chegar \_\_\_\_\_<sup>1</sup>\_\_\_\_\_ empresa no horário de sempre.

<sup>10</sup>Para decidir sobre essa nova rota, ele deverá considerar<sup>11</sup>: a nova distância a ser percorrida, o tempo gasto no deslocamento, a quantidade de cruzamentos existentes em cada rota, em qual das rotas encontrará chuva e em quais rotas passará por áreas sujeitas a alagamento.

#### Cena 2

<sup>12</sup>Mais tarde no mesmo dia, um casal residente na mesma cidade obtém financiamento imobiliário e <sup>13</sup>decide pela compra de um apartamento. São inúmeras opções de imóveis à venda. Para a escolha adequada do local de sua morada em São Paulo, o casal deverá levar em conta, além do valor do apartamento, também outros critérios<sup>14</sup>: variação do preço dos imóveis por bairro, distância do apartamento até a escola dos filhos pequenos, tempo gasto entre o apartamento e o local de emprego do casal, preferência por um bairro tranquilo e existência de linha de ônibus integrada ao metrô nas proximidades do imóvel – entre outros critérios.

Essas duas cenas urbanas descrevem situações comuns \_\_\_\_\_<sup>2</sup>\_\_\_\_\_ passam diariamente muitos dos cidadãos residentes em grandes cidades. <sup>15</sup>As <sup>16</sup>protagonistas têm em comum a angústia de tomar uma decisão complexa, <sup>17</sup>escolhida dentre

várias possibilidades oferecidas pelo espaço geográfico. Além de mostrar que a geografia é vivida no cotidiano, as duas cenas mostram também que, para tomar a decisão que \_\_\_\_\_<sup>3</sup>\_\_\_\_\_ seja mais conveniente, nossas <sup>18</sup>protagonistas deverão realizar, primeiramente, uma <sup>19</sup>*análise geoespacial* da cidade. Em ambas as cenas, essa análise se desencadeia a partir de um sistema cerebral composto de <sup>20</sup>informações geográficas representadas internamente na forma de mapas mentais que induzirão as três protagonistas a tomar suas decisões. Em cada cena podemos visualizar uma pergunta espacial. Na primeira, o trabalhador pergunta: <sup>21</sup>“qual a melhor rota a seguir, desde este ponto onde estou até o local de meu trabalho, neste horário de segunda-feira?” Na segunda, o questionamento seria: “qual é o lugar da cidade que reúne todos os critérios geográficos adequados à nossa moradia?”

<sup>22</sup>A cena 1 é um exemplo clássico de análise de redes, enquanto a cena 2 é um exemplo clássico de alocação espacial – duas das técnicas mais importantes da análise geoespacial.

<sup>23</sup>A análise geoespacial reúne um conjunto de métodos e técnicas quantitativos dedicados à solução dessas e de outras perguntas <sup>24</sup>similares, em computador, \_\_\_\_\_<sup>4</sup>\_\_\_\_\_ respostas dependem da organização espacial de informações geográficas em um determinado tempo. Dada a complexidade dos modelos, muitas técnicas de análise geoespacial foram transformadas em linguagem computacional e reunidas, posteriormente, em um sistema de informação geográfica. Esse fato geotecnológico contribuiu para a <sup>25</sup>popularização da análise geoespacial realizada em computadores<sup>26</sup>, que atualmente é simplificada pelo termo geoprocessamento.

Adaptado de: FERREIRA, Marcos César. *Iniciação à análise geoespacial*: teoria, técnicas e exemplos para geoprocessamento. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 33-34.

(Ufrgs 2019) Considere as afirmações abaixo, sobre a formação de palavras no texto.

- I. A palavra **chuvosa** (ref. 2) é formada por sufixação a partir de um substantivo.
- II. A palavra **amanhecer** (ref. 4) é formada por parassíntese a partir de um substantivo.
- III. A palavra **rapidamente** (ref. 6) é formada por sufixação a partir de um substantivo.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

## Exercício 51

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões).



LATUFF, C. Disponível em: <<https://infonet.com.br/noticias/educacao/movimentos-sociais-midia-e-a-aura-do-impulso-da-mudanca/>>. Acesso em: 28 set. 2018.

(G1 - ifpe 2019) Considerando o processo de formação da palavra “latifundiário”, ela poderia ser incluída em qual grupo de palavras abaixo?

- a) Inativo, antebráço, intravenoso e irrestrito.
- b) Aguardente, embora, passatempo e girassol.
- c) Moto, refri, foto e quilo.
- d) MST, ONU, UNE e IFPE.
- e) Chuvisco, boiada, folhagem e caféina.

## Exercício 52

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### O homem deve reencontrar o Paraíso...

Rubem Alves

Era uma família grande, todos amigos. Viviam como todos nós: moscas presas na enorme teia de aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha lhes arrancava um pedaço. Ficaram cansados. Resolveram mudar de vida: um sonho louco: navegar! Um barco, o mar, o céu, as estrelas, os horizontes sem fim: liberdade. Venderam o que tinham, compraram um barco capaz de atravessar mares e sobreviver tempestades.

Mas para navegar não basta sonhar. É preciso saber. São muitos os saberes necessários para se navegar. Puseram-se então a estudar cada um aquilo que teria de fazer no barco: manutenção do casco, instrumentos de navegação, astronomia, meteorologia, as velas, as cordas, as polias e roldanas, os mastros, o leme, os parafusos, o motor, o radar, o rádio, as ligações elétricas, os mares, os mapas... Disse certo poeta: *Navegar é preciso*, a ciência da navegação é saber preciso, exige aparelhos, números e medições. Barcos se fazem com precisão, astronomia se aprende com o rigor da geometria, velas se fazem com saberes exatos sobre tecidos, cordas e ventos, instrumentos de navegação não informam *mais ou menos*. Assim, eles se

tornaram cientistas, especialistas, cada um na sua – juntos para navegar.

Chegou então o momento de grande decisão – para onde navegar. Um sugeria as geleiras do sul do Chile, outro os canais dos fiordes da Noruega, um outro queria conhecer os exóticos mares e praias das ilhas do Pacífico, e houve mesmo quem quisesse navegar nas rotas de Colombo. E foi então que compreenderam que, quando o assunto era a escolha do destino, as ciências que conheciam para nada serviam.

De nada valiam, tabelas, gráficos, estatísticas. Os computadores, coitados, chamados a dar seu palpite, ficaram em silêncio. Os computadores não têm preferências – falta-lhes essa sutil capacidade de *gostar*, que é a essência da vida humana. Perguntados sobre o porto de sua escolha, disseram que não entendiam a pergunta, que não lhes importava para onde se estava indo.

Se os barcos se fazem com ciência, a navegação faz-se com sonhos. Infelizmente a ciência, utilíssima, especialista em saber *como as coisas funcionam*, tudo ignora sobre o coração humano. É preciso sonhar para se decidir sobre o destino da navegação. Mas o coração humano, lugar dos sonhos, ao contrário da ciência, é coisa preciosa. Disse certo poeta: *Viver não é preciso*. Primeiro vem o impreciso desejo. Primeiro vem o impreciso desejo de navegar. Só depois vem a precisa ciência de navegar.

Naus e navegação têm sido uma das mais poderosas imagens na mente dos poetas. Ezra Pound inicia seus *Cânticos* dizendo: *E pois com a nau no mar/ assestamos a quilho contra as vagas...* Cecília Meireles: *Foi, desde sempre, o mar! A solidez da terra, monótona/ parece-nos fraca ilusão! Queremos a ilusão do grande mar / multiplicada em suas malhas de perigo*. E Nietzsche: *Amareis a terra de vossos filhos, terra não descoberta, no mar mais distante. Que as vossas velas não se cansem de procurar esta terra! O nosso leme nos conduz para a terra dos nossos filhos...* Viver é navegar no grande mar!

Não só os poetas: C. Wright Mills, um sociólogo sábio, comparou a nossa civilização a uma galera que navega pelos mares. Nos porões estão os remadores. Remam com precisão cada vez maior. A cada novo dia recebem novos, mais perfeitos. O ritmo da remadas acelera. Sabem tudo sobre a ciência do remar. A galera navega cada vez mais rápido. Mas, perguntados sobre o porto do destino, respondem os remadores: *O porto não nos importa. O que importada é a velocidade com que navegamos*.

C Wright Mills usou esta metáfora para descrever a nossa civilização por meio duma imagem plástica: multiplicam-se os meios técnicos e científicos ao nosso dispor, que fazem com que as mudanças sejam cada vez mais rápidas; mas não temos ideia alguma de *para onde* navegamos. *Para onde?* Somente um navegador louco ou perdido navegaria sem ter ideia do *para onde*. Em relação à vida da sociedade, ela contém a busca de uma utopia. Utopia, na linguagem comum, é usada como *sonho impossível de ser realizado*. Mas não é isso. Utopia é um ponto inatingível que indica uma direção.

Mário Quintana explicou a utopia com um verso: *Se as coisas são inatingíveis... ora! não é um motivo para não querê-las... Que tristes os caminho, se não fora! A mágica presença das estrelas!* Karl Mannheim, outro sociólogo sábio que poucos leem, já na década de 1920 diagnosticava a doença da nossa civilização: Não temos consciência de direções, não escolhemos direções. Faltam-nos estrelas que nos indiquem o destino.

Hoje, ele dizia, as únicas perguntas que são feitas, determinadas pelo pragmatismo da tecnologia (o importante é produzir o objeto) e pelo objetivismo da ciência (o importante é saber como funciona), são: *Como posso fazer tal coisa? Como posso resolver este problema concreto em particular?* E conclui: *E em todas essas perguntas sentimos o eco intimista: não preciso de me preocupar com o todo, ele tomará conta de si mesmo.*

Em nossas escolas é isso que se ensina: a precisa ciência da navegação, sem que os estudantes sejam levados a sonhar com as estrelas. A nau navega veloz e sem rumo. Nas universidades, essa doença assume a forma de peste epidêmica: cada especialista se dedica com paixão e competência, a fazer pesquisas sobre o seu parafuso, sua polia, sua vela, seu mastro.

Dizem que seu dever é produzir conhecimento. Se forem bem-sucedidas, suas pesquisas serão publicadas em revistas internacionais. Quando se lhes pergunta: *Para onde seu barco está navegando?*, eles respondem: *Isso não é científico. Os sonhos não são objetos de conhecimento científico.*

E assim ficam os homens comuns abandonados por aqueles que, por conhecerem mares e estrelas, lhes poderiam mostrar o rumo. Não posso pensar a missão das escolas, começando com as crianças e continuando com os cientistas, como outra que não a da realização do dito poeta: *Navegar é preciso. Viver não é preciso.*

É necessário ensinar os precisos saberes da navegação enquanto ciência. Mas é necessário apontar com imprecisos sinais para os destinos da navegação: *A terra dos filhos dos meus filhos, no mar distante...* Na verdade, a ordem verdadeira é a inversa. Primeiro, os homens sonham com navegar. Depois aprendem a ciência da navegação. É inútil ensinar a ciência da navegação a quem mora nas montanhas.

O meu sonho para a educação foi dito por Bachelard: *O universo tem um destino de felicidade. O homem deve reencontrar o Paraíso.* O paraíso é o jardim, lugar de felicidade, prazeres e alegrias para os homens e mulheres. Mas há um pesadelo que me atormenta: o deserto. Houve um momento em que se viu, por entre as estrelas, um brilho chamado *progresso*. Está na bandeira nacional... E, *quilha contra as vagas*, a galera navega em direção ao progresso, a uma velocidade cada vez maior, e ninguém questiona a direção. E é assim que as florestas são destruídas, os rios se transformam em esgotos de fezes e veneno, o ar se enche de gases, os campos se cobrem de lixo – e tudo ficou feio e triste.

Sugiro aos educadores que pensem menos nas tecnologias do ensino – psicologias e quinquilharias – e tratem de sonhar, com os seus alunos, sonhos de um Paraíso.

Obs.: O texto foi adaptado às regras do Novo Acordo Ortográfico.

(Efomm 2018) *Chegou então o momento da grande decisão – para onde navegar. Um sugeriu as geleiras do sul do Chile, outro os canais dos fiordes (...).*

Todas as palavras pertencem à classe gramatical da palavra sublinhada na passagem acima, **EXCETO** a da alternativa

a) São muitos os saberes necessários para se navegar.

b) (...) a galera navega em direção ao progresso, a uma velocidade cada vez maior, e ninguém questiona a direção.

c) E conclui: 'E em todas essas perguntas sentimos o eco otimista: não preciso de me preocupar com o tudo, ele tomará conta de si mesmo'.

d) O ritmo das remadas aceleram. Sabem tudo sobre a ciência do remar.

e) E foi então que compreenderam que, quando o assunto era a escolha do destino, as ciências que conheciam para nada serviam.

### Exercício 53

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### O Verbo For

<sup>1</sup>Vestibular de verdade era no meu tempo. <sup>2</sup>Já estou chegando, ou já cheguei, à altura da vida em que tudo de bom era no meu tempo; meu e dos outros coroa. Acho inadmissível e mesmo chocante (no sentido antigo) um coroa não ser reacionário. <sup>4</sup>Somos uma força histórica de grande valor. Se não agíssemos com o vigor necessário – evidentemente o condizente com a nossa condição <sup>13</sup>profecta –, tudo sairia fora de controle, mais do que já está. O vestibular, é claro, jamais voltará ao que era outrora e talvez até desapareça, mas julgo necessário falar do antigo às novas gerações e lembrá-lo às minhas coevas (ao dicionário outra vez; domingo, dia de exercício).

<sup>5</sup>O vestibular de Direito a que me submeti, na velha Faculdade de Direito da Bahia, tinha só quatro matérias: português, latim, francês ou inglês e sociologia. Nada de cruzinhas, múltipla escolha ou matérias que não interessassem diretamente à carreira. Tudo escrito tão <sup>12</sup>ruybarbosianamente quanto possível, com citações decoradas, preferivelmente.

Havia provas escritas e orais. A escrita já dava nervosismo, da oral muitos nunca se recuperaram inteiramente, pela vida afora. Tirava-se o ponto <sup>10</sup>(sorteava-se o assunto) e partia-se para o martírio, insuperável por qualquer esporte radical desta juventude de hoje.

O maior público das provas orais era o que já tinha ouvido falar alguma coisa do candidato e vinha vê-lo "dar um show". Eu dei show de português e inglês. O de português até que foi moleza, em certo sentido. O professor José Lima, de pé e tomando um cafezinho, me dirigiu as seguintes palavras aladas:

- Dou-lhe dez, se o senhor me disser qual é o sujeito da primeira oração do Hino Nacional!

- As margens plácidas - respondi instantaneamente e o mestre quase deixa cair a xícara.

- Por que não é indeterminado, "ouviram, etc."?

- Porque o "as" de "as margens plácidas" não é craseado. Quem ouviu foram as margens plácidas. É uma anástrofe, entre as muitas que existem no hino. "Nem teme quem te adora a própria morte": sujeito: "quem te adora." Se pusermos na ordem direta...

- Chega! - <sup>11</sup>berrou ele. - Dez! Vá para a glória! A Bahia será sempre a Bahia!



Quis o irônico destino, uns anos mais tarde, que eu fosse professor da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia e me designassem para a banca de português, com prova oral e tudo. Eu tinha fama de professor carrasco, que até hoje considero injustíssima, e ficava muito incomodado com aqueles rapazes e moças pálidos e trêmulos diante de mim. Uma bela vez, chegou um sem o menor sinal de nervosismo, muito elegante, paletó, gravata e abotoaduras vistosas. A prova oral era bestíssima. Mandava-se o candidato(a) ler umas dez linhas em voz alta (sim, porque alguns não sabiam ler) e depois se perguntava o que queria dizer uma palavra trivial ou outra, qual era o plural de outra e assim por diante. Esse mal sabia ler, mas não perdia a pose. Não acertou a responder nada. Então, eu, carrasco fictício, peguei no texto uma frase em que a palavra "for" tanto podia ser do verbo "ser" quanto do verbo "ir". Pronto, pensei. Se ele distinguir qual é o verbo, considero-o um gênio, dou quatro, ele passa e seja o que Deus quiser.

- Esse "for" aí, que verbo é esse?

<sup>6</sup>Ele considerou a frase longamente, como se eu estivesse pedindo que resolvesse a quadratura do círculo, depois ajeitou as abotoaduras e me encarou sorridente.

- Verbo for.

- Verbo o quê?

- Verbo for.

- Conjugue aí o presente do indicativo desse verbo.

- <sup>9</sup>Eu fonho, tu fões, ele fõe - <sup>8</sup>recitou ele, impávido. - Nós fomos, vós fondes, eles fõem.

<sup>7</sup>Não, dessa vez ele não passou. Mas, se perseverou, deve ter acabado passando e hoje há de estar num posto qualquer do Ministério da Administração ou na equipe econômica, ou ainda aposentado como marajá, ou as três coisas. <sup>3</sup>Vestibular, no meu tempo, era muito mais divertido do que hoje e, nos dias que correm, devidamente diplomado, ele deve estar fundo para quebrar. Fões tu? Com quase toda a certeza, não. Eu tampouco fonho. Mas ele fõe.

RIBEIRO, João Ubaldo. *O Conselheiro Come*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2000. p. 20-23.

(Uece 2015) No texto, a expressão “ruybarbosianamente” (ref. 12) significa

- a) a critério de Ruy Barbosa.
- b) ao contrário de Ruy Barbosa.
- c) à maneira de Ruy Barbosa.
- d) às expensas de Ruy Barbosa.

#### Exercício 54

(Espcex (Aman) 2014) A alternativa que apresenta vocábulo onomatopáico é:

- a) Os ramos das árvores brandiam com o vento.

- b) Hum! Este prato está saboroso.

- c) A fera bramia diante dos caçadores.

- d) Raios te partam! Voltando a si não achou que dizer.

- e) Mas o tempo urgia, deslancei-lhe as mãos...

#### Exercício 55

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Apesar da paranoia dos ricos, 85% dos refugiados estão em países pobres**

**por Leonardo Sakamoto**

As imagens de crianças separadas dos pais pelo governo dos Estados Unidos ao tentarem entrar de forma ilegal no país provocaram comoção internacional. Os vídeos que circularam pela imprensa norte-americana mostram montes delas, enjauladas, chorando. Antes, as famílias permaneciam unidas em centros de detenção.

<sup>1</sup>Durante a campanha de Donald Trump à Presidência, o tema da migração ganhou destaque com o então candidato, culpando os trabalhadores estrangeiros por desgraças que acontecem em solo norte-americano – de estupros ao tráfico de drogas. Desde então, está obsessivo com o prolongamento do muro, isolando o México dos Estados Unidos e chegou a anunciar o veto à entrada de muçulmanos.

<sup>2</sup>Corporações de países ricos ou em desenvolvimento superexploram territórios na periferia do mundo ou seus governos promovem conflitos armados em nome de recursos naturais ou de interesses geopolíticos. Comunidades sofrem com isso e são obrigadas a deixar suas casas. Daí vão bater às portas de países ricos ou em desenvolvimento, mas nem todos os recebem de braços abertos, apesar de serem cúmplices do sistema que os expulsou.

Em todo o mundo, culpamos os migrantes por roubar empregos, trazer violência, sobrecarregar os serviços públicos porque é mais fácil jogar a responsabilidade em quem não tem voz (apesar de darem braços para gerarem riqueza para o lugar em que vivem) do que criar mecanismos para trazê-los para o lado de dentro do muro que os separa da dignidade ou políticas para evitar e reduzir conflitos em suas terras de origem.

<sup>3</sup>Qualquer pessoa que estuda migração sabe que esse fluxo de gente tem sido fundamental para a economia do centro rico. Países desenvolvidos, como os Estados Unidos, apesar de venderem o discurso de que querem barrar a migração não-autorizada, sabem que dependem dela para ajudar a regular seu custo da mão de obra. É cômodo deixar uma massa de pessoas ao largo dos direitos por serem invisíveis, mas com muitos deveres e baixa remuneração. Mas o que são favelas e cortiços senão campos de refugiados econômicos?

O relatório "Tendências Globais", do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur), mostra que 85% dos refugiados estão nos países em desenvolvimento, muitos dos quais são extremamente pobres e recebem pouco apoio para cuidar dessas populações. Outro dado importante: Quatro em cada cinco refugiados permanecem em locais vizinhos aos de seus de origem.



Semelhante à questão da violência urbana em cidades como o Rio: quem sofre as consequências são os pobres, mas os ricos acham que são eles os principais atingidos.

O número de pessoas forçadas a deixarem suas casas – deslocando-se internamente em seu país ou buscando refúgio fora – chegou a 68,5 milhões em 2017, de acordo com o Acnur, o que significa 2,9 milhões a mais que no ano anterior. O principal grupo continua sendo os da Síria (12,6 milhões), seguido por Afeganistão, Sudão do Sul, Mianmar (por conta da violência contra a minoria rohingya) e Somália.

No Brasil, como relata Patrícia Campos Mello, na *Folha de S. Paulo*, desta terça (19), mais que dobrou o número de refugiados, dos que pediram refúgio e daqueles que estão com permissão temporária de residência. Em 2017, foram 148.645 pessoas, principalmente por conta da crise humanitária venezuelana. É normal que tenhamos medo daquilo ou daqueles que não conheçamos bem. Daquilo que é "de fora". Mas esse medo é infundado, equivocado, preconceituoso. <sup>4</sup>Os migrantes estrangeiros vêm buscar oportunidades de vida que não são encontradas em seu país, fugindo de guerras ou de desastres naturais. E muitos também vieram atendendo a um chamado por mão de obra. Sim, esse fluxo migratório respondeu à demanda por força de trabalho no Brasil, que cresceu até o começo desta década. Determinadas ocupações já não são preenchidas apenas por brasileiros, como empregadas domésticas, costureiras, operários da construção civil e de frigoríficos. <sup>5</sup>E há jovens brasileiros de classes mais baixas que não querem ser costureiros ou empregadas domésticas. Preferem se aventurar como atendentes de telemarketing, que é o novo proletariado urbano. Todos estão produzindo riqueza por aqui. Mas sob a perspectiva mal informada de parte da população, contudo, eles vêm "roubar" empregos. Isso quando o preconceito não descamba para a paranoia de que todos sejam ladrões de relógios, joias, carros e casas.

A verdade é que muita gente, de Roraima a São Paulo, passando por Brasília, quando questionada, não sabe de onde vem o incômodo que sente ao constatar centenas de venezuelanos andando nas ruas. Mas se fossem loiros escandinavos ricos pedindo estada ao contrário de indígenas pobres, a história seria diferente. Ou seja, para muita gente, o problema é racismo e preconceito de classe mesmo. Com todas as letras.

O governo federal demora para viabilizar e financiar estruturas de acolhida, apoio e intermediação oficial de mão de obra de modo a evitar a superexploração e o trabalho escravo de venezuelanos, bolivianos, paraguaios, haitianos, chineses que acontece em oficinas de costura, canteiros de obras e até pastelarias.

A mobilidade deveria ser livre em todo o planeta. Afinal, se o capital não vê fronteiras, os trabalhadores também deveriam não ser barrados nelas. Ou morrer afogados ou à bala enquanto tentam ultrapassá-las.

Os mais irônicos é que a decisão do presidente norte-americano de abandonar o Acordo de Paris, o que foi um retrocesso no combate às mudanças climáticas, vai contribuir no médio e longo prazo com o crescimento de outro tipo de refugiado: o ambiental. Pois, à medida em que o nível do mar subir, tempestades e furacões destruirão áreas inteiras, secas e nevascas acabarem com criações de animais e plantações, vai aumentar o número daqueles que são obrigados a sair de casa para sobreviver.

O problema é que, no limite, não temos outro planeta para nos refugiar se este der errado.

\*Disponível em:

<https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2018/06/19/apesar-da-paranoia-dos-ricos-85-dosrefugiados-estao-em-paises-pobres/>. Acesso em: 31 ago. 2018.

(G1 - ifsc 2019) Leia o glossário que segue:

**Migrante:** termo genérico empregado para designar qualquer pessoa que se desloque do país ou da região onde nasceu.

**Emigrante:** designa aquele que deixa seu local de nascimento para viver em outro país, região ou estado.

**Imigrante:** migrante que entra em determinado país ou região para ali viver. Imigrantes ilegais são pessoas que imigram informalmente, em busca de melhores condições de vida, sem atender às exigências da legislação do país a que chegam.

**Refugiado:** Constitui um tipo especial de migrante - pessoas que deixam seu país ou região de origem devido à perseguição política, religiosa ou étnica, a conflitos armados, ou por violação dos direitos humanos. O governo do país que recebe esses migrantes é quem reconhece, em documento oficial, o status de refugiado.

Fonte: Dicionário Houaiss, 2001. Adaptado.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Os vocábulos “imigrante” e “emigrante” são formados pelo processo de justaposição.

b) As palavras “migrante”, “emigrante” e “imigrante” são formadas a partir do mesmo radical.

c) Os vocábulos “emigrante” e “imigrante” são formados pelo processo de sufixação.

d) A palavra “refugiado” é formada por prefixação.

e) A palavra “refugiado” é formada por redução vocabular.

### Exercício 56

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto I

#### A última crônica

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a

noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica. Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, <sup>1</sup>deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. <sup>4</sup>Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. <sup>5</sup>Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome. Passo a observá-los. <sup>6</sup>O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim. <sup>7</sup>São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, <sup>2</sup>a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “Parabéns pra você, parabéns pra você...” Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – <sup>3</sup>ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. <sup>8</sup>Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso. Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

SABINO, Fernando. *A Companhia de Viagem*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965.

## Texto II

### O sorriso da comissária

Eu viajava no meu habitual voo Rio de Janeiro-Salvador. Ir à Bahia me renova e me inaugura todas as vezes, mesmo que a vez seja curta e parca. Às vezes, algo estranho se anuncia e me revela recantos meus desconhecidos no meu labirinto. De repente, me surpreende e me assalta a decifração de algum enigma em que eu me guardava debaixo das muitas sete chaves magras e sedentas. Naquele voo, a um certo instante, senti que se renunciava um desvelamento, com tudo que tinha de ameaçador. Medo? Eu me preparei para o inevitável. A comissária ia e vinha, desfolhada em sorrisos para nós, passageiros desprevenidos. Eu disse que ela ia e vinha em sorrisos, mas não eram muitos, era um único sorriso mesmo, que também ia e vinha, <sup>5</sup>à medida que ela se voltava para um e para outro passageiro, está tudo bem? precisa de alguma coisa? se precisar, é só chamar, estou às ordens, e você? não faça cerimônia, estou aqui para servir, ah, como aquele excesso me incomodava, ela se demasiava. Orgulho de se sentir indispensável ou mera carência de afeto, a comissária começava a se expor diante de todos. <sup>11</sup>Ninguém percebia que, ocultamente, algo se mostrava, perturbando a neutralidade confortável da aeronave.

Iniciado o serviço do almoço, a cada passageiro ela estendia o mesmo sorriso carnudo que lhe saía da vasta boca pintada de batom muito e demais vermelho. Boca sempre aberta, mesmo quando fechada. Boca que crescia e engordava, cada vez que ela se inclinava, perto da altura de cada boca sentada em cada poltrona. Por favor [boca gentil]. Aceita? [mais boca, gentil demais]. Bom apetite [simultaneamente, gentil mais e boca mais].

<sup>9</sup>As bocas comiam, todas sem presságios. <sup>1</sup>De prontidão sob o batom avermelhado, a boca da comissária se justificava e se ajustava ao tamanho dos dentes. Todos os dentes, invisíveis não havia, visíveis numa coreografia feroz, de ritmo igual ao sorriso invicto, desde a entrada na aeronave, sim, desde o início dos tempos. <sup>6</sup>Aquela mulher, fora de seu voo, teria alguém para quem sorrir? Saberia sobreviver sem a abundância do sorriso gordo, atropelado de dentes copiosos? Solidão solitária, solamente só e solo, sola.

Em que boca de homem caberia tal aquela boca? Difícil é amor com sorriso tão volumoso e sem canais para emergir do fundo.

<sup>7</sup>Antes de pegar a bandeja cada seguinte, para cada seguinte senhor passageiro, naquela minimíssima fração de segundo, ela rangia todos os dentes, todos cada dente. Rápida, mais rangia. Ódio ou medo, abandono ou traição, não, ela não podia ser esposa nem namorada nem a outra de nenhum marido frustrado.

<sup>10</sup>Depois de rangido todo o ódio, <sup>2</sup>o sorriso avermelhado se apossava da aeronave, dos passageiros e dos tripulantes. Diante da bandeja, não, obrigada, eu não quero almoçar, encolhida-me na poltrona, o rosto colado na janelinha coberta de nuvens. Não tolerava assistir, ante meu olhar espremido, ao desvendamento daquele desarvorado enigma. <sup>8</sup>Olhei assustada os outros passageiros. Todos comiam nas suas bocas desavisadas. Por que eu, somente eu, invadi aquele secreto recesso de tanto ressentimento? Ela prosseguia no implacável ritual. Entre um rápido ranger de dentes e as demoradas medidas.

<sup>4</sup>Pura urgência de novamente <sup>3</sup>se esconder atrás do sorriso gorduroso, vermelho, agarrado nos dentes escandalosos, enquanto se inclinava e se curvava e quase se ajoelhava. Nenhuma vez eu sorri, contorcida nos meus próprios dentes que não rangiam e na minha boca transversal ao rosto. Vergonha de, sem prévio consentimento, haver penetrado num segredo de vida ou de morte? Culpa por não poder sequer pedir desculpas pela profanação? Talvez eu recusasse tanto atrás de minha boca intransponível, por mero horror à cumplicidade, após o horror da decifração.

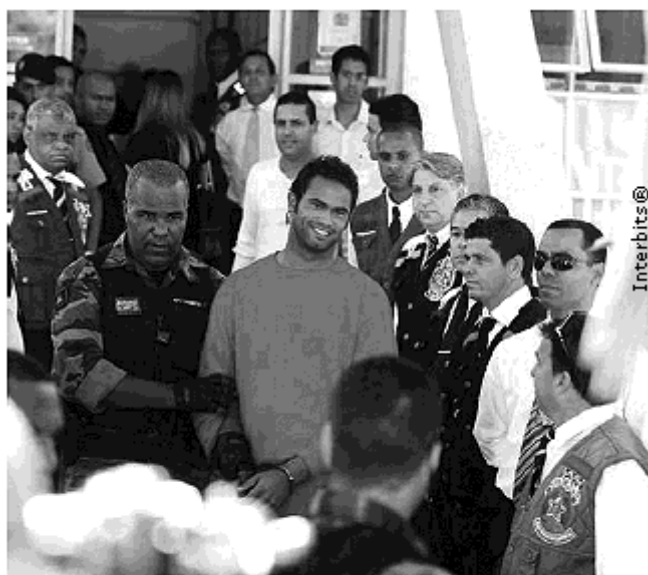
CUNHA, Helena Parente. *Vento, ventania, vendaval: contos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação João Fernandes da Cunha, 1998.

### Texto III

#### **Goleiro Bruno ri ao ser xingado de assassino Ministério Público vai pedir internação do adolescente pelo sequestro de Eliza**

Por Christina Nascimento

Contagem (Minas Gerais) – O Ministério Público (MP) de Minas Gerais vai requerer à Justiça que o menor <sup>1</sup>J., de 17 anos, responda pelo crime de sequestro e que seja internado para aplicação de medida socioeducativa. O adolescente esteve ontem frente a frente com quatro acusados de participação no desaparecimento de Eliza Samudio: seu primo, o goleiro Bruno; Luiz Henrique Romão, o Macarrão; o ex-policial Marcos Aparecido dos Santos, o Bola; e Sérgio Rosa Sales, único que se dispôs a prestar esclarecimentos. Entre as testemunhas, o atleta era quem aparentava mais calma. Como tem feito desde que foi preso, ele não abaixou a cabeça ao aparecer em público. <sup>2</sup>Desta vez, ele ainda sorriu ao ser xingado de assassino pelos curiosos que se concentravam em frente à Vara da Criança e Adolescente em Contagem, onde aconteceu a audiência.



(Mais cedo, goleiro deixou o Juizado Especial da Infância e Juventude de Contagem sorrindo sob os gritos de 'assassino' | Foto: Alex de Jesus / O Tempo)

Segundo o promotor da Infância e Juventude, Leonardo Barreto Moreira Alves, está comprovada a participação do menor no sequestro de Eliza, e já há elementos suficientes para pedir a internação do garoto, considerada a punição mais grave pelo Estatuto da Criança e Adolescente. Se a Justiça acatar a solicitação do Ministério Público, J. ficará detido por pelo menos seis meses e, no máximo, três anos.

“Por enquanto, não vou entrar no homicídio, e na ocultação de cadáver. Na versão do menor, ele não participou, mas o MP está analisando isso ainda. O fato de assistir pode consistir, sim, em responsabilidade no assassinato”, explicou Leonardo Barreto. Hoje termina o prazo de 24 horas que a promotoria tem para apresentar alegações finais do caso. Em seguida, será a vez de a defesa do menor fazer o mesmo procedimento. A previsão é de que sentença saia até quarta-feira.

*O DIA Online*. 23 de julho de 2010. 02h42min. Disponível em: [http://odia.terra.com.br/porta/rio/html/2010/7/goleiro\\_bruno\\_ri\\_ao\\_ser\\_x](http://odia.terra.com.br/porta/rio/html/2010/7/goleiro_bruno_ri_ao_ser_x)

(G1 - cftrj 2011) Em textos literários, é comum que os autores se valham de recursos linguísticos diversos que conferem maior expressividade aos textos. É o caso do emprego de neologismos, nome dado à criação de vocábulos novos na língua. Observe os seguintes exemplos extraídos do texto II:

“De prontidão sob o batom vermelhento (...)” (ref.1)

“(...) o sorriso vermelhudo se apossava da aeronave (...)” (ref.2)

“(...) se esconder atrás do sorriso gorduroso, vermelhoso (...)” (ref.3)

Sobre os neologismos destacados acima, é lícito afirmar que:

a) são formados a partir do processo de composição, pela justaposição de radicais de origem estrangeira.

b) são palavras tradicionalmente existentes na língua, porém agora empregadas sem indícios de significação.

c) são constituídos a partir de um mesmo radical, ao qual se adicionam sufixos já disponíveis na língua portuguesa.

d) são incorreções gramaticais, uma vez que a autora do texto não tem autonomia para inovar o léxico de sua língua.

### Exercício 57

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

“A loucura (...), objeto de meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.”

(ASSIS, Machado de. *O Alienista*. In: Obra Completa. Vol. II,

Conto e Teatro. Org. por Afrânio Coutinho, 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1979. p. 260)

TEXTO I

UM COMEÇO MUITO LOUCO

"Ora, a mente é dita sã", escreveu Erasmo em O elogio da loucura (1509), "desde que controle adequadamente todos os órgãos do corpo". Embora escrita quase 500 anos atrás num tratado em defesa do cristianismo, essa frase expressa mais ou menos nossas suposições modernas sobre a sanidade. Em primeiro lugar, que a sanidade é uma qualidade da mente, não do corpo (não descrevemos os corpos das pessoas como sãos ou insanos). Em segundo lugar, que é a função da mente sã controlar o corpo, e portanto que o corpo ficaria descontrolado - ou pelo menos fazendo coisas proibidas - se não estivesse sob a égide da mente. Em terceiro lugar, que o corpo é não só o tipo de objeto que pode ser controlado, como também o tipo de objeto que pode ser adequada ou inadequadamente controlado; portanto, o que a mente sã implica acima de tudo é adequação. E por fim, mas não menos importante, há um fator temporal envolvido. Para ter sanidade precisamos de uma mente, e precisamos de uma mente para controlar um corpo que de outro modo seria insano, mas a mente é dita sã, como dizia Erasmo, apenas "desde que" controle os órgãos do corpo. A sugestão é que a sanidade é precária, não uma condição permanente. A questão passa a ser não só se a mente sã pode controlar o corpo, mas por quanto tempo.

(PHILLIPS, Adam. *Louco para ser normal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 63)

## TEXTO II

### OS DIFERENTES

Descobriu-se na Oceania, mais precisamente na ilha de Ossevaolep, um povo primitivo, que anda de cabeça para baixo e tem vida organizada.

É aparentemente um povo feliz, de cabeça muito sólida e mãos reforçadas. Vendo tudo ao contrário, não perde tempo, entretanto, em refutar a visão normal do mundo. E o que eles dizem com os pés dá a impressão de serem coisas aladas, cheias de sabedoria. Uma comissão de cientistas europeus e americanos estuda a linguagem desses homens e mulheres, não tendo chegado ainda a conclusões publicáveis. Alguns professores tentaram imitar esses nativos e foram recolhidos ao hospital da ilha. Os cabecences-para-baixo, como foram denominados à falta de melhor classificação, têm vida longa e desconhecem a gripe e a depressão.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Prosa Seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p. 150)

(Ufrj 2009) No texto II, identifica-se o povo da ilha de Ossevaolep por um neologismo: cabecences-para-baixo.

- a) Identifique os processos de formação de palavras utilizados para a criação desse neologismo.
- b) Considerando o conhecimento que os observadores têm do povo de Ossevaolep, responda: por que se afirma, no texto II, que o neologismo foi criado "à falta de melhor classificação"?

### Exercício 58

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do conto-prefácio "Hipotrérico", que integra o livro *Tutameia*, de João Guimarães Rosa.

Há o hipotrérico. O termo é novo, de impesquisada origem e ainda sem definição que lhe apanhe em todas as pétalas o significado. Sabe-se, só, que vem do bom português. Para a prática, tome-se *hipotrérico* querendo dizer: antipodático, sençagante imprizado; ou, talvez, vice-dito: indivíduo pedante, importuno agudo, falto de respeito para com a opinião alheia. Sob mais que, tratando-se de palavra inventada, e, como adiante se verá, embirrando o hipotrérico em não tolerar neologismos, começa ele por se negar nominalmente a própria existência.

Somos todos, neste ponto, um tento ou cento hipotréricos? Salvo o excepto, um neologismo contunde, confunde, quase ofende. Perspica-nos a inércia que soneja em cada canto do espírito, e que se refestela com os bons hábitos estadados. Se é que um não se assuste: saia todo-o-mundo a empinar vocábulos seus, e aonde é que se vai dar com a língua tida e herdada? Assenta-nos bem à modéstia achar que o novo não valerá o velho; ajusta-se à melhor prudência relegar o progresso no passado. [...]

Já outro, contudo, respeitável, é o caso – enfim – de "hipotrérico", motivo e base desta fábula diversa, e que vem do bom português. O bom português, homem-de-bem e muitíssimo inteligente, mas que, quando ou quando, neologizava, segundo suas necessidades íntimas.

Ora, pois, numa roda, dizia ele, de algum sicrano, terceiro, ausente:

– *E ele é muito hiputrérico...*

Ao que, o indesejável maçante, não se contendo, emitiu o veto:

– *Olhe, meu amigo, essa palavra não existe.*

Parou o bom português, a olhá-lo, seu tanto perplexo:

– *Como?!... Ora... Pois se eu a estou a dizer?*

– *É. Mas não existe.*

Aí, o bom português, ainda meio enfiçadado, mas no tom já feliz de descoberta, e apontando para o outro, peremptório:

– *O senhor também é hiputrérico...*

E ficou havendo.

(*Tutameia*, 1979.)

(Unesp 2021) De acordo com o narrador, o hipotrérico revela, em relação à prática do neologismo, uma postura

- a) indiferente.
- b) enigmática.
- c) conservadora.
- d) visionária.
- e) inovadora.

### Exercício 59

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Fonte: <https://www.hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/blogs/blog-do-lute-1.366314/charge-do-dia-12-03-2019-1.700110> acesso em: 25 de out de 2019

(S1 - ifce 2020) A expressão *fake news* que aparece na charge representa um exemplo de fenômeno linguístico conhecido como

- a) onomatopeia.
- b) neologismo.
- c) estrangeirismo.
- d) hibridismo.
- e) composição.

#### Exercício 60

(Ufu 2016) Uma das melhores interpretações já feitas do verbo “coitadinhar”, neologismo que aprendi durante um papo-furado com uma grande amiga que é cega, foi feita no filme “Shrek”. Ela acontece no momento em que o Gato de Botas, para fugir de uma situação em que estava encurralado, esbugalhou os olhos, comprimiu o pescoço, ensaiou um choro e conseguiu, por fim, amolecer o coração dos malvados que o cercavam ilesos. [...]

MARQUES, Jairo. *Folha de S. Paulo*, 16 de dezembro de 2015, B2 Cotidiano (fragmento).

Entende-se por neologismo a criação ou atribuição de um novo sentido a uma palavra ou expressão já existente, por meio de processos também existentes na língua. Com base nessa definição e na contextualização em que o termo “coitadinhar” foi utilizado no filme “Shrek”, deduz-se que ele significa, **EXCETO**:

- a) Criar subterfúgios para ser considerado inocente.
- b) Criar condições para ser avaliado como inferior.
- c) Culpar os outros pelas próprias carências.
- d) Ressaltar as carências para obter favores.

#### Exercício 61

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
Quem nunca fotoxopou?

FALA-SE HOJE em Facebook, Google e iPhone com a mesma combinação de fascínio e terror que um dia já se falou de Motorola e Nokia. Tudo se move rápido demais no mundo digital, e são poucas as empresas que conseguem permanecer competitivas ao longo dos anos. Apesar de o Vale do Silício ter aquele ar hollywoodiano de terra de oportunidades, contam-se nos dedos empresas longevas como uma Adobe, uma Dell, uma Amazon.

Por ter grande mobilidade, a concentração de poder e influência no mundo digital surge tão rápido quanto desaparece, a ponto de ser cada vez mais difícil encontrar quem fique na liderança por uma mísera década. Na virada do século não havia Friendster, Myspace nem Orkut, o grande buscador era o Yahoo!, seguido pelo Lycos. E a internet móvel estava a cargo de empresas inovadoras como Palm e Kyocera.

O usuário de produtos digitais é cada vez mais volúvel e pragmático. Novos produtos e serviços podem até seduzi-lo com propaganda, design e preço. Mas a relação dificilmente será mantida se a marca não se renovar com a velocidade esperada, pouco importa sua fatia de mercado. Kodak e Sony que o digam. Mesmo que ainda sejam gigantescas, já não têm o apelo de outrora.

A melhor lição de empresas bem-sucedidas em relacionamentos de longo prazo é a do bom e velho Photoshop, vendendo saúde em seus 22 anos de idade e 12 plásticas (oops, versões). Como o Google, ele é sinônimo de categoria e verbo. Mas também é adjetivo, substantivo, pejorativo e indicativo de retoques fotográficos, mencionado com familiaridade até por quem não faça ideia de como ele funciona. Ao contrário do AutoCAD, que é oito anos mais velho, mas desconhecido fora de seu nicho, o Photoshop é unanimidade.

*Folha de S. Paulo*, 26/03/2012.

(Insper 2012) Quanto às variações exploradas a partir do termo “Photoshop”, é correto afirmar que

- a) o neologismo do título foi formado pelo mesmo processo que o termo “design”, presente no texto.
- b) como adjetivo, o valor depreciativo do termo “fotoxopado” decorre exclusivamente do sufixo “-ado” agregado ao radical.
- c) as palavras formadas a partir do estrangeirismo “photoshop” constituem jargões restritos à área de informática.
- d) a grafia abreviada de “fotoxopou”, diferentemente de “hollywoodiano”, no 1.º parágrafo, é uma prova de que o software se popularizou no mundo.
- e) apesar de não ter sido mencionado no texto, também seria possível transformar “Photoshop” em advérbio de modo: “fotoxopalmente”.

#### Exercício 62

(Uel 2011) A questão refere-se ao romance *O outro pé da sereia*, de Mia Couto.

A crítica literária tem aproximado o moçambicano Mia Couto do brasileiro Guimarães Rosa, em particular pelo fato de ambos empregarem neologismos em suas obras.

No trecho “as mãos calosas, de enxadachim”, extraído do conto “Fatalidade”, de autoria do autor brasileiro, o neologismo “enxadachim” é construído pelo mesmo processo de formação de palavras utilizado pelo autor moçambicano para a criação de

- a) vitupérios.
- b) bebericava.
- c) tamanho.
- d) mudançarinos.
- e) malfadado.

### Exercício 63

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
TODOS MALUFARAM

No século passado, os adversários de Paulo Maluf cunharam a seguinte expressão: "A gente odeia o Maluf há tanto tempo que nem lembra mais os motivos".

De fato, Maluf foi erigido uma espécie de campeão mundial da corrupção, desde que tratou o dinheiro público como dele, ao doar Volkswagens para os campeões do mundo de 1970 (já ganhamos duas Copas e perdemos seis desde então).

Era tamanho o ruído em torno de Maluf que até se criou o verbo "malufar" para designar comportamentos não exatamente santos.

Seria lógico que, quando, finalmente, a Justiça decretasse a prisão preventiva desse personagem folclórico-histórico, ganhasse as manchetes, certo? Errado. Perdeu-as para o "mensalinho", acredite quem quiser. Severino Cavalcanti, aliás do mesmo partido de Maluf, derrotou-o no torneio de informações sobre corrupção em que o país afunda todo santo dia.

É eloquente do estado de um país quando o suposto (ou real) campeão mundial da corrupção perde esse tipo de torneio para um deputado menor, embora presidente da Câmara, acusado de um desvio igualmente menor, do seu tamanho, aliás.

É igualmente eloquente que ninguém mais, salvo um ou outro partido nanico, odeie Maluf. Ele já andou em outdoors (1998) abraçado a Fernando Henrique Cardoso, o patriarca-mor do tucanato.

Já se aliou ao PT, na campanha municipal de 2002, além de seu partido fazer parte da base de sustentação do governo Lula. Se bobear, Maluf ganha um cheque em branco do próprio Lula, como o PP ganhou um ministério, aliás por indicação do mesmo Severino que desbancou Maluf da manchete.

Do PFL, Maluf sempre foi companheiro de viagem em São Paulo, até que o PFL se tornasse linha auxiliar do tucanato.

Passou tanto tempo desde os "fusquinhas" de 1970 que todos malufaram. Ou quase todos. É o Brasil, evoluindo sempre.

(Clóvis Rossi, extraído do jornal *Folha de S. Paulo*, de 11/09/2005)

(Espm 2006) O processo de formação de palavra do neologismo "malufar" consiste em acrescentar ao substantivo próprio "Maluf" uma desinência verbal. O mesmo ocorre em:

- a) "A fúria desse front / Virá lapidar o sonho / Até gerar o som / Como querer CAETANEAR / O que há de bom" ("Sina", Djavan).
- b) "Voltamos a CLAUDICAR na finalização, mas está tudo em aberto para os jogos seguintes." (www.futsalportugal.com.pt)
- c) "Aos tantos, não parava, ANDORINHAVA, espiava agora." ("Partida do audaz navegante", Guimarães Rosa);
- d) "Não vá, vem cá / Me amar cantarolar / Menina / No embalo dessa dança SAMBAREGUEAR / Sambareguear, sambareguear..." ("Sambaguerrear", Rapazolla).
- e) "Nesse momento um mulato da maior MULATARIA trepou numa estátua e principiou um discurso entusiasmado explicando pra Macunaíma que era o dia do Cruzeiro." ("Macunaíma", Mário de Andrad).

### Exercício 64

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto a seguir, de André Machado, foi adaptado da seção Informática etc., do jornal *O Globo*, de 30 de junho de 2003, p. 1.

Texto I

A vida Renovada

Portadores de deficiência física vencem barreiras com auxílio do PC

Atualmente, empresas e instituições estão cada vez mais ligadas no conceito de acessibilidade, que visa prover ao deficiente físico meios para tomar contato com documentos e informações. Na área da Tecnologia da Informação (TI) não é diferente. Existem recursos à disposição na internet e em software para ajudar nisso. E alguns projetos brasileiros estão entre os pioneiros nessa área. Um deles é o Projeto Habilitar, do Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) da UFRJ, cuja principal mentora é uma médica radióloga tetraplégica, a Dr<sup>a</sup>. Lenira Luna, que comanda seu computador apenas com a voz. Desde março o NCE vem treinando deficientes físicos para inserção no mercado de trabalho - primeiro, em formação de técnicos de rede, em parceria com a Cisco<sup>1</sup>, e posteriormente em áreas como *webdesign* e programação. Para isso, usa ferramentas criadas no próprio NCE, como o Dosvox (para deficientes visuais) e o Motrix (para deficientes motores). O professor Sérgio Guedes, um dos coordenadores do Projeto Habilitar, ao lado de seu criador, o professor Antônio Borges, conta que o Núcleo trabalha desde o século passado com os deficientes.

- Tanto que o Dosvox era assim chamado porque na época só existia a plataforma Dos, e ele fazia a leitura (transcodificação) do que estava escrito na tela para a linguagem auditiva, de modo que o deficiente visual interagisse com o computador. O Dosvox evoluiu e hoje já trabalha com Windows numa boa. Só não foi postado ainda para o Unix, mas isso já está sendo feito.

Hoje, o Dosvox - usado por deficientes visuais como o professor Hercen Hildebrandt, do Instituto Benjamin Constant -, ao contrário de outros sistemas do gênero, não se limita a ler o que está na tela, procurando estabelecer um diálogo com o deficiente visual via interfaces e ferramentas específicas. E boa parte desse diálogo é feito com voz humana gravada, o que facilita ainda mais a interação. Compatível com a maioria dos sintetizadores de voz existentes, ele tem seis mil usuários no Brasil e na América Latina, segundo o NCE.

O passo seguinte foi criar um software voltado para paraplégicos, o Motrix. O programa foi criado sobre uma interface padrão de reconhecimento de voz, a Sapi (Speech Application Programming Interface). Funciona assim: o usuário aciona o cursor do mouse e os programas do micro falando palavras-chave, como "pra cima", "pra baixo", "pra direita", "pra esquerda", "duplo clique", "conexão internet" e assim por diante. Além disso, conectado a uma tomada especial, o Motrix permite ao tetraplégico, usando a voz, acender a luz, ligar a TV ou outro eletrodoméstico, trocar de canal, etc.

- Neste último caso não preciso usá-lo, porque tenho acompanhante em casa à noite - diz a doutora Lenira. Mas comando tudo no computador com o Motrix, através de um microfone. Faço meus estudos médicos, mantenho minha correspondência em dia, comunico-me com pessoas de todo o país.

NOTA:

<sup>1</sup>O Cisco Networking Academy Program - CNAP - é um programa destinado a formar profissionais na área de redes de computadores, que tem por objetivo prover ao aluno um certificado de qualidade, com reconhecimento internacional. No Brasil, a Cisco Systems Inc. estabeleceu parceria com diversos centros de ensino, chamados de Academias Locais, constituindo uma rede de formação profissional com cobertura nacional e garantindo qualidade do ensino. As Academias Regionais treinam instrutores, e as Locais, o usuário final. O NCE/UFRJ é uma das academias que mais tem oferecido cursos no Brasil.

O fragmento de texto abaixo, de André Machado, foi adaptado da seção Informática etc., do jornal *O Globo*, de 30 de junho de 2003, p. 2.

Texto II

A Vida Antes e Depois do Computador e da Internet

Professora usa *blog*<sup>2</sup> para informar sobre deficiências

Usar um computador pode de fato dar uma nova dimensão ao dia de um deficiente físico. A professora Marcela Cálamio Vaz Silva, 36, moradora de Guarulhos, SP, é tetraplégica desde os seis anos de idade e conta que a tecnologia mudou sua vida. Ela também cita o Motrix e o Dosvox como exemplos de softwares que ajudam os deficientes, embora seu caso não os exija:

- Nunca usei nenhum software específico para portadores de deficiência, pois, mesmo com uma lesão num nível muito alto, que me classifica como tetraplégica, tenho preservados os

movimentos de braços, mãos e dedos - explica, por email. Mas posso dizer, com toda segurança, que minha vida se divide em duas fases: antes e depois do computador, sobretudo a internet. Meu contato com a rede começou há quatro anos, através dos *chats*<sup>3</sup>. A fase do chat durou uns dois anos e meio e foi no final dela que descobri o quanto meu mundo poderia crescer através da internet. Mesmo sendo paraplégica desde os seis anos de idade, meu contato com outros portadores de deficiências limitara-se aos poucos anos em que frequentei a AACD (Associação de Apoio à Criança Deficiente). Foi através da internet que retomei o contato com pessoas com necessidades especiais, como eu, e comecei a me interessar por assuntos relativos à deficiência, como luta por direitos, preconceito, acessibilidade.

Foi também através de um amigo de chat que Marcela teve o primeiro contato com o mundo dos blogs (em julho, seu blog Maré fará um ano). Hoje, ela é uma blogueira convicta.

- No início era apenas um blog com assuntos despretensiosos. Mas depois percebi que o estava direcionando para informar meus leitores, a maioria formada por pessoas sem qualquer tipo de deficiência, sobre tudo que minha experiência como "cadeirante" permitia. Percebi o quanto as pessoas são mal informadas a respeito de como um portador de deficiência vive e que essa ignorância se deve à falta de convivência ou de alguém que possa dizer a elas como as coisas realmente são. Decidi que faria isso em meu blog.

NOTA: <sup>2</sup>blog: é uma página web atualizada frequentemente, composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica. É como uma página de notícias ou um jornal que segue uma linha de tempo, com um fato após o outro. O conteúdo e tema dos blogs abrangem uma infinidade de assuntos que vão desde diários, piadas, notícias até poesia, fotografias.

<sup>3</sup>chats: salas virtuais de bate-papo.

(Ufjf 2003) Apresentamos, a seguir, considerações sobre o processo de formação de algumas palavras da língua portuguesa. Assinale a afirmativa INCORRETA:

a) O neologismo "BLOGUEIRA", embora tenha sua base de formação a partir de um empréstimo linguístico, segue um padrão morfológico e ortográfico característico da língua portuguesa.

b) A palavra "BLOGUEIRA" comprova que a apropriação de estrangeirismos é um mecanismo de empobrecimento do processo de formação de palavras do português.

c) A exemplo de "BLOGUEIRA", palavras como "FUNQUEIRA" e "MARQUETEIRA" revelam mudanças, por influência de estrangeirismos, que contribuem para o enriquecimento do português.

d) O sufixo (-ANTE) em "cadeirANTE" designa uma ação, assim como em "acompanhANTE", mas sua anexação se dá a radicais de palavras de classes morfológicas distintas.



e) A formação da palavra "CADEIRANTE", a exemplo do que ocorre em "FICANTE", "FEIRANTE" e "ESTRESSANTE", atesta um mecanismo altamente produtivo de construção lexical em português.

### Exercício 65

(Unicamp 2020) **Texto I**

Em Bacurau, vilarejo fictício no meio do nada que recebe o nome de um pássaro “brabo” de hábitos noturnos, o sertão é também o centro do país. *Bacurau* cheira a morte. A primeira sequência do longa é a passagem de um caminhão-pipa que atropela caixões pelo caminho. No povoado isolado, mas hiper conectado à internet, os moradores, com uma grande variedade de gêneros, raças e sexualidades, vivem sem água e escondem-se quando o prefeito em campanha pela reeleição chega para distribuir mantimentos vencidos, e despejar livros velhos em frente à escola local. Aí já começa a resistência: em meio à penúria, os moradores organizam-se e ajudam-se entre si. Quando o vilarejo literalmente desaparece dos mapas digitais e a comunidade perde a conexão com a internet, a presença de forasteiros coincide com o misterioso aparecimento de cadáveres crivados à bala e Bacurau vive uma carnificina.

(Adaptado de Joana Oliveira, Em ‘Bacurau’, é lutar ou morrer no sertão que espelha o Brasil. *El País*. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/20/cultura/1566328403\\_365611.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/20/cultura/1566328403_365611.html). Acessado em 20/10/2019.)

### Texto II

#### BACURALIZAR

*verbo transitivo direto*

1. autogovernar-se em comunidade, fazer a própria gestão dos recursos e serviços que deveriam ser oferecidos pelo estado, sem a ajuda de empresas ou de parcerias público-privadas.
2. entricheirar-se em suas comunidades como forma de defesa à máquina de matar do estado.

(Adaptado do *Instagram* de Lia de Itamaracá. Disponível em <https://www.instagram.com/tag/LiaDeltamaraca>. Acessado em 20/10/2019.)

- a) Explique por que “bacuralizar” é um neologismo e qual é o processo de formação dessa palavra.
- b) Considere as informações sobre o enredo do filme *Bacurau* presentes no **texto I** e sobre o papel do Estado na vida da comunidade no **texto II**. A partir dessas informações, crie um exemplo do uso de “bacuralizar” para cada acepção da palavra registrada no **texto II**.

### Exercício 66

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

<sup>1</sup>Apesar de não termos ilusões quanto ao caráter das nossas elites, existia uma certa resistência a essa espécie de

niilismo a que o Brasil nos leva. <sup>2</sup>Os escândalos na área financeira estão acabando até com isso. <sup>3</sup>Fica cada vez mais difícil espantar os burgueses. <sup>4</sup>Os burgueses não se espantam com mais nada. <sup>5</sup>Alguns talvez se surpreendam quando ouvem um filho pequeno ou um neto repetindo uma letra dos Mamonas, mas nestes casos o espanto é divertido, ou pelo menos resignado. <sup>6</sup>A necessidade de se ser absolutamente claro sobre que tipos de atividade sexual causam AIDS e como fazer para preveni-la acabou com qualquer preocupação da imprensa e da propaganda com o pundonor (grande palavra) alheio, embora ainda façam alguns rodeios. <sup>7</sup>A linguagem ficou mais leve, ficamos menos hipócritas. <sup>8</sup>Burgueses epatáveis ainda existem, mas o acúmulo de agressões a seus ouvidos e pruridos os insensibilizou e hoje, se reagem, não é em público.

(VERÍSSIMO, L. F. *Conluio*. Porto Alegre: Extra Classe, junho/julho de 1996. p.3).

(Ufrgs 1997) A palavra 'epatáveis' (80. período) foi criada por Veríssimo a partir do verbo 'épater', que no francês significa espantar. O neologismo do autor segue as regras de derivação da língua portuguesa da seguinte forma: a partir do empréstimo da palavra francesa, obtém-se o verbo 'epatar'; tomando tal verbo como radical é possível, então, a formação de 'epatáveis'. Seguindo a sugestão do autor, foram criados os cinco neologismos que aparecem na coluna A; na coluna B, aparecem observações sobre a estrutura ou o significado de alguns desses neologismos.

Coluna A

1. epatados
2. epatabilidade
3. inepatáveis
4. epatador
5. epatadiço

Coluna B

- ( ) substantivo formado a partir do adjetivo 'epatável'
- ( ) substantivo que designa o agente de uma ação, significando aquele que espanta
- ( ) palavra formada pela adição de prefixo e sufixo

Assinale a alternativa cuja numeração corresponde à associação correta entre as colunas A e B, de cima para baixo.

- a) 2 - 4 - 3
- b) 1 - 4 - 3
- c) 5 - 2 - 1
- d) 1 - 5 - 2
- e) 2 - 5 - 1

### Exercício 67

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir e responda à(s) questão(ões).

### VESTIBULAR

Vestibular, aquilo que o Ministério da Educação estuda agora extinguir, é um brasileirismo para algo que em Portugal costuma ser chamado de exame de acesso à universidade. Trata-se de um adjetivo que se substantivou, num processo semelhante ao que ocorreu com celular, qualificativo de telefone, <sup>2</sup>que tenta – e <sup>3</sup>na maioria das vezes consegue – expulsar a palavra principal de cena sob uma pertinente alegação de redundância, tomando para si o lugar de substantivo. Pois o exame vestibular, de tão consagrado no vocabulário de gerações e gerações de estudantes brasileiros que perderam o sono por causa dele, acabou conhecido como vestibular só. <sup>1</sup>E qualquer associação remota com a palavra que está em sua origem – *vestíbulo* – se perdeu nesse processo.

<sup>4</sup>Quando ainda era claramente um adjetivo, ficava mais fácil perceber a metáfora que, com certa dose de pernosticismo, levou a palavra vestibular a ser escolhida para qualificar o processo de seleção de candidatos ao ensino superior. *Vestíbulo* (do latim *vestibulum*) é, na origem, um termo de arquitetura que significa pórtico, alpendre ou pátio externo, mas que pode ser usado também, em sentido mais amplo, para designar um átrio, uma antessala, qualquer cômodo ou ambiente de passagem entre a porta de entrada e o corpo principal de uma casa, apartamento, palácio ou prédio público. Para quem prefere uma solução anglófona, estamos falando de *hall* ou *lobby*.

Como é um ambiente de transição entre o lado de fora e o lado de dentro, *vestíbulo* ganhou ainda por extensão, em anatomia, o sentido de “cavidade que dá acesso a um órgão oco” (Houaiss). Antes de ser admitido no vocabulário da educação, “sistema vestibular” já tinha aplicação na linguagem médica como nome dos pequenos órgãos situados na entrada do ouvido interno, responsáveis por nosso equilíbrio.

(Adaptado de: RODRIGUES, S. *Vestibular*. Disponível em: <[http://revistadasemana.abril.uol.com.br/edicoes/81/palavradasemana/materia/palavradasemana\\_431845.shtml](http://revistadasemana.abril.uol.com.br/edicoes/81/palavradasemana/materia/palavradasemana_431845.shtml)>. Acesso em: 6 jun. 2009.)

(Uel 2010) Com base no texto, considere as afirmativas a seguir:

- I. Ao afirmar que vestibular é um brasileirismo, o autor se posiciona contrariamente à sua extinção pelo Ministério da Educação.
- II. O autor não condena o uso do estrangeirismo “lobby” no lugar do brasileirismo “vestibular”.
- III. O adjetivo “vestibular” que, devido ao uso, acabou sendo substantivado, é derivado da palavra “vestíbulo”.
- IV. O autor considera pertinente a alegação de redundância para explicar o processo de substantivação do termo “celular”.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.

- b) Somente as afirmativas II e IV são corretas.

- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

- e) Somente as afirmativas I, III e IV são corretas.

### Exercício 68

(Espm 2016) Levando-se em conta os prefixos latinos e gregos grifados, assinale o par que **não** possui correspondência de significados:

- a) abuso / anencéfalo

- b) ambidestro / anfíbio

- c) bienal / dilema

- d) circumpolar / periferia

- e) contraveneno / antídoto

### Exercício 69

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

ÁRIES (21 mar. a 20 abr.)

Lunação em signo complementar destaca importância das relações em sua vida nas próximas semanas. Cuide de sua rede social, mostre-se atencioso com as pessoas. Seu sucesso é resultado disso também e agora essa questão tem importância suprema. Cultive o tato.

(*Folha de S. Paulo*, Ilustrada, Astrologia, Barbara Abramo, 29 set. 2008.)

(Ibmecsp 2009) "Lunação", "atencioso" e "cultivo" surgem pelos mesmos processos de formação de palavras existentes, respectivamente, em:

- a) Cidadão, preconceituoso, jantar.

- b) Automóvel, inchaço, luta.

- c) Rejeição, anoitecer, desgaste.

- d) Burocracia, atraso, atenção.

- e) Gatinho, cabeçudo, debate.

### Exercício 70

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do romance *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. Mas não é por disfarçar, não pense. De grave, na lei do comum, disse ao senhor quase tudo. Não crio receio. O senhor é homem

de pensar o dos outros como sendo o seu, não é criatura de pôr denúncia. E meus feitos já revogaram, prescrição dita. Tenho meu respeito firmado. Agora, sou anta empoçada, ninguém me caça. Da vida pouco me resta – só o deo-gratias; e o troco. Bobeira. Na feira de São João Branco, um homem andava falando: – “A pátria não pode nada com a velhice...” Discordo. A pátria é dos velhos, mais. Era um homem maluco, os dedos cheios de anéis velhos sem valor, as pedras retiradas – ele dizia: aqueles todos anéis davam até choque elétrico... Não. Eu estou contando assim, porque é o meu jeito de contar. Guerras e batalhas? Isso é como jogo de baralho, verte, reverte. Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse de todos os animais de sela. Sei que deram fogo, na barra do Urucuia, em São Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia. Muitos anos adiante, um roceiro vai lavar um pau, encontra balas cravadas. O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgobernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. [...] Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.

(*Grande sertão: veredas*, 2015.)

(Unesp 2021) Para a formação do neologismo “vivimento”, o narrador recorreu ao mesmo processo de formação de palavras observado em

- a) “desemendo”.
- b) “velhice”.
- c) “denúncia”.
- d) “reverte”.
- e) “adiante”.

#### Exercício 71

(Fuvest 2019) Sim, estou me associando à campanha nacional contra os verbos que acabam em “ilizar”. Se nada for feito, daqui a pouco eles serão mais numerosos do que os terminados simplesmente em “ar”. Todos os dias os maus tradutores de livros de marketing e administração disponibilizam mais e mais termos infelizes, que imediatamente são operacionalizados pela mídia, <sup>1</sup>reiniciando palavras que já existiam e eram perfeitamente claras e eufônicas.

A doença está tão disseminada que muitos verbos honestos, com currículo de ótimos serviços prestados, estão a ponto de cair em desgraça entre pessoas de ouvidos sensíveis. Depois que você fica alérgico a disponibilizar, como você vai admitir, digamos,

<sup>2</sup>“viabilizar”? É triste demorar tanto tempo para a gente se dar conta de que <sup>3</sup>“desincompatibilizar” sempre foi um palavrão.

FREIRE, Ricardo. Complicabilizando. *Época*, ago. 2003.

Com base no texto, é correto afirmar:

- a) A “campanha nacional” a que se refere o autor tem por objetivo banir da língua portuguesa os verbos terminados em “ilizar”.
- b) O autor considera o emprego de verbos como “reiniciando” (ref. 1) e “viabilizar” (ref. 2) uma verdadeira “doença”.
- c) A maioria dos verbos terminados em “(i)lizar”, presentes no texto, foi incorporada à língua por influência estrangeira.
- d) O autor, no final do primeiro parágrafo, acaba usando involuntariamente os verbos que ele condena.
- e) Os prefixos “des” e “in”, que entram na formação do verbo “desincompatibilizar” (ref. 3), têm sentido oposto, por isso o autor o considera um “palavrão”.

#### Exercício 72

(Acafe 2017) Assinale a alternativa em que os vocábulos equivalem, respectivamente, às expressões:

governo dos nobres – inflamação da boca – chefe de facções populares – medo de animais.

- a) aristocracia – estomatite – demagogo – zoofobia
- b) democracia – ortodontia – antropófago – nosofobia
- c) plutocracia – cefalgia – demográfico – cinofobia
- d) oligarquia – endofagia – democrático – hidrofobia

#### Exercício 73

(Fuvest 2021) Leia o texto e responda à questão.

"Eu só quero a minha liberdade de volta". O pedido é um dos mais comuns entre as crianças e os adolescentes que viram suas vidas se transformarem há mais de quatro anos, quando a barragem de Fundão, da mineradora Samarco, se rompeu, formando um tsunami de rejeitos de minério que engoliu o vilarejo rural de Bento Rodrigues, em Mariana (Minas Gerais), e atingiu outros distritos da região. Após a tragédia, as famílias dos atingidos foram alocadas em casas alugadas em Mariana. Recomeçar uma nova rotina, no entanto, não tem sido fácil para os jovens. Além da adaptação ao novo território, as crianças também sofrem com o preconceito e o bullying. "Ainda há uma hostilização por parte dos moradores de Mariana. No início, quando eles frequentavam as mesmas escolas, eles eram chamados de pé de lama e marilama. Muitas vezes, eram culpados pelo encerramento das atividades da Samarco. Grande parte das falas das crianças são uma reprodução das dos

adultos”, explica a psicóloga. Apesar de os jovens das cidades atingidas estarem estudando em instituições de ensino próprias, havia relatos de que eles evitavam circular na cidade com o uniforme da Escola Municipal de Bento Rodrigues, por exemplo.

H. Mendonça. “Filhos e Órfãos de Mariana e Brumadinho enfrentam a infância interrompida por um tragédia que não acabou”. Adaptado.

- a) Explique o processo de formação da palavra “marilama”, sublinhada no texto, identificando as semelhanças sonoras entre as formas originárias que se sobrepõem nessa nova formação.
- b) Identifique uma atitude dos jovens do vilarejo rural de Bento Rodrigues que revele a tentativa de apagamento de suas identidades. Justifique sua resposta.

#### Exercício 74

(Fuvest 2020) Tenho utilizado o conceito de precariado num sentido bastante preciso que se distingue, por exemplo, do significado dado por Guy Standing e Ruy Braga. Para mim, precariado é a camada média do proletariado urbano constituída por jovens-adultos altamente escolarizados com inserção precária nas relações de trabalho e vida social.

Para Guy Standing, autor do livro *The Precariat: The new dangerous class*, o precariado é uma “nova classe social” (o título da edição espanhola do livro é explícito: *Precariado: una nueva clase social*). Ruy Braga o critica, com razão, salientando que o precariado não é exterior à relação salarial que caracteriza o modo de produção capitalista, isto é, o precariado pertence sim à classe social do proletariado, sendo tão-somente o “proletariado precarizado”. (...) Por outro lado, embora Ruy Braga (no livro *A política do precariado*) esteja correto em sua crítica do precariado como classe social exterior à relação salarial, ele equivoca-se quando identifica o precariado meramente com o “proletariado precarizado”, perdendo, deste modo, a particularidade heurística do conceito capaz de dar visibilidade categorial às novas contradições do capitalismo global.

Giovanni Alves, *O que é precariado?*. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/>. Adaptado.

- a) Explique o processo de formação da palavra “precariado”, associando-o ao seu significado.
- b) Qual a função sintática da expressão “com razão” e o seu sentido na construção do texto?

#### Exercício 75

Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. 1Numa palavra,

qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.

As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, *Teorias da arte*. Adaptado.

(Fuvest 2018) De acordo com o texto, a compreensão do significado de uma obra de arte pressupõe

- a) o reconhecimento de seu significado intrínseco.
- b) a exclusividade do ponto de vista mais recente.
- c) a consideração de seu caráter imutável.
- d) o acúmulo de interpretações anteriores.
- e) a explicação definitiva de seu sentido.

#### Exercício 76

Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. 1Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.

As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, *Teorias da arte*. Adaptad

(Fuvest 2018) No trecho “Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna” (ref. 1), as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- a) realmente; portanto.
- b) invariavelmente; ainda.
- c) com efeito; todavia.
- d) com segurança; também.
- e) possivelmente; até.

#### Exercício 77

(Fuvest 2017) A praga dos selfies

De uma coisa tenho certeza. A foto pelo celular vale apenas pelo momento. Não será feito um álbum de fotografias, como no passado, onde víamos as imagens, lembrávamos da família, de férias, de alegrias. As imagens ficarão esquecidas em um imenso arquivo. Talvez uma ou outra, mais especial, seja revivida. Todas as outras, que ideia. Só valem pelo prazer de fazer o selfie. Mostrar a alguns amigos. Mas o significado original da foto de família ou com amigos, que seria preservar o momento, está perdido. Vale pelo instante, como até grandes amores são hoje em dia. É o sorriso, o clique, e obrigado. A conquista: uma foto com alguém conhecido.

W. Carrasco, “A praga dos selfies”. Época, 26.09.2016.

a) Para que o emprego da palavra “onde”, sublinhada no texto, seja considerado correto, a que termo antecedente ela deve se referir? Justifique sua resposta.

b) Reescreva a frase “Todas as outras, que ideia.”, substituindo os dois sinais de pontuação nela empregados por outros, de tal maneira que fique mais evidente a entonação que ela tem no contexto.

#### Exercício 78

##### TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Ao oferecer-se para ajudar o cego, o homem que depois roubou o carro não tinha em mira, nesse momento preciso, qualquer intenção malévola, muito pelo contrário, o que ele fez não foi mais que obedecer àqueles sentimentos de generosidade e altruísmo que são, como toda a gente sabe, duas das melhores características do gênero humano, podendo ser encontradas até em criminosos bem mais empedernidos do que este, simples 1ladrãozeco de automóveis sem esperança de avanço na carreira, explorado pelos verdadeiros donos do negócio, que esses é que se vão aproveitando das necessidades de quem é pobre. (...) Foi só quando já estava perto da casa do cego que a ideia se lhe apresentou com toda a naturalidade (...). Os cépticos acerca da natureza humana, que são muitos e teimosos, vêm sustentando que se é certo que a ocasião nem sempre faz o ladrão, também é certo que o ajuda muito. 2Quanto a nós, permitir-nos-emos pensar que se o cego tivesse aceitado o segundo oferecimento do afinal falso samaritano, naquele derradeiro instante em que a bondade ainda poderia ter prevalecido, referimo-nos o oferecimento de lhe ficar a fazer companhia enquanto a mulher não chegasse, quem sabe se o efeito da responsabilidade moral resultante da confiança assim outorgada não teria inibido a tentação criminosa e feito vir ao de cima o que de luminoso e nobre sempre será possível encontrar mesmo nas almas mais perdidas.

#### JOSÉ SARAMAGO

Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

(Uerj 2018) O narrador de Ensaio sobre a cegueira emite uma opinião sobre o homem que roubou o carro ao chamá-lo de

ladrãozeco (ref. 1).

Considerando os diferentes tipos de narrador, classifique o do romance de José Saramago. Em seguida, indique o processo de formação da palavra ladrãozeco e aponte o morfema responsável pela avaliação depreciativa que se faz do ladrão.

#### Exercício 79

Pietro Brun, meu tetravô paterno, embarcou em um navio no final do século 19, como tantos italianos pobres, em busca de uma utopia que atendia pelo nome de América. Pietro queria terra, sim. Mas o que o movia era um território de outra ordem. Ele queria salvar seu nome, encarnado na figura de meu bisavô, Antônio. Pietro fora obrigado a servir o exército como soldado por anos demais (...). 1Havia chegado a hora de Antônio se alistar, e o pai decidiu que não perderia seu filho. Fugiu com ele e com a filha Luigia para o sul do Brasil. 2Como desertava, meu bisavô Antônio foi levado em um bote até o navio que já se afastava do porto de Gênova. Embarcou como clandestino. Ao desembarcar no Brasil, em 10 de fevereiro de 1883, Pietro declarou o nome completo. O funcionário do Império, como aconteceu tantas e tantas vezes, registrou-o conforme ouviu. Tornando-o, no mundo novo, Brum – com “m”. Meu pai, Argemiro, filho de José, neto de Antônio e bisneto de Pietro, tomou para si a missão de resgatar essa história e documentá-la.

3No início dos anos 1990 cogitamos reivindicar a cidadania italiana. Possuímos todos os documentos, organizados numa pasta. 4Mas entre nós existe essa diferença na letra. 5Antes de ingressar com a documentação, seria preciso corrigir o erro do burocrata do governo imperial que substituiu um “n” por um “m”. 6Um segundo ele deve ter demorado para nos transformar, e com certeza morreu sem saber. E, se soubesse, não teria se importado, porque era apenas o nome de mais um imigrante a bater nas costas do Brasil despertencido de tudo. Cabia a mim levar essa empreitada adiante.

Há uma autonomia na forma como damos carne ao nosso nome com a vida que construímos – e não com a que herdamos. (...) Eu escolho a memória. A desmemória assombra porque não a nomeamos, respira em nossos porões como monstros sem palavras. A memória, não. É uma escolha do que esquecer e do que lembrar – e uma oportunidade de ressignificar o passado para ganhar um futuro. 7Pela memória nos colocamos não só em movimento, mas nos tornamos o próprio movimento. Gesto humano, para sempre incompleto.

8Ao fugir para o Brasil, metade dos Brun ganhou uma perna a mais. O “n” virou “m”. Mas essa perna a mais era um membro fantasma, um ganho que revelava uma perda.

(...)

9Quando Pietro Brun atravessou o mar deixando mortos e vivos na margem que se distanciou, ele não poderia ser o mesmo ao alcançar o outro lado. 10Ele tinha de ser outro, assim como nós, que resultamos dessa aventura desesperada. Era imperativo que ele fosse Pietro Brum – e depois até Pedro Brum.

#### ELIANE BRUM

Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: LeYa, 2014.

(Uerj 2017) Como desertava, meu bisavô Antônio foi levado em um bote até o navio que já se afastava do porto de Gênova. (ref. 2)

O trecho sublinhado estabelece com o restante da frase o sentido de:

- a) causa
- b) conclusão
- c) concessão
- d) conformidade

#### Exercício 80

Pietro Brun, meu tetravô paterno, embarcou em um navio no final do século 19, como tantos italianos pobres, em busca de uma utopia que atendia pelo nome de América. Pietro queria terra, sim. Mas o que o movia era um território de outra ordem. Ele queria salvar seu nome, encarnado na figura de meu bisavô, Antônio. Pietro fora obrigado a servir o exército como soldado por anos demais (...). 1Havia chegado a hora de Antônio se alistar, e o pai decidiu que não perderia seu filho. Fugiu com ele e com a filha Luigia para o sul do Brasil. 2Como desertava, meu bisavô Antônio foi levado em um bote até o navio que já se afastava do porto de Gênova. Embarcou como clandestino. Ao desembarcar no Brasil, em 10 de fevereiro de 1883, Pietro declarou o nome completo. O funcionário do Império, como aconteceu tantas e tantas vezes, registrou-o conforme ouviu. Tornando-o, no mundo novo, Brum – com “m”. Meu pai, Argemiro, filho de José, neto de Antônio e bisneto de Pietro, tomou para si a missão de resgatar essa história e documentá-la.

3No início dos anos 1990 cogitamos reivindicar a cidadania italiana. Possuímos todos os documentos, organizados numa pasta. 4Mas entre nós existe essa diferença na letra. 5Antes de ingressar com a documentação, seria preciso corrigir o erro do burocrata do governo imperial que substituiu um “n” por um “m”. 6Um segundo ele deve ter demorado para nos transformar, e com certeza morreu sem saber. E, se soubesse, não teria se importado, porque era apenas o nome de mais um imigrante a bater nas costas do Brasil despertencido de tudo. Cabia a mim levar essa empreitada adiante.

Há uma autonomia na forma como damos carne ao nosso nome com a vida que construímos – e não com a que herdamos. (...) Eu escolho a memória. A desmemória assombra porque não a nomeamos, respira em nossos porões como monstros sem palavras. A memória, não. É uma escolha do que esquecer e do que lembrar – e uma oportunidade de ressignificar o passado para ganhar um futuro. 7Pela memória nos colocamos não só em movimento, mas nos tornamos o próprio movimento. Gesto humano, para sempre incompleto.

8Ao fugir para o Brasil, metade dos Brun ganhou uma perna a mais. O “n” virou “m”. Mas essa perna a mais era um membro fantasma, um ganho que revelava uma perda.

(...)

9Quando Pietro Brun atravessou o mar deixando mortos e vivos na margem que se distanciou, ele não poderia ser o mesmo ao alcançar o outro lado. 10Ele tinha de ser outro, assim como nós, que resultamos dessa aventura desesperada.

Era imperativo que ele fosse Pietro Brum – e depois até Pedro Brum.

#### ELIANE BRUM

Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: LeYa, 2014.

(Uerj 2017) A partir da narrativa de um episódio familiar, a autora elabora reflexões que vão além desse contexto pessoal, generalizando-o.

Essa generalização pode ser observada no emprego da primeira pessoa do plural no seguinte trecho:

- a) Mas entre nós existe essa diferença na letra. (ref. 4)
- b) Um segundo ele deve ter demorado para nos transformar, (ref. 6)
- c) Pela memória nos colocamos não só em movimento, (ref. 7)
- d) Ele tinha de ser outro, assim como nós, (ref. 10)

#### Exercício 81

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:  
A CIDADE

Destinava-se a uma cidade maior, mas o trem permaneceu indefinidamente na antepenúltima estação.

Cariba acreditou que a demora poderia ser atribuída a algum 1comboio de carga descarrilado na linha, acidente comum naquele trecho da ferrovia. Como se fizesse excessivo o atraso e ninguém o procurasse para lhe explicar o que estava ocorrendo, pensou numa provável desconsideração à sua pessoa, em virtude de ser o único passageiro do trem. Chamou o funcionário que examinara as passagens e quis saber se constituía motivo para tanta negligência o fato de ir vazia a composição.

Não recebeu uma resposta direta do empregado da estrada, que se limitou a apontar o morro, onde se dispunham, sem simetria, dezenas de casinhas brancas.

– Belas mulheres? – indagou o viajante.

– Casas vazias.

Percebeu logo que tinha pela frente um cretino. 2Apanhou as malas e se dispôs a subir as íngremes ladeiras que o conduziram ao povoado.

(...)

Durante todo o percurso, desde as vias secundárias à avenida principal, os moradores do lugar observaram Cariba com desconfiança. Talvez estranhassem as 3valises de couro de camelo que carregava ou o seu paletó xadrez, as calças de veludo azul. Mesmo sendo o seu traje usual nas constantes viagens que fazia, achou prudente desfazer qualquer mal-entendido provocado pela sua presença entre eles:

– Que cidade é esta? – perguntou, esforçando-se para dar às palavras o máximo de cordialidade.

Nem chegou a indagar pelas mulheres, conforme pretendia.

Pegaram-no com violência pelos braços e o foram levando, aos trancos, para a delegacia de polícia:

– É o homem procurado – disseram ao delegado, um sargento 4espadaúdo e rude.

(...)

O sargento chegara a uma conclusão, entretanto divagava:



– O telegrama da Chefia de Polícia não esclarece nada sobre a nacionalidade do delinquente, sua aparência, idade e quais os crimes que cometeu. Diz tratar-se de elemento altamente perigoso, identificável pelo mau hábito de fazer perguntas e que estaria hoje neste lugar.

(...)

5Cinco meses após a sua detenção, ele não mais espera sair da cadeia. Das suas grades, observa os homens que passam na rua. Mal o encaram, amedrontados, apressam o passo. Pressente, às vezes, que irão perguntar qualquer coisa aos companheiros e fica à espreita, ansioso que isso aconteça. Logo se desengana. Abrem a boca, arrependem-se, e se afastam rapidamente.

Caminha, dentro da noite, de um lado para outro. E, ao avistar o guarda, cumprindo sua ronda noturna, a examinar se as celas estão em ordem, corre para as grades internas, impelido por uma débil esperança:

– Alguém fez hoje alguma pergunta?

– 6Não. Ainda é você a única pessoa que faz perguntas nesta cidade.

MURILO RUBIÃO

Obra completa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

1comboio – trem

3valise – mala de mão

4espadaúdo – de ombros largos

68. (Uerj 2017) Observe a mudança de posição da palavra sublinhada nos enunciados a seguir:

1. Não. Ainda é você a única pessoa que faz perguntas nesta cidade. (ref. 6)

2. Não. É você a única pessoa que ainda faz perguntas nesta cidade.

Explique a diferença de sentido entre os enunciados, a partir da posição da palavra ainda. Justifique, também, a opção do autor pela primeira construção, relacionando-a à trajetória do personagem central.

Exercício 82

A CIDADE

Destinava-se a uma cidade maior, mas o trem permaneceu indefinidamente na antepenúltima estação.

Cariba acreditou que a demora poderia ser atribuída a algum 1comboio de carga descarrilado na linha, acidente comum naquele trecho da ferrovia. Como se fizesse excessivo o atraso e ninguém o procurasse para lhe explicar o que estava ocorrendo, pensou numa provável desconsideração à sua pessoa, em virtude de ser o único passageiro do trem. Chamou o funcionário que examinara as passagens e quis saber se constituía motivo para tanta negligência o fato de ir vazia a composição.

Não recebeu uma resposta direta do empregado da estrada, que se limitou a apontar o morro, onde se dispunham, sem

simetria, dezenas de casinhas brancas.

– Belas mulheres? – indagou o viajante.

– Casas vazias.

Percebeu logo que tinha pela frente um cretino. 2Apanhou as malas e se dispôs a subir as íngremes ladeiras que o conduziriam ao povoado.

(...)

Durante todo o percurso, desde as vias secundárias à avenida principal, os moradores do lugar observaram Cariba com desconfiança. Talvez estranhassem as 3valises de couro de camelo que carregava ou o seu paletó xadrez, as calças de veludo azul. Mesmo sendo o seu traje usual nas constantes viagens que fazia, achou prudente desfazer qualquer mal-entendido provocado pela sua presença entre eles:

– Que cidade é esta? – perguntou, esforçando-se para dar às palavras o máximo de cordialidade.

Nem chegou a indagar pelas mulheres, conforme pretendia.

Pegaram-no com violência pelos braços e o foram levando, aos trancos, para a delegacia de polícia:

– É o homem procurado – disseram ao delegado, um sargento 4espadaúdo e rude.

(...)

O sargento chegara a uma conclusão, entretanto divagava:

– O telegrama da Chefia de Polícia não esclarece nada sobre a nacionalidade do delinquente, sua aparência, idade e quais os crimes que cometeu. Diz tratar-se de elemento altamente perigoso, identificável pelo mau hábito de fazer perguntas e que estaria hoje neste lugar.

(...)

5Cinco meses após a sua detenção, ele não mais espera sair da cadeia. Das suas grades, observa os homens que passam na rua. Mal o encaram, amedrontados, apressam o passo. Pressente, às vezes, que irão perguntar qualquer coisa aos companheiros e fica à espreita, ansioso que isso aconteça. Logo se desengana. Abrem a boca, arrependem-se, e se afastam rapidamente.

Caminha, dentro da noite, de um lado para outro. E, ao avistar o guarda, cumprindo sua ronda noturna, a examinar se as celas estão em ordem, corre para as grades internas, impelido por uma débil esperança:

– Alguém fez hoje alguma pergunta?

– 6Não. Ainda é você a única pessoa que faz perguntas nesta cidade.

MURILO RUBIÃO

Obra completa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

1comboio – trem

3valise – mala de mão

4espadaúdo – de ombros largos

(Uerj 2017) Leia os trechos abaixo, que apresentam, respectivamente, um fragmento do texto e sua reescrita:

1. Apanhou as malas e se dispôs a subir as íngremes ladeiras que o conduziram ao povoado. (ref. 2)

2. Apanhou as malas e se dispôs a subir as íngremes ladeiras que o conduziam ao povoado.

Explique a diferença de sentido entre as duas construções. Justifique, ainda, a opção do autor pela primeira formulação, tendo em vista o desenrolar da narrativa.

#### Exercício 83

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:  
A CIDADE

Destinava-se a uma cidade maior, mas o trem permaneceu indefinidamente na antepenúltima estação.

Cariba acreditou que a demora poderia ser atribuída a algum 1comboio de carga descarrilado na linha, acidente comum naquele trecho da ferrovia. Como se fizesse excessivo o atraso e ninguém o procurasse para lhe explicar o que estava ocorrendo, pensou numa provável desconsideração à sua pessoa, em virtude de ser o único passageiro do trem.

Chamou o funcionário que examinara as passagens e quis saber se constituía motivo para tanta negligência o fato de ir vazia a composição.

Não recebeu uma resposta direta do empregado da estrada, que se limitou a apontar o morro, onde se dispunham, sem simetria, dezenas de casinhas brancas.

– Belas mulheres? – indagou o viajante.

– Casas vazias.

Percebeu logo que tinha pela frente um cretino. 2Apanhou as malas e se dispôs a subir as íngremes ladeiras que o conduziriam ao povoado.

(...)

Durante todo o percurso, desde as vias secundárias à avenida principal, os moradores do lugar observaram Cariba com desconfiança. Talvez estranhassem as 3valises de couro de camelo que carregava ou o seu paletó xadrez, as calças de veludo azul. Mesmo sendo o seu traje usual nas constantes viagens que fazia, achou prudente desfazer qualquer mal-entendido provocado pela sua presença entre eles:

– Que cidade é esta? – perguntou, esforçando-se para dar às palavras o máximo de cordialidade.

Nem chegou a indagar pelas mulheres, conforme pretendia.

Pegaram-no com violência pelos braços e o foram levando, aos trancos, para a delegacia de polícia:

– É o homem procurado – disseram ao delegado, um sargento 4espadaúdo e rude.

(...)

O sargento chegara a uma conclusão, entretanto divagava:

– O telegrama da Chefia de Polícia não esclarece nada sobre a nacionalidade do delinquente, sua aparência, idade e quais os crimes que cometeu. Diz tratar-se de elemento altamente perigoso, identificável pelo mau hábito de fazer perguntas e que estaria hoje neste lugar.

(...)

5Cinco meses após a sua detenção, ele não mais espera sair da cadeia. Das suas grades, observa os homens que passam na rua. Mal o encaram, amedrontados, apressam o passo.

Pressente, às vezes, que irão perguntar qualquer coisa aos companheiros e fica à espreita, ansioso que isso aconteça. Logo

se desengana. Abrem a boca, arrependem-se, e se afastam rapidamente.

Caminha, dentro da noite, de um lado para outro. E, ao avistar o guarda, cumprindo sua ronda noturna, a examinar se as celas estão em ordem, corre para as grades internas, impelido por uma débil esperança:

– Alguém fez hoje alguma pergunta?

– 6Não. Ainda é você a única pessoa que faz perguntas nesta cidade.

#### MURILO RUBIÃO

Obra completa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

1comboio – trem

3valise – mala de mão

4espadaúdo – de ombros largos

(Uerj 2017) Cinco meses após a sua detenção, ele não mais espera sair da cadeia. Das suas grades, observa os homens que passam na rua. Mal o encaram, amedrontados, apressam o passo. (ref. 5)

A partir do parágrafo acima, a narração passa a ser feita no tempo e modo verbal das formas destacadas.

Identifique esse tempo e modo verbal e explique o efeito que seu emprego produz, considerando a situação em que Cariba se encontra.

#### Exercício 84

Leia o trecho do livro A dança do universo, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial. Divididas entre enfrentar sua insegurança expondo suas ideias à opinião dos outros, ou manter-se na defensiva, elas preferem a segunda opção. O mundo está cheio de poemas e teorias escondidos no porão. Copérnico é, talvez, o mais famoso desses relutantes heróis da história da ciência. Ele foi o homem que colocou o Sol de volta no centro do Universo, ao mesmo tempo fazendo de tudo para que suas ideias não fossem difundidas, possivelmente com medo de críticas ou perseguição religiosa. Foi quem colocou o Sol de volta no centro do Universo, motivado por razões erradas. Insatisfeito com a falha do modelo de Ptolomeu, que aplicava o dogma platônico do movimento circular uniforme aos corpos celestes, Copérnico propôs que o equante fosse abandonado e que o Sol passasse a ocupar o centro do cosmo. Ao tentar fazer com que o Universo se adaptasse às ideias platônicas, ele retornou aos pitagóricos, ressuscitando a doutrina do fogo central, que levou ao modelo heliocêntrico de Aristarco dezoito séculos antes. Seu pensamento reflete o desejo de reformular as ideias cosmológicas de seu tempo apenas para voltar ainda mais no

passado; Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador. Ele jamais poderia ter imaginado que, ao olhar para o passado, estaria criando uma nova visão cósmica, que abriria novas portas para o futuro. Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.

Entre 1510 e 1514, compôs um pequeno trabalho resumindo suas ideias, intitulado *Commentariolus* (Pequeno comentário). Embora na época fosse relativamente fácil publicar um manuscrito, Copérnico decidiu não publicar seu texto, enviando apenas algumas cópias para uma audiência seleta. Ele acreditava piamente no ideal pitagórico de discrição; apenas aqueles que eram iniciados nas complicações da matemática aplicada à astronomia tinham permissão para compartilhar sua sabedoria. Certamente essa posição elitista era muito peculiar, vinda de alguém que fora educado durante anos dentro da tradição humanista italiana. Será que Copérnico estava tentando sentir o clima intelectual da época, para ter uma ideia do quão “perigosas” eram suas ideias? Será que ele não acreditava muito nas suas próprias ideias e, portanto, queria evitar qualquer tipo de crítica? Ou será que ele estava tão imerso nos ideais pitagóricos que realmente não tinha o menor interesse em tornar populares suas ideias? As razões que possam justificar a atitude de Copérnico são, até hoje, um ponto de discussão entre os especialistas.

(A dança do universo, 2006. Adaptado.)

(Unesp 2019) Expressam ideia de repetição e ideia de negação, respectivamente, os prefixos das palavras

- a) “relativamente” (4º parágrafo) e “insegurança” (1º parágrafo).
- b) “insatisfeito” (2º parágrafo) e “reconhecem” (1º parágrafo).
- c) “retornou” (2º parágrafo) e “difundidas” (2º parágrafo).
- d) “reformular” (3º parágrafo) e “involuntariamente” (3º parágrafo).
- e) “compartilhar” (4º parágrafo) e “intitulado” (4º parágrafo).

### Exercício 85

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Leia a cena inicial da comédia *O noviço*, de Martins Pena.

AMBRÓSIO: No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la. Pintam-na cega... Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para vê-la e a alcançar. Todo homem pode ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e pertinácia são poderosos auxiliares. Qual o homem que, resolvido a empregar todos os meios, não consegue enriquecer-se? Em mim se vê o exemplo. Há oito anos, era eu pobre e miserável, e hoje sou rico, e mais ainda serei. O como não importa; no bom resultado está o mérito... Mas um dia pode tudo mudar. Oh, que temo eu? Se em algum tempo tiver de responder pelos meus atos, o ouro justificar-me-á e serei limpo de culpa. As leis criminais fizeram-se para os pobres...

(Martins Pena. *Comédias* (1844-1845), 2007.)

(Unesp 2022) Um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, sem a modificação de

sua forma. É o que se denomina derivação imprópria. Na fala de Ambrósio, constitui exemplo de derivação imprópria o vocábulo sublinhado em

- a) “O como não importa”.
- b) “Mas um dia pode tudo mudar”.
- c) “No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la”.
- d) “Pintam-na cega”.
- e) “Em mim se vê o exemplo”.

### Exercício 86

(Unicamp 2021) Leia abaixo alguns excertos do poema *Menimelímetros*, de Luz Ribeiro, poeta do Slam das Minas de São Paulo. Esse poema foi apresentado performaticamente em alguns slams de que ela participou no Brasil.

os menino passam liso  
pelos becos e vielas  
os menino passam liso  
pelos becos e vielas  
os menino passam liso  
pelos becos e vielas  
você que fala em becos e vielas  
sabe quantos centímetros cabem em um menino?  
sabe de quantos metros ele despenca  
quando uma bala perdida o encontra?  
Sabe quantos não ele já perdeu a conta? (...)  
esses menino tudo sem educação  
que dão bom dia, abrem até o portão  
tão tudo fora das grades escolares  
nunca tiveram reforço – de ninguém  
mas reforçam a força e a tática  
do tráfico, mais um refém (...)  
que esses meninos sem nem carinho  
não tem carrinho no barbante  
pensa que bonito se fosse peixinho fora d’água  
a desbicar no céu  
mas é réu na favela  
lhe fizeram pensar voos altos  
voa, voa, voa...aviãozinho  
e os menino corre, corre, corre  
faz seus corres, corres, corres (...)  
“ceis” já pararam pra ouvir alguma vez os sonhos  
dos meninos?

é tudo coisa de centímetros:  
um pirulito, um picolé  
um pai, uma mãe  
um chinelo que lhe caiba nos pés  
um aviso: quanto mais retinto o menino  
mais fácil de ser extinto  
seus centímetros não suportam 9 milímetros  
porque esses meninos  
esses meninos sentem metros

- a) O título *Menimelímetros* é um neologismo que funde ao menos duas palavras. Quais são essas palavras? Transcreva os versos que sintetizam o título do poema.
- b) Na terceira estrofe, há um jogo de palavras. Identifique esse jogo de palavras e explique a relação de causa e consequência estabelecida por ele.

### Exercício 87

(Unicamp 2022) Leia, a seguir, o título e subtítulo de uma reportagem.

Ao longo da pandemia da Covid-19 tornou-se cada vez mais recorrente o uso da expressão de língua inglesa home office (em tradução literal, “escritório em casa”) para se referir a trabalho a distância ou a teletrabalho. Indique a alternativa que descreve o processo de composição do neologismo “roça-office”, conforme empregado no título da reportagem.

a) A substituição do vocábulo em inglês “home” por “roça” torna o uso desse estrangeirismo mais adequado à grafia do português.

b) A justaposição de “roça” e “office” produz um efeito cômico pelo contraste entre os meios rural e urbano na formação do neologismo.

c) A justaposição de “roça” e do neologismo “office” baseia-se na similaridade fonético-fonológica entre os vocábulos “home” e “roça”.

d) A aglutinação dos radicais “roça” e “office” adapta o neologismo aos imóveis brasileiros e produz o efeito de humor na manchete.

## GABARITO

### Exercício 1

c) artigo, substantivo e verbo.

### Exercício 2

d) F, F, V, V

### Exercício 3

b) “...um grande número de pessoas se encontra em...” (ref. 7)

☐ ...um grande número de pessoas se encontram em...

### Exercício 4

d) “...o filósofo Nuccio Ordine sempre pergunta aos seus alunos...” (ref. 1) ☐ ...o filósofo Nuccio Ordine sempre lhes pergunta...

### Exercício 5

d) um neologismo formado por sufixação.

### Exercício 6

a) Os nomes em -ão fazem o plural de diversas maneiras: *órgão > órgãos, limão > limões, alemão > alemães*.

### Exercício 7

a) “Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando.”

### Exercício 8

d) “Por meio dos seus métodos e instrumentos, a ciência nos permite analisar o mundo ao redor e ver além do que os olhos podem enxergar.” (parágrafo 2) [ciência]

### Exercício 9

d) “– Como?!... Ora... Pois se eu a estou a dizer?” (9º parágrafo)

### Exercício 10

b) contrariado.

### Exercício 11

c) “deformados” e “recobertas”.

### Exercício 12

c) Impaciente

### Exercício 13

d) “desconhecido” e “insegurança”.

### Exercício 14

a) “reabilitadas” (4º parágrafo) e “infinitas” (4º parágrafo).

### Exercício 15

c) penumbra; diálogo; periscópio; exogamia; sintaxe

### Exercício 16

c) rapidez e modo.

### Exercício 17

e) defuntabilizar

### Exercício 18

a) F – V – V – V.

### Exercício 19

c) “Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho.” (2º parágrafo)

#### Exercício 20

01) em “Não à toa essa elite defendeu [...]” (ref. 1), a expressão sublinhada pode ser substituída no texto por “ao acaso”, sem prejuízo de significado.

02) em “[...] a implementação de políticas que resultassem [...]” (ref. 3), o vocábulo sublinhado funciona como pronome relativo, estabelecendo relação entre orações e retomando um antecedente.

16) o sinal de dois-pontos (ref. 14) é usado, nas duas ocorrências, para introduzir informações que esclarecem o conteúdo apresentado anteriormente em cada uma delas.

#### Exercício 21

e) “Também o viver mais será escusado.” (2ª estrofe)

#### Exercício 22

b) “A ausência é um estar em mim.”

#### Exercício 23

e) planejamento – sufixação; combate – derivação regressiva.

#### Exercício 24

d) *fidalgo*, composição por aglutinação.

#### Exercício 25

d) *enfraquecidos* (ref. 7).

#### Exercício 26

b) O uso do pronome demonstrativo “este”, no primeiro quadrinho, justifica-se por se referir a algo que ainda vai ser apresentado no próximo quadrinho.

#### Exercício 27

c) “pois ser eternamente adolescente nada é mais *démodé* [...]”.

#### Exercício 28

d) As palavras “roubo” e “furto”, ambas no último parágrafo, além de próximas semanticamente, são formadas pelo mesmo processo, no caso, a derivação regressiva.

#### Exercício 29

e) há a criação de novas palavras. há anexação de sufixo na palavra de origem.

#### Exercício 30

e) Upa, Funai.

#### Exercício 31

c) Somente as afirmativas I, II, IV e V são verdadeiras.

#### Exercício 32

a) composição – enfadonhos – descrentes

#### Exercício 33

b) parassíntese, derivação regressiva, sufixação, aglutinação e onomatopeia.

#### Exercício 34

a) imposição da palavra, formada por um mecanismo que dispensa elementos conhecidos da língua.

#### Exercício 35

c) “Intocável” é uma palavra formada por derivação prefixal e sufixal.

#### Exercício 36

d) caso antes da locução “... podem sentir-*se* alguém...”, houvesse uma palavra negativa, o pronome *se* teria que, obrigatoriamente, vir antes do verbo *poder*.

#### Exercício 37

c) desagravo da honra de um dos combatentes.

#### Exercício 38

b) V – V – V – F.

#### Exercício 39

d) Nas palavras destacadas em “... Gates ficou fascinado por Jobs e com uma ligeira inveja de seu efeito hipnótico...” (ref. 6), há, respectivamente, dígrafo, dígrafo e encontro consonantal.

#### Exercício 40

d) Sem prejuízo da adequação gramatical, o adjetivo composto **étnico-racial** poderia substituir a sequência dos dois adjetivos empregados na referência 5.

#### Exercício 41

c) A leitura depois de certa idade distrai excessivamente o espírito humano das suas reflexões criadoras. Todo homem que lê demais e usa o cérebro de menos adquire a preguiça de pensar.

#### Exercício 42

a) apresenta, na construção do sentido, a figura de linguagem paradoxo.

#### Exercício 43

c) um sufixo de valor diminutivo.

#### Exercício 44

d) 3 - 4 - 2 - 1.

#### Exercício 45

e) aglutinação e justaposição.

#### Exercício 46

b) A2, A2.

#### Exercício 47

- 1) justaposição
- 2) aglutinação
- 3) aglutinação
- 4) justaposição
- 5) aglutinação

#### Exercício 48

a) “E o irmão lá atrás, respeitoso, [...]” (3º parágrafo) - o sufixo “-oso” forma o adjetivo sublinhado a partir de um substantivo.

#### Exercício 49

d) F – V – F – V – V

#### Exercício 50

c) Apenas I e II.

#### Exercício 51

e) Chuvisco, boiada, folhagem e cafeína.

#### Exercício 52

c) *E conclui: ‘E em todas essas perguntas sentimos o eco otimista: não preciso de me preocupar com o todo, ele tomará conta de si mesmo’.*

#### Exercício 53

c) à maneira de Ruy Barbosa.

#### Exercício 54

c) A fera bramia diante dos caçadores.

#### Exercício 55

b) As palavras “migrante”, “emigrante” e “imigrante” são formadas a partir do mesmo radical.

#### Exercício 56

c) são constituídos a partir de um mesmo radical, ao qual se adicionam sufixos já disponíveis na língua portuguesa.

#### Exercício 57

a) composição por justaposição e derivação sufixal.

b) Os observadores criaram um neologismo superficialmente, pois eles não conseguiram alcançar um conhecimento aprofundado sobre o povo Ossevaolep.

#### Exercício 58

c) conservadora.

#### Exercício 59

c) estrangeirismo.

#### Exercício 60

c) Culpar os outros pelas próprias carências.

#### Exercício 61

e) apesar de não ter sido mencionado no texto, também seria possível transformar “Photoshop” em advérbio de modo: “fotoxopalmente”.

#### Exercício 62

d) mudançarinos.

#### Exercício 63

a) "A fúria desse front / Virá lapidar o sonho / Até gerar o som / Como querer CAETANEAR / O que há de bom" ("Sina", Djavan).

#### Exercício 64

b) A palavra "BLOGUEIRA" comprova que a apropriação de estrangeirismos é um mecanismo de empobrecimento do processo de formação de palavras do português.

#### Exercício 65

a) O neologismo consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente, como acontece em bacuralizar por derivação sufixal a partir de bacurau (bacurau+-izar).



b) Como exemplo do uso de “bacuralizar” para a primeira acepção da palavra registrada no **texto II** pode ser sugerida a frase “Face à necessidade de ampliar o público leitor, a escola bacuralizou-se na tentativa de conseguir material e equipamento para construir uma biblioteca itinerante que passe regularmente pela comunidade”. Para a segunda acepção, “A escalada de violência policial contra a população pobre da comunidade obrigou a população a bacuralizar-se”.

#### Exercício 66

a) 2 - 4 - 3

#### Exercício 67

c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

#### Exercício 68

a) abuso / anencéfalo

#### Exercício 69

e) Gatinho, cabeçudo, debate.

#### Exercício 70

b) “velhice”.

#### Exercício 71

c) A maioria dos verbos terminados em “(i)lizar”, presentes no texto, foi incorporada à língua por influência estrangeira.

#### Exercício 72

a) aristocracia – estomatite – demagogo – zoofobia

#### Exercício 73

a) O termo “marilama” é composto, por aglutinação, pelas palavras originárias mariana e lama, ambas caracterizadas pela repetição harmônica da vogal “a” em suas sílabas, assonância que se repete na nova palavra.

b) Segundo o texto, os jovens do vilarejo rural de Bento Rodrigues, alocados em bairros que tinham sido poupados da tragédia causada pela ruptura da barragem de Fundão, da mineradora Samarco, eram objeto de preconceito e bullying por parte dos moradores. Para escapar desse tipo de agressão, os jovens evitavam circular na cidade com o uniforme da Escola Municipal de Bento Rodrigues, uma demonstração de tentativa de apagamento de suas identidades.

#### Exercício 74

a) O termo “precariado” é formado por derivação sufixal, a partir do radical do adjetivo precário (precari). O afixo -ado empresta valor coletivo ao adjetivo, passando a designar uma categoria laboral em que o trabalhador deixa de ter os seus direitos básicos assegurados.

b) A expressão “com razão” exerce função sintática de adjunto adverbial de afirmação, acentuando a concordância de Giovanni Alves com a crítica de Ruy Braga ao conceito formulado por Guy Standing de que o precariado seria uma “nova classe social”.

#### Exercício 75

d) o acúmulo de interpretações anteriores.

#### Exercício 76

a) realmente; portanto.

#### Exercício 77

a) O emprego da palavra “onde”, no texto, refere-se a “passado”. Trata-se de um uso incorreto, já que, de acordo com a norma culta, o pronome relativo “onde” deve ser empregado para referência a lugares. Assim, para que seu uso no texto fosse considerado correto, deveria referir-se ao antecedente “álbum de fotografias”.

b) “Todas as outras? Que ideia!”.

#### Exercício 78

Por não fazer parte da narrativa, mas apresentar opiniões acerca das personagens, temos um narrador observador onisciente (3a pessoa). Este emite um julgamento ao valer-se da palavra “ladrãozeco”, derivada de “ladrão” por meio da sufixação com o morfema -eco (que traz uma avaliação depreciativa).

#### Exercício 79

a) causa

#### Exercício 80

c) Pela memória nos colocamos não só em movimento, (ref. 7)

#### Exercício 81

Em [1], Cariba foi e ainda é o único a fazer perguntas no povoado.

Em [2], fica implícito que houve um tempo em que outras pessoas também faziam perguntas.

A primeira construção indica o real motivo da prisão de Cariba: ele é o único a fazer perguntas naquele povoado.

#### Exercício 82

Em [1], as ladeiras poderiam conduzi-lo, ou não, ao povoado.

Em [2], as ladeiras o conduziam ao povoado necessariamente.

Na construção que o conduziriam ao povoado, o emprego do futuro do pretérito exprime a incerteza explorada na narrativa quanto à chegada de Cariba ao povoado.

#### Exercício 83

**Presente do indicativo.**

**Efeito: o emprego dos verbos no presente do indicativo traz para a narrativa a ideia de permanência, em consonância com o fato de Cariba continuar preso sem nenhuma perspectiva de mudança.**

**Exercício 84**

d) “reformular” (3º parágrafo) e “involuntariamente” (3º parágrafo).

**Exercício 85**

a) “O como não importa”.

**Exercício 86**

a) O neologismo “Menimélímetros” é composto pelas palavras meninos e milímetros, como expresso nos versos “um aviso: quanto mais retinto o menino/mais fácil de ser extinto/seus centímetros não suportam 9 milímetros/porque esses meninos/esses meninos sentem metros”.

b) Nos versos “nunca tiveram reforço – de ninguém/mas reforçam a força e a tática/do tráfico, mais um refém”, as palavras “reforço” e “reforçam” fazem alusão à falta de apoio escolar e social como causa principal do seu ingresso na prática do crime o que, como consequência, os transforma em reféns do tráfico.

**Exercício 87**

b) A justaposição de “roça” e “office” produz um efeito cômico pelo contraste entre os meios rural e urbano na formação do neologismo.